

LUCIANA CRISTINA SOUZA SCHISSATTI



Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras-Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Mioto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-LINGÜÍSTICA

MAIO – 2004

## *Agradecimentos*

Quem tem alguma experiência com coleta de dados, com a sua organização e análise, conhece as dificuldades de quem opta por estudar uma língua ainda não descrita e analisada. É um contínuo emaranhar-se de problemas. Sem contar os imprevistos! É por essa razão que sinto a necessidade de agradecer a todos os que fizeram parte, a todos os que colaboraram para a realização deste trabalho, possibilitando que ele chegasse ao fim.

Primeiramente aos informantes de Rodeio e da Itália, ao Célio, à Cláudia, à Laura, à Dona Iva, à Dona Ambrosina e ao Celeste.

À Márcia Testoni e família pela hospitalidade em sua casa todas as vezes que eu chagava em Rodeio para iniciar mais uma das coletas.

Ao pessoal do Circolo Trentino de Trento que não mediu esforços para ajudar a localizar informantes para a pesquisa na Itália.

Aos professores da Università degli Studi di Padova, em especial à Cecília Poletto por abrir os horizontes, por aceitar os meus limites e sempre me estimular. Obrigada pelo direcionamento no momento oportuno, pela prontidão em responder os meus e-mails e pela disponibilidade em todas as horas. À Paola Benincà, pela solidariedade que tornou mais leve o ‘soggiorno’ em Padova. À professora Teresa Vigolo, por auxiliar na localização das cidades da pesquisa.

Ao Professor Nicola Munaro pelos textos cedidos e pela boa vontade em ajudar sempre.

Ao Federico Damonte, pelo fraterno espírito de cooperação e as colegas Chiara Polo, Laura Sagrioto e Barbara Patruno da Università degli Studi di Padova.

Ao Mioto, meu orientador, por aceitar e respeitar as minhas escolhas. À Regina por lançar-me nesta empreitada. Pela sua sensibilidade e generosidade.

À Ruth Lopes, pelo incentivo em não abandonar o dialeto trentino. Obrigada pelo diálogo sempre aberto e pelas respostas nos momentos de dúvidas.

À Maria Cristina Figueiredo Silva, pelas sugestões para a versão final da tese.

Ao professor Apóstolo, pela torcida, incentivo e por elevar o astral, sempre, incondicionalmente. Um muito obrigado da sua fã.

À Sandra Mara (in memória), pelas correções e pela maneira simples e divertida de ser o que é.

À Elizabeth Anunciação Ramos da Silva, a Beth do laboratório de Línguas da UFSC, pelo carinho com que ela conduz o seu trabalho e por ajudar nas decodificações das gravações.

Ao David e à Giorgia, pela amizade que cresce e se fortalece a cada dia. Pela energia em todos os momentos, especialmente nos finais. As dificuldades mostram o tamanho da nossa força! Carissimi, siete sempre nel mio cuore!

Aos meus pais, Telmo e Graci, por me ensinarem a lutar até o fim! À Heloisa, minha irmã, por ouvir os meus desabafos sem me julgar.

Às amigas da lingüística, Otília e Adriana, exemplos de dedicação. Como é bom fazer o que se gosta.

Aos amigos do coração, ‘a galera’, que ajudaram a carregar o fardo quando ele estava muito pesado.

A Deus, pela vida.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Ao Márcio, por compartilhar cada passo desta jornada, pela tolerância e pelo incentivo sem medidas. Pelo seu bom-humor diário e seu espírito elevado. Por clarear o caminho, iluminar a minha vida! Essas páginas carregam uma parte de nós.

## SUMÁRIO

Resumo .....	6
ABSTRACT .....	7
Introdução.....	8
1. Metodologia.....	12
1.1 Para começar .....	12
1.2 Coleta de dados .....	12
1.3 Área de estudo.....	14
1.4 Perfil dos informantes .....	15
1.5 Para fechar.....	15
2. Algumas características do DT.....	17
2.1 Para começar .....	17
2.2 Presença de sujeitos clíticos .....	17
2.2.1 Clítico e posição do sujeito.....	22
2.2.1.1 Sujeito pré-verbal .....	22
2.2.1.2 Sujeito pós-verbal.....	24
2.2.2 Clítico e tipo de verbo.....	26
2.2.3 Posições dos sujeitos clíticos .....	27
2.2.4 Clítico neutro .....	30
2.2.5 O caso do feminino .....	39
2.2.6 Para fechar .....	40
2.3 Propostas para os sujeitos clíticos.....	42
2.3.1 Clítico na flexão.....	43
2.3.1.1 Rizzi (1986).....	43
2.3.1.2 Brandi & Cordin (1989) .....	47
2.3.2 Implosão de Agr - Poletto (2000) .....	58
2.3.3 Para fechar .....	64
2.4 Sujeitos clíticos do DT .....	66
2.4.1 Análise .....	66
2.4.2 Para fechar .....	71
2.5 Ordenação dos constituintes nas declarativas .....	71
2.5.1 Ordem do sujeito clítico.....	71
2.5.2 Ordem do sujeito DP.....	72
2.5.3 Ordem dos objetos .....	75
2.5.4 Ordem envolvendo a periferia esquerda .....	76
2.5.5 Para fechar .....	78
3. Inversão do sujeito clítico (ISC).....	80
3.1 Para começar .....	80
3.2 Propostas para ISC .....	80
3.2.1 Casos de movimento de I° para C° .....	81

3.2.1.1 Inversão sujeito/auxiliar em inglês.....	81
3.2.1.2 Inversão sujeito clítico/verbo em francês .....	82
3.3 ISC em dialetos italianos.....	83
3.3.1 Proposta de Split-CP.....	85
3.3.2 Voltando para a questão da ISC nos dialetos.....	88
3.3.3 Para fechar .....	89
3.4 ISC no DT .....	91
3.4.1 Construções com ISC.....	91
3.4.2 Análise.....	95
3.4.3 Para fechar .....	96
4. Interrogativas- <i>wh in situ</i> .....	98
4.1 Para começar .....	98
4.2 Propostas teóricas para <i>wh in situ</i> .....	98
4.2.1 Critério <i>wh</i> - Rizzi (1996).....	100
4.2.2 Cheng & Rooryck (2003) .....	101
4.2.3 Para fechar .....	105
4.3 Propostas para <i>wh in situ</i> em dialetos italianos.....	106
4.3.1 Poletto (1993b) .....	106
4.3.2 Munaro (1999) .....	107
4.3.3 Munaro, Poletto e Pollock (2001).....	110
4.3.4 Munaro & Poletto (2002).....	119
4.3.5 Para fechar .....	122
4.4 <i>Wh in situ</i> no DT .....	124
4.4.1 Construções com <i>wh in situ</i> .....	124
4.4.2 Análise .....	130
4.4.2.1 <i>Wh</i> -Objeto.....	134
4.4.2.2 <i>Wh</i> -sujeito.....	139
4.4.3 Para fechar.....	145
5. Interrogativas- <i>wh</i> deslocado .....	146
5.1 Para começar .....	146
5.2 Construções com <i>wh</i> deslocado.....	146
5.3 Construções com ' <i>wh che</i> ' .....	147
5.4 Construções com ' <i>wh è che</i> '.....	150
5.5 Análise <i>wh</i> deslocado no DT.....	151
5.5.1 <i>Wh</i> não-sujeito .....	152
5.5.2 <i>Wh</i> - sujeito .....	157
5.5.3 Análise <i>wh</i> seguido por ' <i>che</i> '.....	161
5.5.4 Análise <i>wh</i> seguido por ' <i>è che</i> '.....	163
5.5.5 Para fechar.....	168
5.6 Ordenação dos constituintes nas interrogativas- <i>wh</i> .....	168
5.7 Para fechar.....	171
Considerações finais.....	172
Referências bibliográficas .....	176

# Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar, sob o enfoque gerativista, o comportamento sintático de interrogativas-*wh* matrizes no dialeto trentino falado em Rodeio, no estado de Santa Catarina. Para isso, realizamos uma coleta de dados com falantes bilíngües do dialeto trentino/português. O estudo enfoca três fenômenos específicos: a possibilidade de o elemento-*wh* permanecer *in situ*; o fenômeno de inversão do sujeito clítico (ISC); e o deslocamento do elemento-*wh* para a periferia esquerda da sentença, seguido ou não por ‘*che*’ e ‘*è che*’.

Apresentamos algumas propostas sobre estes fenômenos em dialetos italianos, assumindo, por fim, a análise de Poletto (2000) para tratar da ISC e a de Munaro, Poletto & Pollock (2001) para tratar do *wh in situ* e do deslocado.

Este percurso nos permitiu concluir que ISC não envolve movimento de I° para C° e ocorre em AgrS, na posição onde o traço [+/-ouvinte] é codificado. Concluímos também que só aparentemente o *wh* se encontra *in situ* e que o seu movimento está relacionado a um pré-requisito para elementos-*wh*: a checagem do traço [+NI] (=foco). Quanto ao elemento-*wh* deslocado, a conclusão é de que ele, além de checar o traço [+NI], checa um traço [+force ] e, por isso, se move para um nível mais acima, ForceP.

Palavras-chave: dialeto trentino; interrogativas-*wh*; inversão do sujeito-clítico; *wh in situ* *wh* deslocado.

# *Abstract*

The purpose of this dissertation is to describe and analyze, from a generative viewpoint, the syntactic behavior of main *wh*-interrogative sentences in the Trentine dialect spoken in Rodeio, in the State of Santa Catarina, Brazil, based on data collected from bilingual speakers of Trentine dialect. The study focuses on three specific phenomena, namely (i) the possibility of the *wh*-element to remain *in situ*; (ii) the inverted subject clitic (ISC) phenomenon; (iii) the *wh*-element dislocation to the left periphery of the sentence, followed or not by ‘*che*’ and ‘*è che*’. The dissertation presents some proposals about these phenomena in Italian dialects, adopting Poletto’s (2000) analysis to deal with ISC, and Munaro, Poletto & Pollock’s (2001) approach to deal with both *wh in situ* and the dislocated one. This study concludes that ISC does not involve movement from I° to C° and occurs in AgrS, where the [+/-hearer] feature is codified. It also concludes that its movement is connected with a prerequisite for *wh*-elements – the checking of [+NI] (=focus). Regarding the dislocated *wh*-element, the conclusion is that, besides the [+NI] feature, it checks a [+force] feature, and that, due to this, it moves to a higher level, namely ForceP.

Keywords: Trentine dialect; *wh*-interrogative sentences; inverted subject clitic phenomenon; *wh-element in situ*; dislocated *wh*-element.

## Introdução

O objetivo desta pesquisa é estudar estruturas interrogativas-*wh* do dialeto trentino (DT) falado em Rodeio, Santa Catarina. Vamos descrever e analisar o comportamento sintático de sentenças matrizes no que concerne a três fenômenos: a possibilidade de o elemento-*wh* permanecer *in situ*; o fenômeno de inversão do sujeito clítico; e a possibilidade de o elemento-*wh* aparecer deslocado, seguido ou não por *che* e *è che*.

Os estudos realizados sobre dialetos italianos falados em Santa Catarina não focaram aspectos gramaticais, portanto, há uma carência nesta área. A maioria das pesquisas contempla questões sociolingüísticas, históricas, psicolingüísticas e fonológicas. Sob o ponto de vista sintático pouco pode ser encontrado, mesmo com todo avanço que os estudos em Lingüística e, em particular, em Gramática Gerativa, podem propiciar.

Fiorello Zanella (1985) analisou, sob o ponto de vista sociolingüístico, o desaparecimento do dialeto italiano no município de Taió. Na mesma linha, a pesquisadora Maria Salete Monteiro (1990) investigou o comportamento da população de língua italiana no distrito de Invernada-Grão-Pará. Andrietta Lenard (1976) analisou os fatores sócio-culturais que regulam o comportamento individual da população de Rodeio, em relação as duas línguas da comunidade - o português e o dialeto trentino. Elias José Mengarda (1996) investigou, sob o ponto de vista psicolingüístico, os procedimentos pedagógicos adotados por famílias catarinenses bilíngües no desenvolvimento e aquisição do dialeto vêneto como segunda língua. Isaura Gema Polleto (1987) pesquisou os aspectos fonológicos característicos dos vários dialetos italianos falados em Joaçaba. Ivette Marli Boso (1992) realizou um estudo sobre a comunidade bilíngüe de Nova Trento, destacando aspectos históricos sobre a imigração trentina e fatores responsáveis pela manutenção e desaparecimento do dialeto italiano nas áreas rural e urbana daquela localidade<sup>1</sup>.

Acreditamos que pesquisas sobre as línguas européias e suas variantes dialetais são particularmente necessárias em nosso Estado, onde a população é formada por um alto contingente de descendentes de imigrantes, e onde, em muitas comunidades, como a de

---

<sup>1</sup> Ver também Boso (2002) *Noialtri chi parlen tuti en talian – dialetti trentini in Brasile*. Este livro contém o resultado de sua dissertação de mestrado.



Rodeio, ainda se fala a língua do país de origem. É pela inexistência de trabalhos que tenham por objeto de pesquisa a sintaxe desses dialetos e, ainda, por julgarmos essencial que línguas “minoritárias”, que ficaram sem descrição até hoje, recebam um tratamento adequado antes que se percam, que justificamos a nossa tarefa.

Ao escolher como tema as interrogativas-*wh*, uma das primeiras etapas consiste em definir este tipo de sentença. Em termos gerais, este é o tipo de sentença que contém pronomes, advérbios ou adjetivos interrogativos<sup>2</sup>. Para Huang (1982:252-253), uma pergunta-*wh* consiste de uma pressuposição a qual apresenta a forma de uma sentença quantificada e um foco indicando a solicitação do falante para uma especificação do elemento quantificacional na pressuposição. Nos termos de Huddleston (1994:416)<sup>3</sup>, uma pergunta-*wh* tem um conteúdo proposicional contendo uma variável. A resposta para esta pergunta expressa proposições derivadas da substituição de um valor particular da variável. Dito de outro modo, uma interrogativa-*wh* requer que o ouvinte fixe um valor para uma variável.

Neste trabalho usaremos o termo interrogativas-*wh* tanto para designar perguntas *standard* ou ‘verdadeiras’, ou seja, aquelas que requerem um valor para a variável ligada pelo operador-*wh* quanto para designar perguntas-*wh* ‘especiais’, as quais serão mencionadas oportunamente nos capítulos de análise dos dados do DT.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, fazemos um breve percurso sobre a metodologia de trabalho, elucidamos os procedimentos utilizados para a coleta de dados, traçamos o perfil dos informantes e ilustramos algumas características do local escolhido para a pesquisa.

No segundo capítulo, descrevemos o comportamento sintático dos sujeitos clíticos no DT e apresentamos brevemente algumas propostas teóricas para a análise dos mesmos

---

<sup>2</sup> A denominação *wh* referindo-se a todos os tipos de elementos interrogativos é, segundo Chomsky & Lasnik (1997:68), “um acidente histórico”. Os elementos-*wh* que fazem parte deste trabalho são *come* (como), *chi* (quem), *quando* (quando), *ndol’ndól’ndove* (onde), *perché* (por que), *percossa* (por que), *(che) cosa/cossa* (o que), *quanto* (quanto) e *che* (que). Alguns destes elementos têm mais de uma realização morfológica. É o caso de *quando/quande/quand*, de *cosa/cossa* (o que) e de *chi/che* (para designar ‘quem’). Estes são usados indistintamente. Há também o caso do *wh* *ndove/ndo*, porém o uso de uma ou de outra forma morfológica está relacionado a propriedades particulares desse elemento-*wh*. (que serão discutidas no capítulo sobre *wh in situ*).

<sup>3</sup> Huddleston (1994) propõe uma distinção entre *question* (pergunta) e *interrogative* (interrogativa). Para ele a primeira caracteriza-se como uma categoria de forma gramatical, e a segunda como uma categoria de significado. Nós, entretanto, usaremos indistintamente, nesta tese, os termos pergunta e interrogativa.

em dialetos italianos. Como nos interessa observar a ordem em interrogativas, descrevemos também a ordem não-marcada dos constituintes em sentenças declarativas. Com isso, abre-se uma perspectiva de contraste com as interrogativas-*wh*, o que é importante para a análise que nos propomos realizar.

Abordamos, no terceiro capítulo, o fenômeno de inversão dos sujeitos clíticos em interrogativas-*wh* matrizes. Destacamos os contextos de ocorrência do fenômeno, discutimos algumas propostas clássicas sobre inversão interrogativa e também específicas sobre dialetos italianos e a seguir propomos uma análise.

No quarto capítulo, descrevemos e analisamos o fenômeno de permanência do elemento-*wh in situ* em interrogativas matrizes do DT. Do mesmo modo que no capítulo 3, primeiramente elucidamos os contextos em que o fenômeno se verifica, algumas propostas teóricas gerais, algumas específicas sobre os dialetos italianos e, por último, efetuamos a análise do fenômeno no DT.

No quinto capítulo, analisamos o comportamento sintático das interrogativas em que o elemento-*wh* aparece deslocado e também seguido por *che / è che*, traçamos um quadro das ocorrências do fenômeno, retomamos a proposta teórica adotada no capítulo 4 e realizamos a análise. Ainda, neste capítulo, acrescentamos uma seção relativa à ordenação dos constituintes nos três tipos de sentenças analisadas neste trabalho: interrogativas com *wh in situ*, interrogativas com inversão do sujeito clítico/verbo e interrogativas em que o elemento *wh* aparece deslocado e seguido por *che / è che*.

Por fim, traçamos algumas reflexões sobre as interrogativas-*wh* matrizes presentes nos três fenômenos analisados no DT e fazemos algumas comparações com o dialeto trentino falado na Itália.

A tese inclui dois apêndices<sup>4</sup>. O primeiro deles contém os dados coletados para a realização desta pesquisa. Nele estão contidos três diálogos elaborados por alguns pares de informantes, os questionários e os testes de gramaticalidade aplicados em Rodeio. O segundo contém os dados coletados na Itália, os quais servem de ‘pano de fundo’ para eventuais comparações com o DT.

Ainda quanto aos apêndices, ressaltamos que a decisão por intensificar a coleta de dados se deu quando constatamos a carência de informações escritas sobre o DT. Além

---

<sup>4</sup> Os apêndices estão no CD que acompanha esta tese.

disso, nos ancoramos na hipótese de que eventualmente os dados possam constituir uma fonte de pesquisa para futuros trabalhos.

Para encerrarmos esta parte introdutória, gostaríamos de salientar um aspecto relacionado ao DT, embora tal aspecto não faça parte dos objetivos desta pesquisa. Trata-se da Koiné<sup>5</sup>. Os dados sugerem que, pelo menos em relação aos aspectos sintáticos, não houve formação da mesma. Entre os informantes as diferenças sintáticas se mantêm. Há os que produzem sentenças com *wh in situ* e aqueles que não as fazem nunca; há também uma divisão entre os informantes que produzem estruturas com inversão do sujeito clítico e os que não as produzem; o mesmo se verifica em relação às construções interrogativas com *che* e *è che*: há os que utilizam esta estratégia junto a todos os elementos-*wh* e outros que a utilizam apenas com um número restrito.

Poderíamos pensar na formação de uma Koiné lexical, mas mesmo essa apresenta um caráter fluido e variável. Há informantes que realizam empréstimos lexicais do português e os adaptam ao sistema fonológico e morfológico do dialeto. Algumas palavras estão incorporadas de tal forma que não são nem mais percebidas como empréstimos do português (*geladeira, jogo del bicho, limoni galeghi*). Mas, há informantes cujos empréstimos são reduzidos. Percebe-se, ainda, o uso de diferentes palavras em dialeto para designar um mesmo objeto; é o caso, por exemplo, de *baitèl/bar*(=bar), e *supa/menestra*(=sopa). Ambas as formas são dialetais. As variações possivelmente estão relacionadas aos diferentes dialetos trentinos de origem dos informantes.

---

<sup>5</sup> Por Koiné entendemos a formação espontânea de uma ‘língua comum’, resultante da subtração das peculiaridades de línguas diferentes. O termo, entretanto, tem sido aplicado à diferentes situações lingüísticas e tem recebido diferentes definições. Como foge ao nosso objetivo aprofundar este tema, para outras discussões ver Siegel (1985) e os artigos de Cardona (1987), Grignani (1987) e de Benincà (1987) publicados nos *Atti del Convegno di Milano e Pavia* (1987), sob o título “Koinè in Italia dalle origini al cinquecento”.

# 1. Metodologia

## 1.1 Para começar

Nosso estudo parte de dados coletados em entrevistas com falantes de dialeto da comunidade trentina de Rodeio. Como não iremos realizar uma análise quantitativa dos dados e sim uma análise sintática de interrogativas-*wh* do DT, se faz necessário explicar o porquê do emprego de um *corpus* constituído de entrevistas.

Uma das razões é o fato de não existir nenhum *corpus* disponível para ser usado. Outro motivo é a escassez de textos escritos nesse dialeto. A escolha em fazer uma pesquisa lingüística partindo de um dialeto vivo, mas não escrito, comporta problemas de descrição e de acerto dos dados. Por isso, achamos conveniente apresentar dados abundantes. Dispor das ocorrências de outras construções sintáticas, além das interrogativas-*wh*, pode colaborar para uma visão mais completa não só dos fenômenos estudados, mas também da língua que estamos descrevendo.

No estudo da inversão do sujeito clítico, por exemplo, não é possível explicar o fenômeno sem considerar o uso dos clíticos. Uma vez que a presença *versus* a ausência do clítico nestas construções está associada à presença ou à ausência de outros elementos, trabalhar com o *corpus* permite disponibilizar contextos suficientes para observarmos as diversas ocorrências sintáticas. Todavia, temos consciência que o *corpus* aqui apresentado não reflete a totalidade de usos da comunidade trentina de Rodeio, na qual o uso alternado do português e do trentino é, sem dúvida, muito mais disseminado do que demonstram as entrevistas.

## 1.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados através de uma pesquisa de campo realizada em quatro etapas: na primeira registramos diálogos entre pares de informantes sobre experiências pessoais; na segunda aplicamos aos informantes um questionário com sentenças em

português para serem traduzidas para o DT; na terceira, a coleta se deu através da aplicação de um questionário padrão, denominado *ASIS (Atlante Sintattico dell'Italia Settentrionale)*. Atualmente adotado pelo *Istituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione CNR - Sezione di Fonetica e Fonologia dell'Università degli Studi di Padova*, o questionário em língua italiana *standard* está subdividido em várias partes, as quais tentam abarcar um grande número de fenômenos. Aos informantes foi solicitada a tradução para o dialeto. Todas as sentenças foram registradas e a seguir transcritas<sup>6</sup> com o auxílio dos próprios informantes; por fim, na quarta etapa, como em um tira-teimas, tentamos, a partir da aplicação de testes de gramaticalidade, liquidar as dúvidas não esclarecidas nas entrevistas iniciais. A maioria das entrevistas se realizou sem a nossa intervenção, com exceção da aplicação dos testes de controle que foi conduzida em língua italiana *standard* e em português brasileiro.

Durante a organização dos dados surgiram dúvidas sobre certas construções interrogativas. Inicialmente pensávamos que as clivadas e também aquelas em que o elemento-*wh* aparece *in situ* se devessem à influência do Português Brasileiro (PB), língua em que tais construções são muito produtivas. Com o propósito de sanar essas dúvidas e verificar se o comportamento sintático do DT tem suas raízes no território de origem, estendemos a coleta dos dados ao dialeto trentino falado na Itália.

Na Itália, a coleta foi realizada em uma única etapa nas cidades de Trento (Cognola e Villazzano), Besenello e Fornace, cidades de origem dos informantes brasileiros.

Os mesmos procedimentos de coleta foram utilizados, a fim de se obter uma homogeneização nas comparações entre as variantes dialetais, a falada no Brasil e a falada na Itália. Os questionários que continham sentenças em português foram traduzidos para o italiano *standard*. Assim, nas entrevistas na Itália, as sentenças-estímulo foram feitas em italiano, enquanto no Brasil, as sentenças-estímulo foram feitas em português e em italiano, dependendo do perfil de cada informante. Testes de controle não foram aplicados aos informantes italianos, visto que os fenômenos de interesse já foram descritos e analisados por muitos autores, os quais serão citados no decorrer desta tese.

Reafirmamos, no entanto, que o objetivo deste trabalho não é comparar a gramática do dialeto trentino falado no Brasil com a do falado na Itália. O que pretendemos é

---

<sup>6</sup> Seguindo a tradição dos estudos em sintaxe não realizamos transcrição fonética dos dados.

descrever e analisar sentenças interrogativas-*wh* do DT. Os dados da Itália ficam como pano de fundo e serão trazidos à cena quando necessário.

### *1.3 Área de estudo*

Com relação à área de estudo, escolhemos a comunidade de Rodeio, por apresentar características peculiares da colonização italiana no que se refere ao aspecto lingüístico, em particular, à preservação do dialeto de origem, o trentino. É evidente a presença, ainda hoje, do dialeto, sobretudo nas áreas mais afastadas do centro, onde se localizam descendentes das primeiras famílias italianas. Na área rural, os habitantes ainda utilizam o dialeto trentino na maioria das situações de comunicação. Na área urbana, entre os que ainda falam o dialeto, predomina o bilingüismo: os habitantes utilizam o DT no ambiente familiar e o português brasileiro em lugares públicos, como bancos, igrejas e escolas. Para melhor compreensão das origens do bilingüismo nessa comunidade, apresentaremos a seguir alguns fatos importantes da história de Rodeio<sup>7</sup>:

- a cidade foi fundada por imigrantes italianos vindos do Tirol Trentino, Norte da Itália, no ano de 1875;
- os colonizadores eram em geral famílias de camponeses e artesãos. Foram eles que trouxeram o DT para a colônia. Descendentes desses imigrantes compõem o grupo de informantes alvo de nossa pesquisa;
- a primeira escola italiana para os filhos dos imigrantes foi fundada em 1893 e funcionou até 1942, ano em que foi substituída pela escola pública, pois a cidade se encontrava em pleno processo de nacionalização da Língua Portuguesa;
- durante a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, a comunidade de Rodeio foi proibida de falar o DT; os livros italianos trazidos pelos imigrantes foram queimados, restando apenas alguns exemplares escondidos nos forros das casas<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf. Cani (1997) *Rodeio “Vale dos Trentinos”*. Rodeio: Prefeitura Municipal.

<sup>8</sup> Tais fatos se deram em função da política de nacionalização imposta durante o governo de Getúlio Vargas.

### ***1.4 Perfil dos informantes***

Os informantes, nascidos em Rodeio ou nas redondezas, são membros de 3 gerações diferentes:

- os da 3<sup>a</sup> geração são netos de imigrantes; habitam áreas rurais e usam o DT em ambientes familiares e o português brasileiro nas demais situações; são, portanto, bilíngües;
- os da 4<sup>a</sup> geração e 5<sup>a</sup> geração são bisnetos e tataranetos de imigrantes, respectivamente; moram, em geral, em área urbana e usam alternadamente o DT e o português brasileiro; a maioria falou só o DT até os 6 anos, idade em que ingressaram na escola; alguns deles falam também a língua italiana *standard*.

### ***1.5 Para fechar***

Neste capítulo apresentamos algumas das nossas justificativas para realizar uma pesquisa a partir de uma coleta intensa de dados. Uma das razões apresentadas é a escassez de material escrito disponível para pesquisas sobre o dialeto trentino de Rodeio. Traçamos também um quadro da situação dialetal na cidade, o qual remonta aos tempos da sua fundação/colonização. Dentre as particularidades do bilingüismo da comunidade, destacamos a colonização predominantemente italiana e o contato com o português somente a partir do processo de nacionalização durante os anos 40. Apresentamos também o perfil dos informantes da pesquisa os quais descendem de três diferentes gerações de imigrantes: os da 3<sup>a</sup> são netos, os da 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup>, bisnetos e tataranetos dos primeiros italianos que chegaram em Rodeio. Foram também expostos os passos realizados durante a coleta dos dados, os quais se resumem em: registro de diálogos entre pares de informantes; tradução de sentenças interrogativas em português para o dialeto; tradução para o dialeto do questionário denominado ASIS – adotado pelo centro de pesquisas em dialetologia da *Università degli Studi di Padova*; e aplicação de testes de gramaticalidade para eliminar

dúvidas que surgiam durante a organização do *corpus*. Todas as etapas foram registradas e, a seguir, transcritas.



## 2. *Algumas características do DT*

### 2.1 *Para começar*

Este capítulo, cujo objetivo é de cunho descritivo, está dividido em duas seções. Na primeira, descrevemos os tipos de sujeitos clíticos e sua distribuição no DT, destacando algumas propostas na literatura sobre este tema. Na segunda seção, traçamos os padrões de ordenação dos constituintes Sujeito, Verbo, Sujeito clítico e Objeto em sentenças declarativas. As propriedades destacadas aqui auxiliam os capítulos 3, 4 e 5, nos quais efetuamos a análise das sentenças interrogativas-*wh*. Como dissemos anteriormente, relatar o comportamento dos sujeitos clíticos colabora para um melhor entendimento do fenômeno de inversão interrogativa que será discutido no terceiro capítulo; relatar também o comportamento dos constituintes em sentenças declarativas é necessário para que se possa estabelecer quais alterações ocorrem em relação à ordem dos constituintes em interrogativas com elemento-*wh in situ*, com inversão sujeito clítico/verbo e também em interrogativas com *wh* deslocado.

### 2.2 *Presença de sujeitos clíticos*

Uma das características dos dialetos da Itália centro-setentrional é a possibilidade de realizar foneticamente um sujeito sob forma pronominal clítica em sentenças em que a língua italiana *standard* (IS) permite um sujeito nulo. De forma similar aos dialetos regionais italianos<sup>9</sup>, no DT evidenciamos a presença de sujeitos pronominais. Os sujeitos presentes em (1), (2) e (3) apresentam características que os definem não como formas pronominais tônicas, mas como clíticas<sup>10</sup>, como mostram os exemplos abaixo:

---

<sup>9</sup> Sobre o sistema de sujeitos pronominais nos dialetos da Itália centro-setentrional ver Renzi.& Vanelli. (1983).

<sup>10</sup> Para confirmar que não se trata de pronomes tônicos e sim de formas clíticas, aplicamos testes já bastante conhecidos (Kayne (1975), Rizzi (1986)): o da inserção de material lexical entre o elemento clítico e o verbo e o teste da negação. Em relação ao primeiro, observamos que somente outras formas clíticas podem intervir

- (1) Te parti  
cl-2<sup>a</sup>p.sg. partes  
'Tu partes'
- (2) El magna la masson  
cl-3<sup>a</sup>p.sg. come a maçã  
'Ele come a maçã'
- (3) I bala sempre  
cl-3<sup>a</sup>p.pl. dançam sempre  
'Eles dançam sempre'

Em (1), vemos o sujeito clítico *te* da 2<sup>a</sup>p.sg.; em (2), o sujeito clítico *el* da 3<sup>a</sup>p.sg.masc.; e em (3), o sujeito clítico *i* da 3<sup>a</sup> p.pl.masc.

A série pronominal, tônica e clítica, no DT, pode ser assim listada:

(4)

Número	Pessoa	Sujeito pronominal tônico	Sujeito clítico
sg.	1 <sup>a</sup>	mi	-
sg.	2 <sup>a</sup>	ti	te
sg.	3 <sup>a</sup> masc.	elo	el /l'
sg.	3 <sup>a</sup> fem.	ela	la/l'
pl.	1 <sup>a</sup>	noi / noaltri / noialtri	-
pl.	2 <sup>a</sup>	voi / voaltri / voialtri	-
pl.	3 <sup>a</sup> masc.	lori	i
pl.	3 <sup>a</sup> fem.	lore	le

entre o verbo e o clítico. Nenhum outro tipo de material pode separar estes dois elementos como mostram (a) e (b):

(a) I l'a rubà  
cl-3<sup>a</sup>p.pl. o+tem roubado  
'Roubaram-no'

(b) \*I *ieri* a rubà '1 quadro

Quanto ao segundo teste, o da negação, verificamos que no DT a negação sempre precede o elemento clítico:

(c) No la compra mai niente  
Não cl-3<sup>a</sup>p.sg. compra nunca nada  
'Não compra nunca nada'

(d) \*La no compra mai niente.

Outras características que definem elementos clíticos podem ser encontradas em Kayne (1975).

Como vemos, o DT têm um paradigma defectivo. Não há sujeitos clíticos para as 1<sup>as</sup>p.s.g. e pl. e nem para a 2<sup>a</sup>p.pl.. Somente a 2<sup>a</sup>p.s.g. e as 3<sup>as</sup>p.s.g. e pl. dispõem de sujeitos clíticos, os quais se comportam da seguinte maneira: o da 2<sup>a</sup> p.s.g. e o da 3<sup>a</sup>p.s.g.<sup>11</sup> não são obrigatórios; já o da 3<sup>a</sup> p.pl. é sempre obrigatório caso não haja nenhum outro tipo de sujeito (tônico ou nominal); havendo um desses sujeitos, o sujeito clítico é facultativo. Nesse sentido, o DT difere de outros dialetos italianos que apresentam um sistema de sujeitos clíticos. Benincà (1994:17) mostra que no *Padovano*, o sujeito clítico da 2<sup>a</sup>p.s.g. é sempre obrigatório, e os sujeitos clíticos da 3<sup>a</sup>p.s.g. e pl. são também obrigatórios se não há outro sujeito (tônico ou nominal)<sup>12</sup>.

Para ilustrar o que dissemos acima sobre o DT, seguem alguns exemplos:

- (5) a. Sei ti che no te voi ‘ntender  
 És tu que não cl-2<sup>a</sup>p.s.g. queres entender  
 ‘És tu que não queres entender’
- b. Sei ti che no voi ‘ntender  
 És tu que não queres entender  
 ‘És tu que não queres entender’

Em (5), vemos que o sujeito clítico *te* comparece em (a), mas não em (b). Esse mesmo comportamento pode ser observado em relação aos sujeitos clíticos *el* e *la*, respectivamente as formas masculina e feminina da 3<sup>a</sup>p.s.g, os quais comparecem em (6a) e (7a), mas não em (6b) e (7b):

---

<sup>11</sup> A forma *l’* do sujeito clítico da 3<sup>a</sup>p.s.g. é usada diante de verbos que começam por vogais, configurando-se um tipo de condicionamento fonológico. Tal forma é usada tanto para o masculino (a) quanto para o feminino (b):

- (a) ‘L Gioan l’ama la Maria  
 O João cl-3<sup>a</sup>p.s.g.masc.+ama a Maria  
 ‘O João ama a Maria’
- (b) La Maria l’ama ‘l Gioan  
 A Maria cl-3<sup>a</sup>p.s.g.fem. ama o João  
 ‘A Maria ama o João’

<sup>12</sup> Conforme Benincà (1994:17), o sistema de sujeitos clíticos em *Padovano* é : *te* para a 2<sup>a</sup> pessoa do singular, *el* para a forma masculina da 3<sup>a</sup> pessoa do singular, *la* para forma feminina da 3<sup>a</sup> pessoa do singular, e *i* e *e*, respectivamente, para as formas masculina e feminina das 3<sup>as</sup> pessoas do plural.

(6) a. El canta e el bala tute le sere  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. canta e cl-3<sup>a</sup>p.sg. dança todas as noites  
 ‘Ele canta e dança todas as noites’

b. Canta e bala tute le sere  
 Canta e dança todas as noites  
 ‘Canta e dança todas as noites’

(7) a. La va e la vem continuamente.  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. vai e cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem continuamente  
 ‘Ela vai e vem continuamente’

b. Va e vem continuamente  
 Vai e vem continuamente  
 ‘Vai e vem continuamente’

Diferente dos sujeitos clíticos da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>ps.sg., os sujeitos clíticos, *i* e *le*, das 3<sup>as</sup>ps.pl. são obrigatórios, quando não há outro sujeito (nominal ou pronominal) na sentença:

(8) a. I riva sempre tardi  
 cl-3<sup>a</sup>p.pl. chegam sempre tarde  
 ‘Eles chegam sempre tarde’

b. \*Riva sempre tardi  
 Chegam sempre tarde

(9) a. Le è ciacerone<sup>13</sup>  
 cl-3<sup>a</sup>p.pl. são fofoqueiras  
 ‘Elas são fofoqueiras’

b. \*È ciacerone  
 São fofoqueiras

Nas sentenças em (8b) e (9b), a ausência do sujeito clítico torna-as agramaticais.

---

<sup>13</sup> Este exemplo mostra que a ocorrência do sujeito clítico não é somente uma questão de recuperabilidade da informação pois, em (9b), o sujeito da sentença poderia ser recuperado através do adjetivo feminino plural, *ciacerone*.

Na presença de um sujeito, nominal ou pronominal, os sujeitos clíticos da 3ªp.pl. podem opcionalmente comparecer na sentença. Em (10), temos uma exemplificação desta possibilidade:

(10) a. I matelòti i magna i bombi.  
Os meninos cl-3ªp.pl. comem as balas  
'Os meninos comem balas'

b. I matelòti magna i bombi.  
Os meninos comem as balas  
'Os meninos comem as balas'

c. Le matelòte le laverà i piati.  
As meninas cl-3ªp.pl. lavarão os pratos  
'As meninas lavarão os pratos'

d. Le matelòte laverà i piati.  
As meninas lavarão os pratos  
'As meninas lavarão os pratos'

(11) a. Lori i a parlà de mi  
Eles cl-3ªp.pl. tem falado de mim  
'Eles falaram de mim'

b. Lori a parlà de mi  
Eles tem falado de mim  
'Eles falaram de mim'

Observe que o sujeito clítico da 3ªp.pl.masc., *i*, comparece em (10a) e está ausente em (10b); da mesma forma, o sujeito clítico da 3ªp.pl.fem., *le*, comparece em (10c) e está ausente em (10d). Na presença do sujeito pronominal *lori* em (11), o sujeito clítico *i* da 3ªp.pl.masc. está presente em (a) e ausente em (b).

Um fato interessante a ser ressaltado sobre os sujeitos clíticos é que eles auxiliam na identificação do sujeito das sentenças, em particular da 3ªp.pl., uma vez que a morfologia verbal para a 3ªp.sg. e para a 3ªp.pl. é a mesma<sup>14</sup>. A presença obrigatória do sujeito clítico

<sup>14</sup> No DT, a conjugação do verbo *pensar(e)* no presente do indicativo é:

da 3ªp.pl. pode ser explicada como sendo a única forma para identificar o sujeito da 3ªp.pl. quando não há outro sujeito (tônico ou nominal) em uma sentença.

Feitas estas constatações, passaremos a observar algumas propriedades sintáticas para chegarmos a uma descrição mais apurada do comportamento dos sujeitos clíticos no DT. Veremos a interação dos sujeitos clíticos com sujeitos definidos e indefinidos em posição pré e pós-verbal, e também a interação dos sujeitos clíticos com os verbos auxiliares, mostrando que, além dos sujeitos clíticos apresentados em (4), junto ao verbo *esser* e a alguns outros verbos comparece um tipo de clítico neutro.

## 2.2.1 Clítico e posição do sujeito

### 2.2.1.1 Sujeito pré-verbal

Além de comparecerem em contextos como os exemplificados em 2.2, os sujeitos clíticos podem ocorrer em sentenças em que a posição de sujeito está lexicalmente preenchida:

- (12) a. *Ti te parli de massa*  
           *Tu cl-2ªp.sg falas demais*  
           ‘Tu falas demais’
- b. *El Mario el magna la masson*  
           *O Mário cl-3ªp.sg. come a maçã*  
           ‘O Mário come a maçã’

O preenchimento pode ser feito por um sujeito pronominal tônico (*ti* em (12a)), ou por um sujeito definido (*el Mario* em (12b)) .

---

mi	penso
ti	pensi
elo/ela	pensa
noi	penssem
voi	pensé
lori	pensa

Note que as 3ªs pessoas são idênticas. Isto vale também para os auxiliares *esser* e *aver*.

Idêntico comportamento é observado em relação à presença de sujeitos indefinidos:

- (13) ‘N matelòt el magna la masson.  
Um menino cl-3<sup>a</sup>p.sg. come a maçã  
‘Um menino come a maçã’

Em (13), vemos o sujeito indefinido ‘*n matelòt* em posição pré-verbal seguido pelo sujeito clítico *el*.

Os sujeitos clíticos podem, ainda, ocorrer opcionalmente com quantificadores nus (QPs)<sup>15</sup> ocupando a posição de sujeito:

- (14) a. Nessuni el me ‘ntende  
Ninguém cl-3<sup>a</sup>p.sg. me entende  
‘Ninguém me entende’
- b. Nessuni me ‘ntende  
‘Ninguém me entende’
- (15) a. Qualcheduni el telefonerà al professor  
Alguém cl-3<sup>a</sup>p.sg. telefonerà ao professor  
‘Alguém telefonará ao professor’
- b. Qualcheduni telefonerà al professor  
Alguèm telefonerà ao professor  
‘Alguém telefonará ao professor’
- (16) a. Qualcheduni i a urlà  
Alguém cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem gritado  
‘Alguém gritou’
- b. Qualcheduni a urlà  
Alguém tem gritado  
‘Alguém gritou’

---

<sup>15</sup> Alguns QPs têm mais de uma realização morfológica. É o caso, por exemplo, de *nessuni/nessun/nessuno* e também do QP *qualcheduni/qualchedun/qualcheuno*. Estes QPs podem ser retomados tanto pelo sujeito clítico da 3<sup>a</sup>p.sg., *el*, quanto pelo sujeito clítico da 3<sup>a</sup>p.pl., *i*.

Em (14a), temos o QP *nessuni* e o sujeito clítico *el*, enquanto a sentença em (14b) exhibe somente um sujeito QP sem nenhum clítico. Em (15a), temos o QP *qualcheduni* e o sujeito clítico *el* da 3ªp.sg. e, em (15b), o QP *qualcheduni* e a ausência do sujeito clítico. A sentença em (16a) exhibe o QP *qualcheduni* e o sujeito clítico *i* da 3ªp.pl., enquanto a sentença em (16b) exhibe somente o sujeito QP *qualcheduni* sem nenhum clítico.

Os sujeito clíticos são também atestados junto a QPs complexos ocupando a posição pré-verbal de sujeito:

- (17) a. Nessun matelòt l'è rivà  
 Nenhum menino cl-3ªp.sg.+é chegado  
 'Nenhum menino chegou'
- b. Nessun matelòt è rivà  
 Nenhum menino é chegado  
 'Nenhum menino chegou'

Como acontece com QPs nus, com QPs complexos os sujeitos clíticos também não são obrigatórios. (17a) exhibe o QP complexo *nessun matelòt* e o sujeito clítico *l'* da 3ªp.sg. Já (17b) exhibe somente o QP complexo *nessun matelòt* sem nenhum clítico.

### 2.2.1.2 Sujeito pós-verbal

Sujeitos pós-verbais também não requerem a presença obrigatória de um sujeito clítico. Isso vale para sujeitos definidos (18) e (18'), e para QPs (19):

- (18) a. È cambià 'l vent  
 É mudado o vento  
 'Mudou o vento'
- b. L'è cambià 'l vent.  
 cl-3ªp.sg.+é mudado o vento  
 'Mudou o vento'

- (18') a. A viagià el me pare



Tem viajado o meu pai  
 ‘Viajou o meu pai’

b. L’a                      viaggià    el me pare  
 cl-3<sup>a</sup>.p.sg.+tem viajado o meu pai  
 ‘Viajou o meu pai’

(19) a. No            i            m’a            vist    nessuni.  
 Não cl-3<sup>a</sup>p.pl. me+tem visto ninguém  
 ‘Não me viu ninguém’

b. No            m’a            vist            nessuni.  
 Não me+tem visto            ninguém  
 ‘Não me viu ninguém’

As sentenças em (18) e em (18’) são todas bem formadas. Em (18a), vemos o sujeito pós-verbal *l vent* e a ausência do sujeito clítico; e, em (18b), o sujeito *l vent* e o sujeito clítico *l’*. Em (18’), vemos o sujeito clítico *l’* em (b) e a sua ausência em (a). Também as sentenças em (19), em que o QP *nessuni* se encontra na posição pós-verbal, são bem formadas. (19a) exhibe o sujeito QP pós-verbal *nessuni* e o sujeito clítico *i*, enquanto (19b) exhibe somente o sujeito pós-verbal *nessuni*, sem a presença de um sujeito clítico.

Ao contrário do que ocorre com sujeitos definidos e QPs, com indefinidos em posição pós-verbal, os sujeitos clíticos nunca comparecem:

(20) a. Riva    ‘n matelòt  
 Chega    um menino  
 ‘Um menino chega’

b.\* El            riva    ‘n matelòt  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.    chega    um menino

(20’) a. È riva    ‘n pochi    de matelòti  
 É chegado um pouco dos meninos  
 ‘Chegaram uns meninos’

b.\* L’è riva                      ‘n pochi    de matelòti<sup>16</sup>  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ é chegado    um pouco    dos meninos

<sup>16</sup> Na seção 2.2.4, veremos que esta sentença é gramatical se o sujeito clítico for o neutro.

Nos exemplos em (20) e (20'), somente as sentenças em (a), aquelas em que o sujeito clítico está ausente, são gramaticais.

### 2.2.2 Clítico e tipo de verbo

Os sujeitos clíticos comparecem não somente com verbos em tempos simples, mas também com auxiliares em tempos compostos:

- (21) a. Cos'è che t' ai fat ?  
 O que é que cl-2<sup>a</sup>p.sg.+ tens feito?  
 'O que é que tu fizeste ?'
- b. La vita l'a cambià tant nei ultimi ani.  
 A vida cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem mudado tanto nos últimos anos  
 'A vida mudou tanto nos últimos anos'
- (22) a. I pressi i è cresciudi tant  
 Os preços cl-3<sup>a</sup>p.pl. são crescidos tanto  
 'Os preços aumentaram muito'
- b. Le done che le neta le scale le è nade via.  
 As mulheres que cl-3<sup>a</sup>.p.pl. lavam as escadas cl-3<sup>a</sup>p.pl. são idas embora  
 'As mulheres que lavam as escadas foram embora'

Em (21), vemos os sujeitos clíticos da 2<sup>a</sup> e da 3<sup>a</sup>p.sg. junto ao auxiliar *aver*<sup>17</sup>; e, em (22), os sujeitos clíticos das 3<sup>as</sup>p.pl. junto ao auxiliar *esser*.

A série de sujeitos clíticos que comparece junto aos auxiliares no DT é morfologicamente idêntica à série que aparece junto a outros verbos que não são auxiliares. Tal fato é visto em (23):

---

<sup>17</sup> O verbo auxiliar *aver*, embora menos freqüente, aparece também como *gaver*. Para uniformizar os exemplos neste trabalho, selecionamos os dados em que o verbo *aver* é usado.

(23)

Número	Pessoa	Clítico com <i>esser e aver</i> (tempo composto)	Sujeito clítico (tempo simples)
sg.	1 <sup>a</sup>	-	-
sg.	2 <sup>a</sup>	t'/te	te
sg.	3 <sup>a</sup> masc.	l'	el/l'
sg.	3 <sup>a</sup> fem.	l'	la/l'
pl.	1 <sup>a</sup>	-	-
pl.	2 <sup>a</sup>	-	-
pl.	3 <sup>a</sup> masc.	i	i
pl.	3 <sup>a</sup> fem.	le	le

Estamos considerando, portanto, que não há uma série especial de sujeitos clíticos usados com os verbos auxiliares como acontece em outras variantes dialetais italianas. Nos dialetos do *Valle d'Aosta*, por exemplo, a classe de sujeitos clíticos que comparece junto aos verbos auxiliares é diferente da classe que comparece com os verbos em tempos simples. Com verbos simples, comparece somente um sujeito clítico junto à 2<sup>a</sup>p.sg., enquanto com verbos auxiliares comparecem seis sujeitos clíticos<sup>18</sup>.

### 2.2.3 Posições dos sujeitos clíticos

Os sujeitos clíticos podem ocupar duas posições diferentes em relação ao verbo finito (o auxiliar, em um tempo composto, ou o verbo principal em um tempo simples). Podem preceder o verbo, como ilustram as sentenças em (24) e em (25) :

- (24) a. Te dai scola  
cl-2<sup>a</sup>p.sg. dás escola  
'Tu dás aula'

<sup>18</sup> Cf. Roberts (1993). A série que comparece junto aos verbos auxiliares apresenta seis clíticos e pode ser vista em (1); junto aos verbos simples comparece somente um clítico com a 2<sup>a</sup>p.sg e pode ser visto em (2):

(1)	(2)
Yo ei minjà	Minjo
Cl <i>tenho comido</i>	Como
T'at minjà	Te minje
Y at minjà	Minje
N'em minjà	Minjein
Y ade minjà	Minjade
L'ant minjà	Minjon

Sobre clíticos usados com verbos auxiliares, ver também Poletto (1993a).

b.\*Dat scola.  
Dás+cl-2<sup>a</sup>p.sg. escola

(25) a. El deve darte quel libro  
cl-3<sup>a</sup>p.sg. deve dar+te aquele livro.  
'Ele deve te dar aquele livro'.

b.\* Develo darte quel libro  
Deve+cl-3<sup>a</sup>p.sg. dar-te aquele livro.

Ou podem encliticizar-se a ele, como mostram as sentenças em (26)-(31)<sup>19</sup>:

(26) a. Quanto ciapet ?  
Quanto ganhas+cl-2<sup>a</sup>p.sg.  
'Quanto ganhas ?'

b. Che novità ala dît ?  
Que novidade tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. dito  
'Que novidade contou ?'

(27) a. 'Ndo che èlo, l'ospidal ?  
Onde que é+cl-3<sup>a</sup>p.sg. o hospital  
'Onde que é o hospital?'

b. Quanti fioi che alo, to fradel ?  
Quantos filhos que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. teu irmão  
'Quantos filhos que o teu irmão tem ?'

(28) Chi èl che ven stasera ?<sup>20</sup>  
Quem é+cl que vem hoje à noite  
'Quem é que vem hoje à noite?'

(29) a. Stale 'ndove, lore ?  
Estão+cl-3<sup>a</sup>p.pl. onde elas  
'Estão onde, elas ?'

<sup>19</sup> O capítulo 3 retomará as discussões sobre a encliticização.

<sup>20</sup> Quando o elemento-*wh* interrogado é o sujeito da sentença e aparece seguido por *è che*, normalmente ocorre encliticização junto á cópula. O estatuto deste clítico será discutido na seção 2.2.4.

b. 'L Pero l'a dît che questo èl sussedest come?  
 O Pedro cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dito que isto é+cl acontecido como  
 'O Pedro disse que isso aconteceu como?'

(30) At vîst 'l to zio?  
 Tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. visto o teu tio  
 'Viste o teu tio?'

(31) Vegnalo o no vegnalo, gavem de partir<sup>21</sup>  
 Venha+cl-3<sup>a</sup>p.sg. ou não vegna+cl-3<sup>a</sup>p.sg. temos que partir  
 'Venha ou não venha, temos que partir'

Ressaltamos, contudo, que, em posição enclítica, a forma do sujeito clítico pode mudar (cf. (24a) em contraste com (26a) e (30); e (25a) em contraste com (27) e (28)). Ressaltamos também que a encliticização pode ocorrer em interrogativas-*wh* matrizes (26), em interrogativas em que o elemento-*wh* é seguido por *che* (27), em interrogativas clivadas (28), em interrogativas com elemento-*wh in situ* (29), em interrogativas sim/não (30), e em sentenças disjuntivas (31). Não ocorre encliticização em sentenças declarativas (24b) e (25b).

É interessante notar que, nas sentenças em (26), a ênclise do sujeito clítico ocorre junto ao verbo principal em (a) e junto ao auxiliar em (b). É interessante notar, ainda, que a encliticização atestada em (27) e em (29b), na qual o complementizador *che* está presente, não é um fenômeno comum nos dialetos do norte da Itália<sup>22</sup>. Em relação às clivadas, vale destacar que neste tipo de sentença a encliticização pode ocorrer junto à cópula, conforme vemos na sentença em (28). Nas sentenças interrogativas com *wh in situ*, ênclise do sujeito clítico pode ocorrer tanto nas matrizes (29a) quanto nas encaixadas (29b). Na sentença disjuntiva em (31), a ausência da conjunção '*se*' possibilita a realização da ênclise; se nesta sentença a conjunção estivesse presente, a próclise obrigatoriamente aconteceria (cf. nota 21).

As observações acima nos permitem formular algumas generalizações descritivas:

<sup>21</sup> Com a conjunção '*se*' a sentença teria próclise:

Se el vem o no 'l vem, gavem de partir  
 Se cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem ou não cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem, temos de partir  
 'Se ele vir ou não, temos que partir'

<sup>22</sup> Conforme mostram Poletto (1993) e Benincà (1994), dentre outros, nos dialetos italianos falados na região norte, a presença de um complementizador em uma sentença inibe a realização da ênclise.

(32) Ênclise do sujeito clítico nunca ocorre em sentenças declarativas no DT; em todos os demais casos ela é facultativa e só pode ocorrer:

- A. em interrogativas matrizes;
- B. em disjuntivas sem conjunção ‘se’;
- C. em interrogativas encaixadas (se o escopo da pergunta não se limita à sentença encaixada).

Outra observação a ser feita em relação aos sujeitos clíticos no DT é que a série proclítica difere da série enclítica, pelo menos quanto à forma:

(33)

Número	Pessoa	Série proclítica	Série enclítica
sg.	1 <sup>a</sup>	-	-
sg.	2 <sup>a</sup>	te	t
sg.	3 <sup>a</sup> masc.	e/’l	lo/l
sg.	3 <sup>a</sup> fem.	la/l’	la
pl.	1 <sup>a</sup>	-	-
pl.	2 <sup>a</sup>	-	-
pl.	3 <sup>a</sup> masc.	i	i
pl.	3 <sup>a</sup> fem.	le	le

Como sugere o quadro acima, as formas da 2<sup>a</sup>p.sg. são diferentes nas duas séries; o mesmo pode ser dito das formas da 3<sup>a</sup>p.sg.masc.. Já a forma *la* da 3<sup>a</sup>p.sg.fem. e as formas *i* e *le*, respectivamente das 3<sup>as</sup>ps.pl. masc. e fem. são idênticas nas duas séries. Não há formas para as 1<sup>as</sup> ps.sg. e pl. e nem para a 2<sup>a</sup>p.sg. em nenhuma das duas séries.

#### 2.2.4 Clítico neutro

Brandi & Cordin (1981) observaram que no dialeto trentino da Itália (TR), junto à cópula que introduz uma sentença clivada, comparece o clítico ‘*l*’:

- (34) a. *L’è stà la Maria che l’ha fat la torta*  
 cl+é sido a Maria que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem feito a torta  
 ‘Foi a Maria que fez a torta’

b. *L'è i putei che i sporca el mur*  
 cl+é os meninos que cl-3<sup>a</sup>.p.pl. sujam a parede  
 'É os meninos que sujam a parede'

Tal clítico ocorre normalmente diante das formas do verbo *essere* que iniciam por uma vogal. Além de comparecer em clivadas, o clítico comparece em contextos que exibem não só a forma vocálica inicial do verbo, mas outras características peculiares, como notam as autoras.

Comparece junto à cópula em sentenças cujo sujeito (DP) está invertido:

(35) *L'era bravi sol i scolari dela III A.*  
 cl+eram bravos somente os alunos da III A  
 'Eram bravos somente os alunos da III A'

E junto à cópula em uma sentença cujo sujeito é um CP:

(36) *L'era importante che te rivasi prest*  
 cl+era importante que cl-2<sup>a</sup>p.sg. chegasse cedo  
 'Era importante que tu chegasse cedo'

Em ambas, (35) e (36), a morfologia verbal se apresenta na forma não marcada da 3<sup>a</sup>p.sg..

As autoras também constataam a presença deste clítico em contextos interrogativos, nos quais ele aparece como enclítico ao verbo *essere* que funciona como auxiliar em (37a) e (37b), e como enclítico à cópula em (37c) e (37d):

- (37) a. *Cossa elo capità algeri?*  
 O que é+cl acontecido ontem  
 'O que aconteceu ontem?'
- b. *Cossa saralo capità ?*  
 O que será+cl acontecido ?  
 'O que terá acontecido ?'
- c. *Elo vera che te sei rivà tardi ?*  
 É+cl verdade que cl-2<sup>a</sup>p.sg. és chegado tarde  
 'É verdade que tu chegaste tarde?'

- d. *Saralo vera che i è maladi ?*  
 Sarà+cl verdade que cl-3<sup>a</sup>p.pl. estão doentes ?  
 ‘Será verdade que eles estão doentes?’

Note que, em (37), o enclítico aparece tanto junto à forma do verbo *essere* que inicia por vogal (37a) e (37c), quanto junto àquela que inicia por consoante (37b) e (37d). Para Brandi & Cordin, o clítico presente nas estruturas em (34)-(37) configura-se como um clítico impessoal.

No DT observamos a ocorrência de um clítico com características semelhantes ao encontrado no TR. Chamaremos este tipo de clítico de neutro, ao invés de impessoal porque ele pode ocorrer em sentenças paralelas que em italiano *standard* não seriam propriamente impessoais<sup>23</sup>.

Como vimos na seção 2.2.2, além de comparecerem junto aos verbos em tempos simples, os sujeitos clíticos comparecem junto aos auxiliares em tempos compostos. Com o verbo *aver* comparece apenas o sujeito clítico variável; já com o verbo *esser*, além do sujeito clítico variável, pode comparecer o sujeito clítico neutro. O comportamento do clítico neutro em relação ao verbo *esser*, entretanto, não é homogêneo e ocorre somente em alguns tipos de sentenças. Vejamos alguns exemplos.

Em sentenças interrogativas-*wh* clivadas, tal clítico pode aparecer como proclítico junto à cópula (38a) e (39a), ou como enclítico (38b) e (39b):

- (38) a. *Cossa l'è che i mateloti i a comprà ?*  
 O que cl+é que os meninos cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem comprado  
 ‘O que é que os meninos compraram?’
- b. *Coss'èl che i mateloti i a comprà ?*  
 O que é+cl que os meninos cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem comprado  
 ‘O que é que os meninos compraram?’
- c. \* *Cossa i è che i mateloti i a comprà ?*  
 O que cl-3<sup>a</sup>p.pl. é que os meninos cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem comprado

<sup>23</sup> Um exemplo em italiano *standard* pode ser visto na sentença em (a) que traduz o exemplo (35) do TR:

(a) *Erano bravi solo gli scolari della III A*  
 ‘Eram bravos somente os estudantes da III A’



- (39) a. Chi I'è che vem stasera ?  
 Quem cl+é que vem hoje à noite  
 'Quem é que vem hoje à noite?'
- b. Chi èl che vem stasera ?  
 Quem é+cl que vem hoje à noite  
 'Quem é que vem hoje à noite?'

Observe que em (38) há um sujeito clítico, *i*, da 3ªp.pl. junto ao verbo auxiliar *aver* compartilhando os traços de gênero, número e pessoa com o sujeito *i mateloti* e, mesmo assim, o sujeito clítico junto à cópula fica invariável. Se a concordância deste clítico é desencadeada, a sentença torna-se agramatical, conforme mostra (38c). Nas sentenças clivadas em (39), o elemento interrogado é o sujeito da sentença. Nelas não há nenhum outro sujeito clítico, além do neutro, o qual pode tanto seguir a cópula (39a), quanto precedê-la (39b).

Em interrogativas-*wh* não clivadas, como em (40), também é atestada a presença do clítico neutro:

- (40) Com'èl quei veci lì ?  
 Como são+cl aqueles velhos ali  
 'Como são aqueles velhos ali?'

Descontando o fato de ser uma sentença interrogativa e, por isso, o clítico neutro poder aparecer enclítico, observe que ele não concorda em traços com o sujeito pós-verbal masculino plural, *quei veci lì*, e aparece na forma não-marcada da 3ªp.sg.

De modo semelhante às interrogativas clivadas, nas declarativas clivadas o clítico que aparece junto à cópula não concorda com o constituinte clivado *brinquedi novi*, o qual é plural e se encontra na posição pós-verbal:

- (41) a. L'è stà brinquedi novi che i to bambini i a domandà  
 cl+é estado brinquedos novos que os teus filhos cl-3ªp.pl. tem perguntado  
 'Foram brinquedos novos que os teus filhos pediram'
- b. \*I è stà brinquedi novi che i to bambini i a domandà  
 cl-3ªp.pl. é estado brinquedos novos que os teus filhos cl-3ªp.pl. tem perguntado

(41a) mostra que os traços masculino e plural do elemento clivado, *brinquedi novi*, não são compartilhados pelo clítico *l'*. Se o clítico variável, *i*, o qual compartilha em traços com o constituinte clivado é inserido junto à cópula, a sentença é considerada agramatical (41b). Outro fato a ser destacado é que nas declarativas clivadas o sujeito clítico neutro pode aparecer somente como proclítico (42a):

(42) a. **L'**è stada la Maria che a fàt la confusion  
 cl+é estada a Maria que tem feito a confusão  
 'Foi a Maria que fez a confusão'

b.\* **Èl** stada la Maria che a fàt la confusion  
 é+cl estada a Maria que tem feito a confusão

A agramaticalidade de (42b) ilustra a impossibilidade de ocorrência de ênclise nestas sentenças no DT.

Além de comparecer em estruturas clivadas (interrogativas-*wh* e declarativas), o clítico neutro é encontrado em interrogativas clivadas sim/não :

(43) **L'**è stà 'l Gioani che l'è rivà ?  
 cl+é estado o João que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é chegado  
 'Foi o João que chegou ?'

Em (43), o sujeito clítico neutro está presente junto à cópula e o sujeito clítico variável da 3<sup>a</sup>p.sg. está presente junto ao verbo auxiliar *esser* que forma tempo composto do verbo *rivar* (=chegar).

O clítico neutro também pode ser encontrado em uma sentença em que o associado da posição de sujeito é uma sentença finita(=CP), como em (44a), ou infinitiva, como em (44b):

(44) a. **L'**è mèio che te vai  
 cl+è melhor que cl-2<sup>a</sup>p.sg. vais  
 'É melhor que saias.'  
 b. **L'**è mèio nar via  
 cl+è melhor ir embora  
 'É melhor ir embora'

O associado da posição de sujeito em (44a) é o CP [*che te vai*] e, em(44b), é a sentença infinitiva [*nar via*].

A ocorrência do clítico neutro é também atestada em sentenças em que o associado da posição de sujeito é um DP plural que se encontra em posição pós-verbal:

- (45) a. L'è felici i matelòti del'África  
 cl+são felizes os meninos da África  
 'São felizes os meninos da África'
- b. I è felici i mateloti del'África  
 cl-3<sup>a</sup>p.pl.+são felizes os meninos da África
- (45') a. I mateloti del'África i è felici  
 os meninos da África cl-3<sup>a</sup>p.pl. são felizes  
 'Os meninos da África são felizes'
- b.\* I mateloti del'África l'è felici  
 os meninos da África cl+são felizes

Em (45), o associado *i mateloti* encontra-se em posição pós-verbal e, na sentença, podem comparecer tanto o sujeito clítico neutro (45a) quanto o variável (45b). Já em (45'), em que o associado está em posição pré-verbal, somente o clítico variável pode comparecer (cf. (45'a) em contraste com (45'b), em que a presença do sujeito clítico neutro torna a sentença agramatical).

Com perífrase progressiva [*èi drìo*], também é atestada a presença do sujeito clítico invariável, conforme ilustra (46):

- (46) ?Coss' è che l'è drìo che i grava ?  
 O que é que cl+è presente progressivo que cl-3<sup>a</sup>p.pl. gravam  
 'O que é que eles estão gravando'

Observe que em (46), o clítico neutro *l'* encontra-se junto à cópula que forma a perífrase progressiva e não junto à cópula da clivada<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> A sentença em (46) não é considerada bem formada por todos os informantes. Para alguns, a sentença bem formada é aquela em que o sujeito clítico neutro está presente junto à cópula da clivada, como em (i), ou somente o sujeito clítico variável está presente, como em (ii) :

Outra estrutura, na qual o clítico neutro pode ser encontrado, é vista em (47):

- (47) Perché l'era i primi che nea e i ultimi che vegnìa  
 Perché cl+eram os primeiros que chegavam e os últimos que vinham  
 'Porque eram os primeiros que chegavam e os últimos que saiam'

Em (47), o clítico neutro *l'* não concorda em traços com o associado da posição de sujeito - que deve ser um sujeito nulo plural como se deduz da presença do predicativo DP plural *i primi* - e apresenta-se na forma não marcada da 3ªp.sg.

Junto ao verbo auxiliar *esser* que forma o tempo composto de verbos inacusativos, o clítico neutro também pode ocorrer:

- (48) a. L'è vegnù i me cugini  
 cl+são vindos os meus primos  
 'Vieram os meus primos'
- b. \*I me cugini l'è vegnù
- c. I me cugini i è vegnudi  
 Os meus primos cl-3ªp.pl. são vindos  
 'Os meus primos vieram'

O clítico, no entanto, pode somente ocorrer com um sujeito ocupando a posição pós-verbal, como em (48a), em que comparece o sujeito plural *i me cugini*; caso o sujeito ocupe a posição pré-verbal, o único clítico que pode comparecer é o variável *i* da 3ªp.pl. concordando em traços com o sujeito *i me cugini* (48c); se comparecer o sujeito clítico neutro e um sujeito pré-verbal, a sentença é considerada agramatical (48b).

- 
- (i) Coss'èl che i è drio che i grava ?  
 O que é+cl que cl-3ªppl. é presente progressivo que cl-3ªp.pl. gravam?  
 'O que é que eles gravam?'
- (ii) Coss'è che i è drio che i grava ?  
 O que é que cl-3ªppl. é presente progressivo que cl-3ªp.pl. gravam?  
 'O que é que eles gravam?'

Conforme vimos nos exemplos em (39), quando o elemento-*wh* interrogado é o sujeito da sentença, o clítico neutro comparece junto à cópula das clivadas. É necessário, contudo, ressaltar que em interrogativas não clivadas sobre o sujeito, do tipo ilustrado em (49), a distinção entre o neutro e o variável não é tão clara. Vejamos os exemplos:

- (49) a. Chi che l'è ?  
 Quem que cl+é  
 'Quem que é ?'
- b. Chi èlo ?<sup>25</sup>  
 Quem é +cl  
 'Quem é ?'
- c. Chi saralo?  
 Quem será+cl  
 'Quem será?'
- d. Chi che l'è elo ?  
 Quem que cl+é suj.pron.  
 'Quem que é ele ?'

As sentenças em (49a) e (49b) foram testadas no seguinte contexto: 1) Bate alguém na porta. Eu pergunto: '- Quem é?' Ao informante foi solicitada a tradução em dialeto desta pergunta. As sentenças em (49c) e (49d) no seguinte contexto: 2) Estamos sentados no banco da praça. Passa por nós um senhor com uma pilha de jornais na mão. Eu pergunto: - 'Quem é ele?' Ao informante foi solicitada a tradução em dialeto desta pergunta. O clítico presente em (49a)-(49c) é ambíguo: tanto pode ser o variável quanto o neutro. A ambigüidade decorre do fato de que o variável da 3ªp.sg. e o neutro são clíticos morfológicamente idênticos e, portanto, são os contextos de ocorrência é que desfazem a ambigüidade. Somente o sujeito clítico variável da 3ªp.sg. que está duplicando o sujeito pronominal *elo*.

---

<sup>25</sup> No dialeto *veneziano* há somente sujeitos clíticos variáveis e não é possível dizer *Chi zelo?* no contexto de bater na porta.

O clítico neutro é, ainda, compatível com verbos meteorológicos, verbos que não têm papel temático para atribuir:

- (50) a. **L** piove  
 cl chove  
 ‘Chove’
- b. **Piovelo** o no **piovelo**, noi nemarem a spass.  
 Chova+cl ou não chova+cl nós iremos a passeio  
 ‘Chova ou não chova, nós iremos passear’

Em (50a), vemos o clítico neutro *l* em posição pré-verbal; e, em (50b), *lo* enclítico ao verbo *piover* em uma sentença disjuntiva sem a conjunção ‘se’.

Por fim, em sentenças em que o elemento-*wh* interrogado é um sujeito plural, o clítico também é atestado, como mostram os exemplos abaixo:

- (51) a. **Che veci** è che **I**’è mort a Rodeio ?  
 Que velhos é que cl+são mortos em Rodeio  
 ‘Que velhos é que morreram em Rodeio?’
- b. **Che veci** è che **i** è mort a Rodeio ?  
 Que velhos é que cl-3<sup>a</sup>p.pl. são mortos em Rodeio  
 ‘Que velhos é que morreram em Rodeio?’
- c. **Che veci** **I**’è che **I**’è mort a Rodeio?  
 Que velhos é+cl que cl+são mortos em Rodeio  
 ‘Que velhos é que morreram em Rodeio?’

As sentenças em (51) mostram a possibilidade de ocorrência do clítico neutro e a sua não obrigatoriedade, conforme o contraste entre (a), em que ele está presente, e (b) em que comparece o sujeito clítico variável da 3<sup>a</sup>p.pl., concordando em traços com o sujeito interrogado *che veci*. A sentença em (51c) mostra a ocorrência do clítico neutro junto à cópula da clivada e junto ao verbo *esser* que forma o tempo composto de *morir* (=morrer).

Por fim, vale observar que a ocorrência do sujeito clítico neutro no DT se restringe aos contextos em que o verbo *esser* está presente. Com o verbo auxiliar *aver* não é atestado este tipo de clítico, como ilustram as sentenças em (52):

- (52) a. I a telefonà i matelòti  
 cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem telefonado os meninos  
 ‘Telefonaram os meninos’
- b. \*L’a telefonà i matelòti  
 cl+tem telefonado os meninos

Estes exemplos mostram que somente o clítico variável é possível (52a). Se o clítico neutro comparece, a sentença é mal formada (52b).

Com isso, concluímos que, se a sentença contém o verbo *esser* (*ser*), ela pode exibir um clítico neutro quando o Spec do IP não está ocupado por um sujeito; e se a sentença não tem um sujeito temático e o clítico comparece, este só pode ser o clítico neutro.

### 2.2.5 O caso do feminino

O verbo *esser* apresenta duas formas diversas para a terceira pessoa do singular:

- (53) a. La pianta l’èi cresciuda storta  
 A planta cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é crescida torta  
 ‘A planta cresceu torta’
- b. La pianta l’è cresciù storta  
 A planta cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é crescida torta  
 ‘A planta cresceu torta’
- (54) a. L’èi bela ela  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é bela ela  
 ‘Ela é bonita’
- b. L’è bela ela  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é bela ela  
 ‘Ela é bonita’

Em (53) e em (54), vemos a forma *èi* em (a), e a forma *è* em (b) <sup>26</sup>. Vemos, ainda, que o particípio passado do verbo em (53) apresenta formas diferentes em cada uma das sentenças. Na primeira (53a), ele concorda em traços com o sujeito pré-verbal na forma em ‘da’(marcada), enquanto na segunda (53b), em ‘ù’ (não-marcada). O contrário também pode ocorrer, como indicam as sentenças abaixo com o verbo *rivar*, em que o particípio em ‘da’(forma marcada) comparece junto à forma *è* (55a), e o particípio em ‘a’ (não-marcada) comparece junto à forma *èi* (55b):

- (55) a. ‘Na carta        l’è        rivada  
           Uma carta    cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é    chegada  
           ‘Uma carta chegou’
- b. ‘Na carta        l’èi        rivà  
           Uma carta    cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é    chegada  
           ‘Uma carta chegou’

Devido a estas constatações, concluímos que as duas formas do verbo *esser* usadas com a terceira pessoa do feminino singular têm uma distribuição livre no DT.

### 2.2.6 *Para fechar*

Vimos até aqui que o inventário dos pronomes clíticos no DT dispõe de formas apenas para três pessoas do verbo: *te* para a 2<sup>a</sup>p.sg., *lo* e *la*, respectivamente masculino e feminino para a 3<sup>a</sup> p.sg., e *i* e *le* para as 3<sup>as</sup>ps.pl., masculino e feminino.

Quanto ao comportamento destes clíticos, mostramos que somente o da 3<sup>a</sup>p.pl. é obrigatório quando não há nenhum outro sujeito (nominal ou pronominal) na sentença. Mostramos, ainda, o comportamento dos sujeitos clíticos quando a posição de sujeito está lexicalmente preenchida. As conclusões a que chegamos são as seguintes:

---

<sup>26</sup> Conforme Zörner (1989:257) “la forma femminile della 3<sup>a</sup> persona porta la desinenza personale ridondante /j/.” Esta forma comparece na variante dialetal de *Cembrano* e no *trentino* falado na cidade de Trento.



- sujeitos clíticos são compatíveis com sujeitos definidos, indefinidos e QPs em posição pré-verbal;
- sujeitos clíticos não comparecem com sujeitos indefinidos em posição pós-verbal, mas podem comparecer opcionalmente quando há sujeitos definidos ou QPs em tal posição.

Além de serem usados com verbos em tempos simples, os sujeitos clíticos são também usados com os verbos auxiliares *esser* e *aver* em tempos compostos.

Quanto à posição, vimos que os sujeitos clíticos estão sempre adjacentes ao verbo, ou em posição proclítica, ou enclítica. Quando enclíticos podem alterar a forma.

Constatamos que junto ao verbo *esser* podem aparecer dois tipos diferentes de clíticos: o sujeito clítico variável, aquele que compartilha os traços de gênero, número e pessoa com o sujeito da sentença, e um clítico neutro, o qual se apresenta na forma não-marcada da 3ª p.sg. Este último é encontrado nos seguintes contextos:

➔ com o verbo *esser*:

- que forma construções clivadas;
- que forma a perífrase progressiva;
- cópula de sentenças em que o associado do sujeito é um DP ou um CP (finito ou infinitivo);
- auxiliar de verbos inacusativos.

➔ com verbos sem argumentos, como *piover*.

Os sujeitos clíticos no DT trazem para a nossa análise os seguintes questionamentos: Que tipo de entidade sintática eles são (X° ou XP)? Qual posição ocupam? Na próxima seção, apresentaremos algumas propostas relevantes para a análise de sujeitos clíticos a partir das quais tentaremos prover uma resposta para os nossos questionamentos.

### 2.3 *Propostas para os sujeitos clíticos*

Kayne (1975) foi um dos primeiros a abrir as discussões em torno do fenômeno da cliticização. Constatou que os sujeitos clíticos (SCLs) diferem dos objetos clíticos em Francês *standard* observando estruturas coordenadas. Nestas estruturas SCLs podem ser omitidos, mas objetos não podem, um sinal de que objetos clíticos e sujeitos clíticos têm comportamento diferente. Propôs analisar os sujeitos clíticos como verdadeiros argumentos verbais, gerados na mesma posição em que os pronomes tônicos ou DPs e depois deslocados para a posição adjacente ao verbo flexionado.

Benincà (1984), analisando o fenômeno de cliticização nos dialetos italianos, observou que o sujeito clítico *a* do *Padovano*, normalmente considerado das 1<sup>as</sup>ps. sg.e pl. e da 2<sup>a</sup>p.sg, apresenta propriedades distintas daquelas encontradas nos sujeitos clíticos das 3<sup>as</sup>ps.sg. e pl. e da 2<sup>a</sup>p.sg. :

- (56) A vago via  
cl vou embora  
'Vou embora'
- (57) a. A no te parli mai  
cl não cl-2<sup>a</sup>p.sg. falas nunca  
'Tu não falas nunca'
- b. \*Te no parli mai
- (58) \*A chi ze partito ?  
cl quem é partido  
'Quem partiu?'

Dentre estas propriedades, ressalta que *a* comparece na sentença para marcar a frase como nova e há uma entonação de ênfase ou surpresa (cf.(56)); é o único clítico que pode se posicionar antes da negação (57); e é impossível em frases interrogativas que contenham elementos-*wh* (58). Com isso, propôs que *a* não se comporta como os clíticos da 3<sup>as</sup>ps.sg. e pl. e da 2<sup>a</sup>p.sg e ocorre na periferia esquerda da sentença, em uma posição 'Top'.

A partir desta distinção, traçada por Benincà, alguns estudos passam a considerar a existência de diferentes sujeitos clíticos com propriedades também distintas. Dentre esses,

está o estudo de Poletto (2000), o qual será apresentado nesta seção, logo após a apresentação das propostas de Rizzi (1986) e de Brandi & Cordin (1989).

### 2.3.1 *Clítico na flexão*

#### 2.3.1.1 *Rizzi (1986)*

Rizzi (1986), ao analisar o estatuto sintático do sujeitos clíticos em línguas românicas, defende que tais elementos são parte da flexão verbal. Para ilustrar a hipótese, toma as seguintes sentenças do dialeto Trentino (TR):

- (59) a. El Gianni el magna  
 b. \_\_\_\_\_ el magna  
 c.\* \_\_\_\_\_ \_\_\_\_ magna

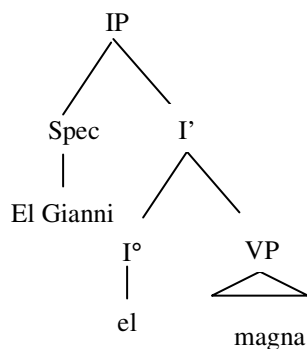
Neste dialeto, o NP sujeito pode ser preenchido (59a), ou ser nulo (59b). Sendo nulo, recebe uma interpretação pronominal definida, mas um sujeito clítico deve obrigatoriamente comparecer na sentença, como mostra a agramaticalidade de (59c).

Considerando que a propriedade crucial para distinguir línguas de sujeito nulo consiste em alguma particularidade da flexão verbal, adota duas hipóteses:

- a) sentenças são projeções máximas de um elemento I° (flexão), contendo especificações de *tense* (T) e *agreement* (AGR);
- b) o elemento nulo que aparece em posição de sujeito em (59b) pertence ao tipo *pro* (-anafórico; +pronominal), o qual é licenciado e interpretado como um pronome referencial definido através da regência do I° contendo uma especificação AGR rica.

Os sujeitos clíticos são vistos, então, como o *Spell Out* de AGR em I° e são capazes de licenciar e atribuir um conteúdo para uma ocorrência de *pro* em posição de sujeito.

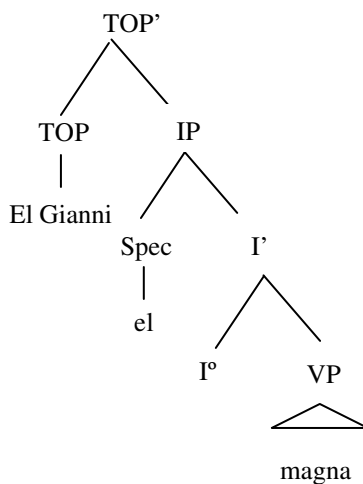
Com base nestes pressupostos, assume que a estrutura de (59a) é (60):

(60)<sup>27</sup>

Em (60), o sujeito clítico *el* é o *Spell Out* de AGR e ‘reduplica’ os traços (3<sup>a</sup>p.sg., masculino) do NP sujeito, *el Gianni*.

Segundo Rizzi, não é possível assumir que os sujeitos clíticos ocorram na posição de sujeito porque, se assim fosse, sentenças como ‘*El Gianni el magna*’ seriam analisadas como deslocamento à esquerda, já que a única posição disponível para o NP *el Gianni* seria a posição TOP, como ilustra a configuração em (61):

(61)



<sup>27</sup> Atualizamos a estrutura em (60) e (61): [NP,S] foi substituída por [Spec, IP].

Em italiano, ressalta o autor, um NP quantificado (nu) não pode ocupar a posição de deslocamento à esquerda:

- (62) a. Dirò tutto alla polizia  
 ‘Direi tudo à polícia’
- b. \*Tutto, lo dirò alla polizia  
 ‘Tudo, o direi à polícia’

A impossibilidade de (62b) é explicada pelo princípio, proposto por Rizzi, segundo o qual um pronome não pode funcionar como uma variável primária, mas pode adquirir *status* de variável através da ligação com uma variável primária lícita. Na sentença em (62b), o pronome *lo* só poderia funcionar como variável para *tutto* através da conexão com uma variável primária deixada pela aplicação de Quantifier Raising (May (1977): *apud* Rizzi (1986)).

(61) pressupõe que, em TR, sentenças não podem ter a configuração NP quantificado-sujeito clítico-predicado, porque um NP quantificado teria que estar em TOP. A predição, entretanto, é falsa, visto que neste dialeto sentenças como (63) são gramaticais:

- (63) Tut l'è capità de not  
 Tudo cl+é acontecido de noite  
 ‘Tudo aconteceu de noite’

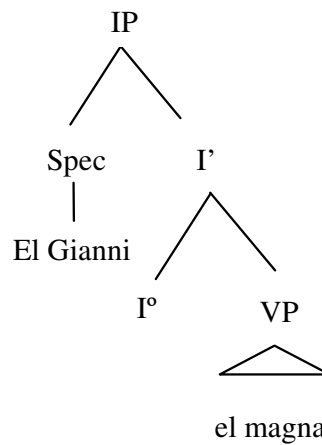
Isto indica, de algum modo, que o sujeito lexical que precede o sujeito clítico não se encontra na posição TOP; e se ele não se encontra em TOP, presume-se que ocupe a posição de sujeito [Spec, IP]. Se a posição de sujeito é ocupada por ele, o sujeito clítico deve estar em outra posição em IP. Com esse argumento, Rizzi afirma que sujeitos clíticos não estão na posição de sujeito.

Para sustentar a hipótese de que sujeitos clíticos também não estão no VP<sup>28</sup>, abaixo de IP, em uma configuração do tipo (64), apresenta exemplos da distribuição dos clíticos de negação em alguns dialetos (65)-(67):

---

<sup>28</sup> A idéia de que os sujeitos clíticos estão no VP é de Kayne (1975). Há ainda outras propostas como a de Jaeggli (1982). Para ele, os clíticos nascem na posição em que aparecem na superfície e estão coindexados com uma categoria vazia (provavelmente *pro*) dentro do VP. Esta categoria pode ser substituída por um DP, um quantificador ou um elemento interrogativo.

(64)



Os dialetos tomados pelo autor são o *romagnolo* (65), o *trentino* (66) e o *fiorentino* (67):

(65) (Maria) la 'n ve brisa  
'(Maria) cl-3<sup>a</sup>p.sg. não vem jamais'

(66) (La Maria) no la parla  
'(Maria) não cl-3<sup>a</sup>p.sg. fala'

(67) a. (La Maria) la un parla  
'(La Maria) cl-3<sup>a</sup>p.sg. não fala'

b. (Te) t'un parli  
'(Tu) cl-2<sup>a</sup>p.sg.não falas'

c. (Te) un ti parli  
'(Tu) Não cl-2<sup>a</sup>p.sg. falas'

Em *romagnolo* (65), o sujeito clítico sempre precede o clítico negativo; em *trentino* (66), o sujeito clítico segue o clítico negativo; e em *fiorentino* (67), o sujeito clítico pode seguir (67c) ou preceder ((67a) e (67b)) o clítico negativo, dependendo da especificação da pessoa

do verbo. Com a terceira pessoa, o sujeito clítico aparece antes do marcador negativo *un* (67a); com a segunda pessoa, o sujeito clítico pode aparecer antes (67b), ou depois da negação (67c).

O clítico negativo e o sujeito clítico formam, conforme Rizzi, um único ‘grupo clítico’, composto de dois membros, ambos constituintes de IP. As variações na ordem dos constituintes do grupo clítico em *fiorentino* são encontradas também em outras línguas: em francês, a ordem para os clíticos dativo e acusativo é *le-lui* (acusativo, dativo), enquanto em italiano a ordem é *glie-lo* (dativo, acusativo).

Propõe, então, que existem dois conjuntos de clíticos: o conjunto que engloba a negação e os sujeitos clíticos, que está em IP, e o de complementos clíticos, que está no VP. As reordenações ocorrem somente dentro do mesmo conjunto e nunca entre diferentes conjuntos de clíticos. Com isso, ele tenta explicar por que a negação sempre precede ou segue o sujeito clítico, mas nunca quebra o agrupamento. Este argumento não se sustenta em uma análise que propõe um único agrupamento clítico com o sujeito clítico dentro do VP.

### 2.3.1.2 Brandi & Cordin (1989)

Brandi & Cordin (1989)<sup>29</sup> assumem a hipótese de Rizzi (1986) e propõem que os dialetos *trentino* (TR) e *fiorentino* (F), mesmo realizando obrigatoriamente um sujeito clítico na sentença, como o francês (Fr), podem ser considerados línguas de sujeito nulo, como o italiano. Para tanto, analisam quatro fenômenos característicos de línguas de sujeito nulo: inversão livre, extração do sujeito-*wh*, inversão dos sujeitos clíticos, e o fenômeno de inversão complexa<sup>30</sup>.

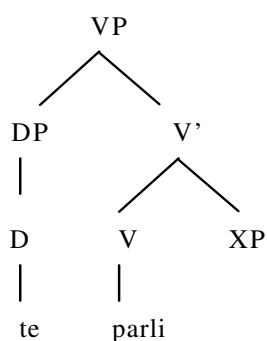
<sup>29</sup> As propostas discutidas no artigo de (1989) já tinham sido discutidas no artigo de (1981). “Dialetti e italiano: un confronto sul parametro del soggetto nullo”. In: *Rivista di Grammatica Generativa* 6. pp. 33-87.

<sup>30</sup> Para Brandi & Cordin, os dialetos TR e F se configuram como línguas de sujeito nulo porque os sujeitos clíticos estão em I<sup>o</sup> e a posição de Spec pode ser ocupada por um *pro*. Para outros autores, dentre esses Kato (2000), os dialetos são línguas de sujeito nulo porque não projetam o especificador de T. Esta autora propõe que os sujeitos clíticos são gerados na posição D, dentro do VP:

Quanto ao primeiro, observam que TR e F permitem inversão livre com todo tipo de verbo (ergativo ou não) e com todo tipo de sujeito (definido ou não)<sup>31</sup>:

- (68) a. Gli è venuto delle ragazze (F)  
 cl é vindo umas meninas  
 ‘Vieram umas meninas’
- b. È vegnú qualche putela (TR)  
 é vindo algumas meninas  
 ‘Vieram algumas meninas’

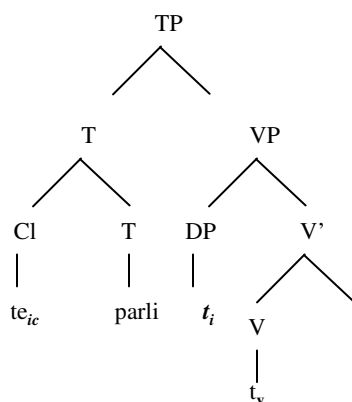
(a)



[ Trentino e Fiorentino, cf. Kato (2000:211)]

E, atraídos por traços D-fortes em T, sobem para o núcleo de T :

(b)



te parli ⇒ te parli

[Fiorentino, cf. Kato 2000:211]

A cadeia do clítico, com a cabeça em T e a cauda em Spec VP, é interpretada na LF como o sujeito sintático da sentença. Sujeitos clíticos podem, então, ser interpretados como argumentos externos do verbo em LF.

<sup>31</sup>Línguas de sujeito não nulo (LSNN), como o francês, só permitem inversão livre do sujeito com verbos ergativos e apresentam restrições sobre o deslocamento de sintagmas nominais definidos.

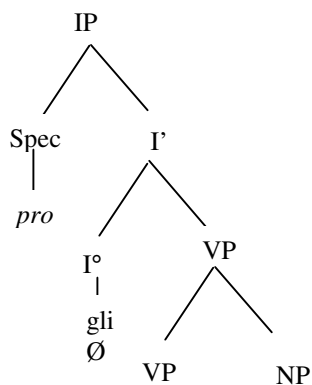


- (69) a. Gli è venuto la Maria (F)  
 cl é vindo a Maria  
 ‘Veio a Maria’
- b. È vegnú la Maria (TR)  
 é vindo a Maria  
 ‘Veio a Maria’
- (70) a. Gli ha telefonato delle ragazze (F)  
 cl tem telefonado umas meninas  
 ‘Telefonaram umas meninas’
- b. Ha telefoná qualche putela (TR)  
 tem telefonado algumas meninas  
 ‘Telefonaram algumas meninas’

Além disso, observam que o verbo não concorda com o sujeito invertido e apresenta uma forma neutra, não-marcada (3ªp.sg., masc). Em F (cf.(68a), (69a) e (70a)), um clítico neutro impessoal (*gli*) com traços não marcados precede o verbo; em TR (cf.(68b), (69b) e (70b)), nenhum clítico impessoal aparece<sup>32</sup>.

Para explicar as estruturas de inversão adotam (71), em que o clítico impessoal do F representa o *spelling out* dos traços de AGR<sup>33</sup>:

(71)



<sup>32</sup> Neste artigo, a ausência do clítico impessoal em TR é vista simplesmente como uma lacuna no paradigma morfológico. No artigo de (1981) Brandi & Cordin discutem a presença residual deste clítico no TR.

O papel temático, nesta configuração, é atribuído à posição [Spec, IP] ocupada pelo elemento expletivo *pro*. Como tal elemento é incapaz de carregar um papel temático, as autoras, seguindo Chomsky (1982), propõem que o papel temático é transmitido ao NP pós-verbal através de uma cadeia, através da qual sujeitos pré e pós-verbais estão coindexados.

Com estes argumentos mostram que, em F e em TR, o verbo não concorda com o sujeito lexical, mas concorda em traços de pessoa, gênero e número com os sujeitos clíticos localizados em AGR. Nas construções com inversão, o sujeito pré-verbal é o expletivo *pro*, o qual carrega os traços neutros (3<sup>a</sup>p.sg. masc); então o sujeito clítico e a concordância verbal aparecerão com traços neutros<sup>34</sup>.

A morfologia distintiva encontrada nas construções com inversão tem conseqüências também para a análise de extração-*wh*, o segundo fenômeno tratado por Brandi & Cordin para mostrar que TR e F são línguas de sujeito nulo. Os casos considerados são:

- (72) a. *Quante ragazze gli ha parlato con te ? (F)*  
 Quantas meninas cl tem falado contigo  
 ‘Quantas meninas falaram contigo?’
- b. *Quante putele ha parlá con ti ? (TR)*  
 Quantas meninas tem falado contigo  
 ‘Quantas meninas falaram contigo?’
- (73) a. *\*Quante ragazze le hanno parlato con te ? (F)*  
 Quantas meninas cl-3<sup>a</sup>p.pl. têm falado contigo
- b. *\*Quante putele le ha parlá con ti ? (TR)*  
 Quantas meninas cl-3<sup>a</sup>p.pl. têm falado contigo

---

<sup>33</sup> Em construções com inversão em francês, o clítico expletivo *il* ocupa a posição [Spec, IP]

<sup>34</sup> Em todos os exemplos com inversão apresentados, o sujeito lexical tem os traços da 3<sup>a</sup>p. Se tiver os traços da 1<sup>a</sup> e da 2<sup>a</sup>p., o comportamento é diferente, pois eles requerem os traços de concordância. Para estes casos, as autoras assumem que os traços de pessoa devem sempre concordar com a cadeia temática (cf. Brandi & Cordin (1989: nota 10).

(72) e (73) mostram que quando o sujeito é questionado, a concordância se dá como se inversão tivesse acontecido. O mesmo vale para contextos encaixados:

- (74) a. Quante ragazze tu credi che gli abbia parlato ? (F)  
 Quantas meninas tu acreditas que cl tenha falado  
 ‘Quantas meninas tu acreditas que tenham falado ?’
- b. Quante putele te pensi che abbia parlá ? (TR)  
 Quantas meninas tu pensas que tenha falado  
 ‘Quantas meninas tu pensas que tenham falado ?’
- (75) a.\* Quante ragazze tu credi che le abbiano parlato ? (F)  
 Quantas meninas tu acreditas que cl-3<sup>a</sup>p.pl. tenham falado
- b.\* Quante putele te pensi che le abbia parlá ? (TR)  
 Quantas meninas tu pensas que cl-3<sup>a</sup>p.pl. tenham falado

O contraste entre (74a) e (75a) e entre (74b) e (75b) mostra que a ausência de concordância entre o sujeito e o verbo é necessária para que as sentenças sejam gramaticais,

As características morfológicas observadas em (72) e (74) sugerem que o sintagma-*wh* origina-se na posição pós-verbal e as estruturas tenham as seguintes representações:

- (76) a. [Quante ragazze<sub>i</sub> [*pro* gli {ha parlato} con te e<sub>i</sub> ]] (F)  
 b. [Quante putele<sub>i</sub> [*pro* {ha parlá} con ti e<sub>i</sub> ]] (TR)
- (77) a. [Quante ragazze<sub>i</sub> [tu credi [che *pro* { gli abbia parlato } e<sub>i</sub>]]] (F)  
 b. [Quante putele<sub>i</sub> [te pensi [che *pro* {abbia parlá} e<sub>i</sub>]]] (TR)

A ausência dos efeitos *that*-trace em sentenças como (74), representada em (77), é conforme Rizzi (1982) (citado pelas autoras), devida a uma propriedade das línguas de sujeito nulo, ou seja, a possibilidade de inversão livre do sujeito. A derivação via inversão do sujeito não é somente uma saída adotada para não violar o Filtro *that*-trace, uma vez que ela é requerida também em casos de movimento curto (cf.(72)).

Outras estruturas corroboram a hipótese sobre a posição pré-extração do sujeito-*wh*. Em relativas restritivas com sujeitos-*wh* extraídos, novamente as sentenças bem formadas são aquelas em que não há concordância entre o verbo e sujeito-*wh*:

- (78) a. Le ragazze che gli ha parlato con te. (F)  
As meninas que cl tem falado contigo  
'As meninas que falaram contigo'
- b. Le putele che ha parlá con ti (TR)  
As meninas que tem falado contigo  
'As meninas que falaram contigo'
- (79) a.\* Le ragazze che le hanno parlato con te. (F)  
As meninas que cl-3<sup>a</sup>.p.pl. têm falado contigo
- b.\*Le putele che le ha parlá con ti (TR)  
As meninas que cl-3<sup>a</sup>p.pl.têm falado contigo

O contraste entre (78) e (79) sugere que a única derivação possível para as sentenças é aquela em que o sujeito-*wh* se move da posição pós-verbal para Comp. A impossibilidade de o sujeito-*wh* ter sido extraído da posição pré-verbal é explicada pela proposta de Jaeggli (1984) sobre a interpretação que o vestígio-*wh* deveria receber em uma língua de sujeito nulo: se ele estivesse na posição [Spec,IP], o sujeito vazio deveria ser localmente regido e determinado como *pro* pela flexão; logo, não poderia ser interpretado como uma variável. Os exemplos em (79) são agramaticais porque a categoria vazia deixada pelo sintagma-*wh* em posição [Spec, IP], a qual deveria funcionar como uma variável, fica determinada como *pro* pela flexão e *pro* não pode ser uma variável.

Em contextos de extração longa de sujeito, em relativas restritivas, são evidenciados fatos semelhantes da falta de concordância entre o verbo e o sujeito:

- (80) a. Le ragazze che tu credi che gli abbia parlato con me (F)  
As meninas que tu acreditas que cl tenha falado comigo  
'As meninas que tu acreditas que tenham falado contigo'
- b. Le putele che te pensi che abbia parlá con mi (TR)  
As meninas que tu pensas que tenha falado comigo  
'As meninas que tu pensas que tenham falado comigo'

- (81) a. \* Le ragazze che tu credi che le abbiano parlato con me (F)  
 As meninas que tu acreditas que cl-3<sup>a</sup>p.pl. tenham falado comigo
- b. \*Le putele che te pensi che le abbia parlato con mi (TR)  
 As meninas que tu pensas que cl-3<sup>a</sup>p.pl. tenham falado comigo

Nestas sentenças, a extração do sujeito também deve se originar da posição pós-verbal. Isso é determinado por ECP, o qual exclui sentenças com uma categoria vazia não pronominal (neste caso, um vestígio) na posição de sujeito [Spec, IP] seguindo um complementizador. Um traço deixado por movimento-*wh* da posição pós-verbal, ao contrário, não é afetado por ECP.

O terceiro fenômeno analisado é o da inversão do sujeito clítico (ISC) em construções interrogativas. As autoras discutem a proposta de Kayne (1983) para ISC e argumentam que ela só é consistente para os dados do francês (Fr), embora vários exemplos apontem uma similaridade entre os dialetos (TR, F) e o Fr. Em interrogativas sim/não (82) e (83), e em interrogativas-*wh* (84), os sujeitos clíticos se comportam da mesma maneira:

- (82) a. Vegnelo ? (T)  
 Vem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. ?  
 Ele vem?
- b. Vient-il ? (Fr)  
 Vem cl-3<sup>a</sup>p.sg. ?  
 Ele vem?
- (83) a. Hat dit la verità ? (T)  
 Tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. dito a verdade?  
 ‘Tu disseste a verdade ?’
- b. As-tu dit la vérité ? (Fr)  
 Tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. dito a verdade?  
 ‘Tu disseste a verdade ?’

- (84) a. Icché ha-egli preparato ? (F)  
 O que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. preparado?  
 ‘O que ele preparou?’
- b. Cosa halo prepará ? (TR)  
 O que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. preparado?  
 ‘O que ele preparou?’
- c. Qu’a-t-il preparé ? (Fr)  
 O que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. preparado?  
 ‘O que ele preparou?’

Em (82), seguem o verbo principal, ao invés de precedê-lo, como acontece normalmente nas declarativas; em (83) e em (84), em que o verbo aparece composto, os sujeitos clíticos seguem o auxiliar.

Tanto nos dialetos quanto em Fr, ISC é restrita a contextos matrizes:

- (85) a.\* Ho domandato se è-egli ito via (F)  
 Tenho perguntado se é+ cl-3<sup>a</sup>p.sg. ido embora
- b.\*Ho domandá se è-lo na via (TR)  
 Tenho perguntado se é+ cl-3<sup>a</sup>p.sg. ido embora
- c. \*J’ ai demande si est-il parti (Fr)  
 Tenho perguntado se é+cl-3<sup>a</sup>p.sg. ido embora

Conforme mostra (85), em contextos encaixados, as sentenças com ISC são agramaticais

Em sentenças interrogativas encaixadas o sujeito clítico precede o verbo, como acontece em declarativas:

- (86) a. Dimmi quando la viene (F)  
 Diga-me quando cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem  
 ‘Diga-me quando ela vem’
- b. Dime quando la ven (TR)  
 Diga-me quando cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem  
 ‘Diga-me quando ela vem’

- c. Dis moi quand elle vient (Fr)  
 Diga-me quando cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem  
 ‘Diga-me quando vem’

Para Kayne (1983, citado pelas autoras), construções com inversão de sujeito clítico envolvem movimento para a esquerda da flexão verbal, ao invés de movimento para a direita do sujeito clítico. Movimento do sujeito clítico para a direita provavelmente violaria ECP, pois a posição [Spec, IP] seria ocupada por uma categoria vazia que não poderia ser propriamente regida. Para ele, a hipótese do movimento à esquerda da flexão verbal não apresenta este problema, como mostram as derivações abaixo:

- (87) a. [est] [<sub>S</sub> elle<sub>[INFL t]</sub> arrivée]  
 b. [est-elle<sub>i</sub>] [<sub>S</sub> e<sub>i</sub> [<sub>INFL t</sub>] arrivée]

Esta análise, contudo, só é consistente, segundo as autoras, para o francês. Elas assumem que quando ISC acontece, a derivação parte de uma sentença na qual o sujeito é *pro* e a flexão contém um clítico:

- (88) [<sub>S</sub> *pro* [<sub>INFL</sub> la] è rivada]

Então, o movimento à esquerda da flexão contendo o clítico (e o verbo) dá a seguinte estrutura:

- (89) [È la [<sub>S</sub> *pro* [<sub>INFL</sub> e] rivada]

Tal estrutura é assumida para os exemplos de ISC em TR e em F. Com isso, tentam mostrar que as semelhanças entre os dialetos e o Fr são apenas aparentes.

Para explicar por que o sujeito clítico ocorre à direita do verbo, transformando a ordem linear, assumem Chomsky (1986). Segundo ele, “o núcleo de VP em geral pode alcançar o núcleo da posição C do CP somente se ele passar primeiro através da posição I de IP, amalgamando-se à flexão” (*apud* Brandi & Cordin (1989:69)). Isto significa que o verbo se move para a posição de núcleo I° de I’ e se amalgama com o sujeito clítico que

ocorre ali antes de se mover para C. O amalgamento de V/I° com o sujeito clítico resulta na reordenação V/sujeito clítico.

O último fenômeno tratado para mostrar que os sujeitos clíticos nos dialetos contrastam com os encontrados em Fr é o da inversão complexa (IC).

Em Fr, IC acontece em perguntas sim/não:

- (90) Cela est-il faux ?  
 Isto é+cl falso  
 ‘Isto é falso?’

em interrogativas-*wh*:

- (91) A qui cela est-il destiné ?  
 Para quem isto é+cl destinado  
 ‘Para quem é destinado?’

e é restrita à contextos matrizes (cf. (90) e (91)).

Kayne (1983: *apud* as autoras) analisa construções com IC da seguinte maneira: uma estrutura-D, como em (92a), primeiro sofre movimento à esquerda do NP sujeito e de I° (assumindo que V já foi alçado para I°), projetando (92b); a seguir, o sujeito clítico *il* é inserido na posição deixada vazia pelo movimento do sujeito (92c) e, então, *il* é cliticizado ao elemento verbal a sua esquerda, deixando novamente vazia a posição de sujeito. A estrutura-S resultante é (92d).

- (92)<sup>35</sup> a. Cela est faux  
 b. cela<sub>i</sub> [est [S [NP e<sub>i</sub>] [INFL e ] VP]]  
 c. cela<sub>i</sub> [est [S [NP il<sub>i</sub>] [INFL e ] VP]]  
 d. cela<sub>i</sub> [est-il [S [NP e<sub>i</sub>] [INFL e ] VP]]

A cliticização cria uma cadeia com três elementos (*cela*, *il*, *e*), necessária para a atribuição do papel temático ao argumento *cela*. A cadeia com três elementos é admissível por causa do estatuto não-argumental do sujeito clítico *il*. Em (92d), *cela* e o impessoal *il* podem estar

---

<sup>35</sup> Esta análise, notam as autoras, não envolve uma cliticização puramente fonológica porque movimento à esquerda do pronome sujeito junto ao verbo fronteado é requerida para permitir regência apropriada da posição de sujeito.



na mesma cadeia porque o impessoal *il* não é argumental e há somente um argumento para receber o papel temático de sujeito na cadeia formada (*cela, il, e*)<sup>36</sup>.

Em francês, IC nunca ocorre com sujeitos-*wh*:

- (93) a. Jean amuse-t-il Marie ?  
         Jean diverte cl Maria  
         ‘Jean diverte Maria?’
- b. \*Qui amuse-t-il Marie ?  
            Quem diverte cl Maria

A exclusão da sentença em (93b) é justificada por Kayne a partir das seguintes representações:

- (94) a.  $qui_i$  [amuse-t-il<sub>i</sub> [S [NP  $e_i$  [INFL e [VP ....
- b.  $qui_i$  [ $e_i$  [amuse-t-il<sub>i</sub> [S [NP  $e_i$  [INFL  $e_i$  [VP ....

Em (94a), a categoria vazia deixada pelo movimento-*wh* da posição de sujeito é propriamente regida pelo sujeito clítico *il*, satisfazendo, por um lado, ECP mas, por outro, violando a definição de variável, pois não há nenhuma categoria vazia localmente  $\bar{A}$ -regida por um operador (o sujeito clítico *il* localmente  $\bar{A}$ -rege o sujeito). Se se assume que a posição pré-verbal em (93a) não é uma posição-A, movimento-*wh* a partir desta posição não projeta um lugar de chegada para uma variável qualquer- a categoria vazia destacada em (94b) é o lugar de chegada em questão.

Ao contrário do Fr, nos dialetos, IC não é permitida, nem em perguntas sim/não, nem em perguntas-*wh*:

---

<sup>36</sup> Como ressalta Kayne (1983) (*apud* Brandi & Cordin (1989)), IC não é aceitável se um sujeito clítico deve contar como um argumento como acontece com (a):

- a.\* Pourquoi cela est-ce faux ?  
     ‘Por que isto é falso ?’

Em (a) *cela* e *ce* são argumentos da mesma cadeia e ambos competem pelo único papel temático, violando, dessa forma, o Critério Temático.

- (95) a. \*La Carla ha-la telefoná ? (TR)  
 A Carla tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. telefonado
- b. \*Icché la Carla ha+cl-3<sup>a</sup>p.sg. comprato?(F)  
 O que a Carla tem+ela comprado

A impossibilidade de ocorrência de IC deve-se ao fato de que, nestas sentenças, há dois argumentos (*la Carla*, *la/ella*) competindo por um único papel temático.

Todavia, IC é possível com sujeitos-*wh*:

- (96) a. Chi ha-egli telefonato? (F)  
 Quem tem+cl telefonado  
 ‘Quem telefonou?’

Isso demonstra que a distribuição da IC nos dialetos é virtualmente a imagem do espelho da distribuição da IC em Fr. As diferenças, segundo as autoras, devem-se ao fato de que sujeitos clíticos nos dialetos estão em I<sup>o</sup>, enquanto em Fr eles não estão.

A análise proposta é baseada na hipótese de que TR e F são línguas de sujeito nulo e que seus sujeitos clíticos têm um estatuto distinto do dos sujeitos clíticos em Fr. A hipótese prediz que IC pode ser admitida se o sujeito clítico não for argumental na estrutura em que ele ocorrer. Existe pelo menos um contexto estrutural no qual o sujeito clítico não tem estatuto de argumento: onde há inversão do sujeito. Ao analisarem inversão livre, as autoras mostraram que movimento-*wh* curto de sujeitos também se origina da posição pós-verbal, criando uma configuração onde o sujeito clítico não é um argumento. Então, nos dialetos, IC é admissível em contextos em que sujeitos-*wh* são questionados, enquanto em Fr tal possibilidade é excluída.

### *2.3.2 Implosão de Agr - Poletto (2000)*

Poletto (2000) analisa a distribuição sintática dos sujeitos clíticos (SCLs) em dialetos italianos e propõe quatro tipos morfológicos: invariáveis, dêiticos, pessoais e de

número<sup>37</sup>. Cada tipo morfológico ocupa uma posição sintática diferente. Para individualizar cada posição, observa o comportamento dos SCLs em relação ao marcador negativo pré-verbal, observa a interação dos SCLs com elementos CPs e o comportamento dos SCLs em sentenças coordenadas. A autora propõe também que a projeção AgrS deve ser implodida em um grupo de quatro FPs, correspondentes às quatro classes de SCLs, e que é necessário postular uma posição para o verbo flexionado (mais acima do que T<sup>o</sup>, embora mais abaixo do que as posições dos SCLs). As posições postuladas são definidas como *Agreement field*, composto, então, pelo grupo de FPs onde os traços dos sujeitos são sintaticamente codificados.

Aplicando o primeiro teste, o da negação<sup>38</sup>, observa uma distinção entre dois grupos de sujeitos clíticos: aqueles que aparecem antes do marcador negativo pré-verbal (invariáveis e dêiticos); e aqueles que geralmente aparecem depois do marcador negativo

<sup>37</sup> Clíticos invariáveis - não codificam traço de sujeito e são invariáveis para todas as pessoas:

1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>
a	a	a	a	a	a

Clíticos dêiticos - codificam um traço dêitico. São sensíveis à distinção entre as pessoas dêiticas, que estão presentes na conversação (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup>), e àquelas que estão ausentes (3<sup>a</sup>). Têm somente duas formas: uma usada para a 1<sup>a</sup> e a 2<sup>a</sup>p. (sg. e pl.) e outra para a 3<sup>a</sup>p. (sg. e pl.):

1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>
i	i	a	i	i	a

Clíticos pessoais - codificam traços de pessoa e são geralmente realizados para a 2<sup>a</sup> e a 3<sup>a</sup> ps.sg. São sensíveis ao traço de pessoa, o qual não pode ser expresso como traço geral de pessoa, porque não ocorrem com todas as pessoas. A distinção que deve ser expressa é definida pelo traço [+/- ouvinte]. A 2<sup>a</sup>p.sg. é a forma marcada como [+ouvinte], e a 3<sup>a</sup>p.sg. masc é a forma não marcada, especificada como [-ouvinte]. Não codificam nenhum traço [falante] já que não existem clíticos para as 1<sup>a</sup>p.sg. e pl. no paradigma:

1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>
-	t+v	v+l	-	-	-

Clíticos de número - codificam um traço [-ouvinte] e os traços [+/- plural] e [+/-feminino]. Apresentam normalmente a forma {consoante+vogal}:

1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>
-	-	l+a	-	-	(l)+i / l+e

Os clíticos pessoais e os de número, por apresentarem propriedades similares, são definidos como 'Clíticos de concordância'; em oposição aos 'Clíticos vocálicos' formados pelos dêiticos e invariáveis.

<sup>38</sup> Na aplicação deste teste, Poletto considera somente as posições dos SCLs em relação aos marcadores negativos fortes, conforme proposto por Zanuttini (1997, *apud* Poletto (2000)). Segundo Zanuttini, existem dois tipos de marcadores negativos: um marcador negativo fraco, que ocorre depois dos objetos clíticos e é adjungido ao F<sup>o</sup> ocupado pelo verbo flexionado; e um marcador negativo forte, que ocorre antes dos objetos clíticos e está em um núcleo independente e sempre localizado em um NegP acima da posição do verbo flexionado.

pré-verbal (de número e pessoa), mas podem ocorrer antes, o que sugere a hipótese de movimento do SCL para a posição pré-negação:

(97) [X [ Neg [ Z [...]]]]

Então, conforme ilustra (97), os SCLs podem ocupar posições distintas: dêíticos e invariáveis ocupam X, a posição mais alta do que a negação, enquanto clíticos de número e pessoa ocupam Z, a posição mais baixa.

O segundo teste usado para distinguir as classes de SCLs é o da interação com o nível CP. Dêíticos e invariáveis são sensíveis aos traços presentes em C°. Se um complementizador declarativo aparece em C°, eles obrigatoriamente se agrupam a ele:

(98) a. Ara ch'a vegno Loreo (Veneto)  
 Olha que+cl venho  
 'Olha que estou indo'

b.\* Ara che a vegno

Os sujeitos clíticos de número e pessoa também podem se agrupar ao complementizador mas, ao contrário dos invariáveis e dêíticos, por um processo totalmente opcional:

(99) a. Ara che el vien Loreo (Veneto)  
 Olha que cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem  
 'Olha que ele está vindo'

b. Ara ch'el vien

A diferença entre (99a) e (99b) é de pronúncia: um enunciado é mais “allegro” (99b), enquanto o outro é mais cuidadoso (99a). Já a diferença entre (98a) e (98b) é de sintaxe: se o agrupamento não se aplica, as sentenças tornam-se agramaticais.

Dêiticos e invariáveis são também sensíveis a outros elementos típicos de CP. Dêiticos são incompatíveis com elementos-*wh* monossilábicos<sup>39</sup> (100) e compatíveis com elementos-*wh* complexos (101):

(100) Do (\*a) vanu ?  
 Onde cl vão  
 ‘Onde estão indo ?’

(101) Quanti caramelis \*(i) a-tu mangiat ?  
 Quantas balas cl tens cl-2<sup>a</sup>p.sg. comido  
 ‘Quantas balas tu comeste ?’

(100) mostra que a presença do clítico dêitico *a* junto ao *wh* monossilábico *do* é considerada agramatical. (101) mostra que somente o clítico dêitico *a* pode comparecer na presença do *wh* complexo *quanti caramelis*; a presença do clítico invariável *i* resulta em uma sentença agramatical.

Invariáveis são incompatíveis com elementos focalizados<sup>40</sup> e também com itens-*wh* deslocados à esquerda:

(102) \*EL GATO a go visto  
 o gato cl tenho visto

(103) \*Co ti, a no voio ndar  
 contigo, cl não quero ir

EL GATO aparece focalizado em (102), seguido pelo clítico invariável *a* e a sentença é mal formada. Em (103), o clítico invariável segue o elemento deslocado à esquerda *co ti* e a sentença também é considerada mal formada.

<sup>39</sup> Poletto assume que os dêiticos estão localizados mais acima do que a posição ocupada pelos itens-*wh* monossilábicos, e mais abaixo do que a posição ocupada pelos sintagmas-*wh*:

[<sub>CP</sub> wh [<sub>CP</sub> cl.dêitico ] [<sub>CP</sub> wh ] [<sub>IP</sub>]]

<sup>40</sup> Poletto assume Rizzi (1997), o qual separa posição de deslocamento à esquerda da posição de FOCUS. Para explicar a incompatibilidade com itens focalizados e deslocados, considera o significado dos SCLs invariáveis. SCL invariáveis indicam que a sentença é nova e, por isso, não podem ser compatíveis com itens focalizados porque eles representam a parte nova e o resto da sentença a informação velha. Invariáveis são incompatíveis com itens deslocados à esquerda pelo mesmo motivo.

Ao contrário dos dêiticos e invariáveis, os de número e pessoa são compatíveis com todos os tipos de elementos-*wh*.

O teste da interação dos SCLs com o nível CP confirma a existência de duas classes: a dos SCLs pré-negação, composta pelos invariáveis e dêiticos, os quais se agrupam obrigatoriamente à C°; e a dos SCLs pós-negação, composta pelos clíticos de pessoa e número, os quais se agrupam a C° por um processo opcional.

O fato de os SCLs de número e pessoa se agruparem opcionalmente ao complementizador leva a autora a assumir que eles são movidos do nível IP. Aplicando o teste da coordenação, Poletto mostra que em uma estrutura coordenada por dois verbos flexionados diferentes com seus objetos nominais também distintos, os SCLs de número e pessoa devem ser realizados em ambos os conjuntos da coordenação:

- (104) \*La magna patate e beve vin (Veneziano)  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. come batatas e bebe vinho  
 ‘Ela come batatas e bebe vinho’

Em uma estrutura coordenada pelo mesmo verbo com prefixo distinto e com objeto compartilhado, SCLs de número e pessoa se comportam de maneira diferente: SCLs de número podem ser omitidos no segundo conjunto da coordenação, conforme ilustra (105) :

- (105) La lese e rilesse sempre el stesso libro (Cereda)  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. lê e relê sempre o mesmo livro  
 ‘Lê e relê sempre o mesmo livro’

Já os SCLs de pessoa devem ser repetidos<sup>41</sup>:

- (106) Ti lesi e ti rilesi sempre el stesso libro (Veneziano)  
 scl lê e scl relê sempre o mesmo livro  
 ‘Tu lê e relê sempre o mesmo livro’

O contraste entre (105) e (106) leva a autora a dividir o domínio pós-negação em duas posições:

---

<sup>41</sup> Conforme Poletto, no dialeto *Padovano* SCLs de pessoa podem ser omitidos no segundo conjunto da coordenação e as sentenças são gramaticais:

(107) [NegP [NumberP SCL [PersP SCL [IP]]]]

Os SCLs de número e de pessoa são gerados na posição PersP de (107), o que explica o fato de eles não poderem coocorrer. Os SCLs de pessoa permanecem nesta posição; entretanto, como os SCLs de número, além dos traços de pessoa, têm traços de gênero e número, eles são movidos da posição PersP para a posição NumberP para checar tais traços.

Depois de analisar as diferentes posições em que os SCLs podem ocorrer, a autora assume, seguindo Cinque (1999)<sup>42</sup>, que T° não é a posição final de pouso para o verbo flexionado. Poletto provê a posição para o verbo argumentando que a distinção [+/- falante] (=Speaker, em (108)) é de fato codificada na sintaxe e que ela se localiza abaixo da posição [+/- ouvinte] (=Hearer, em (108)), que agora é a posição em que os clíticos de número e de pessoa são gerados:

(108) [NegP [NumberP SCL [HearerP SCL [SpeakerP V [TP]]]]]

Em todos os dialetos do norte da Itália, exceto o franco-provençal, o verbo ocupa a posição SpeakerP e essa é a razão porque os dialetos não têm clíticos de 1ªp.sg. Assim, propõe modificar a estrutura em (107) pela em (108).

Para a variação, observada em alguns dialetos, sugere que os SCLs são capazes de se alçar da posição mais baixa para uma mais alta dentro do *agreement field*. Toda a estrutura do *agreement field* é dada em (109):

(109)

[LDP Inv SCL<sub>i</sub> [CP Deit SCL [FocusP T<sub>i</sub> [IP [NegP [NumberP SCL [HearerP SCL [SpeakerP V [TP]]]]]]]]]]]

Conforme observa Poletto, o CP - o subdomínio que contém a parte pré-negação - tem menos especificações de traços do que o subdomínio IP, embora também contenha traços distintivos. Os traços de pessoa, número e gênero estão localizados no nível abaixo de NegP, enquanto no nível acima de NegP estão contidos somente os traços dêiticos. A

---

(a) Ti te lesi e rilesi sempre el stesso libro

<sup>42</sup> Cinque observou que os advérbios temporais em Italiano *standard* estão localizados na posição SpecT e o verbo flexionado se alça mais acima.

posição FocusP é postulada porque os traços fortes que os SCLs invariáveis têm que checar são traços Focus e deslocamento à esquerda.

### 2.3.3 *Para fechar*

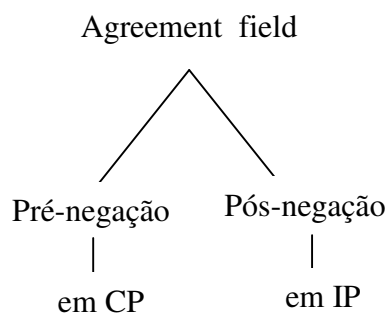
Nesta seção apresentamos algumas propostas para a análise dos sujeitos clíticos. Kayne, um dos primeiros autores a discutir o fenômeno de cliticização, propõe analisar os sujeitos clíticos como verdadeiros argumentos verbais, gerados na mesma posição em que os pronomes tônicos ou DPs e depois deslocados para a posição adjacente ao verbo flexionado. Benincà propõe diferenciar o clítico *a* do *Padovano* dos sujeitos clíticos da 2ª e da 3ª p.sg. demonstrando que eles têm propriedades distintas. Rizzi propõe que SCLs são o *Spell Out* de AGR em I° e, portanto, fazem parte da flexão verbal. Argumenta contra a hipótese de que os sujeitos clíticos ocupam a posição [Spec, IP], mostrando que em uma sentença como *'El Gianni el magna'* se o sujeito clítico *el* ocupa tal posição, e o sujeito nominal *El Gianni* preenche a posição TOP, a sentença é interpretada como deslocamento à esquerda. Como NPs quantificados não podem ocupar a posição de deslocamento à esquerda e sentenças como *'Tut l'è capità de not'*, em que há um NP quantificado e um sujeito clítico, são gramaticais, a hipótese é contestada. Para contestar também a hipótese de que os sujeitos clíticos se encontram no VP, apresenta exemplos da distribuição dos clíticos de negação em alguns dialetos italianos. O fato de, em *fiorentino*, a negação poder preceder ou seguir o sujeito clítico sugere que ambos os elementos façam parte do mesmo 'agrupamento clítico'. Como não há quebra no agrupamento e as reordenações só ocorrem dentro do mesmo grupo de clíticos, assume a existência de dois conjuntos diferentes de clíticos: um que está em IP e engloba a negação e os sujeitos clíticos, e outro que está no VP e engloba os complementos clíticos. Brandi e Cordin assumem a hipótese sobre a posição dos sujeitos clíticos apresentada por Rizzi (1986) e propõem que os dialetos TR e F, mesmo contendo um sujeito clítico obrigatório nas sentenças, como o francês, podem ser considerados línguas de sujeito nulo, como o italiano. Mostram que os dialetos permitem inversão livre com todo tipo de verbo (ergativo ou não) e com todo tipo de sujeito (definido ou não) e que nestas construções o verbo não concorda com o sujeito invertido, mas concorda em traços de pessoa, gênero e número com os sujeitos clíticos em AGR. Em



contextos de extração-*wh*, mostram que, quando o sujeito é questionado, a concordância se dá como se inversão livre tivesse acontecido, e o sujeito-*wh* é extraído da posição pós-verbal. Em construções com inversão do sujeito clítico, a aparente semelhança entre os dialetos e o francês é desfeita pela hipótese assumida de que sujeitos clíticos são parte da flexão. Por fim, em contextos de inversão complexa, mostram que os dialetos se configuram como a imagem do espelho das construções em francês. Com estes argumentos, sustentam a hipótese de que os dialetos, TR e F, são línguas de sujeito nulo. Poletto, examinando dialetos italianos, sugere a existência de quatro tipos morfológicos de SCLs, os quais expressam diferentes traços do sujeito e ocupam posições sintáticas distintas. Para traçar as diferentes posições sintáticas, considera a posição dos SCLs em relação ao marcador negativo pré-verbal, o qual pode aparecer antes ou depois dos SCLs, considera a interação dos SCLs com elementos CPs e também o comportamento dos SCLs em sentenças coordenadas.

As quatro posições propostas sugerem a divisão do *agreement field* em dois subníveis, representados em (110):

(110)



Dentro do domínio do *agreement field*, SCLs podem se mover de uma posição mais baixa para uma mais alta. Além da imploração da posição AgrS em quatro posições distintas, a autora sugere que o verbo se alça acima de T° na posição onde o traço [falante] é decodificado, embora mais abaixo do que a posição ocupada pelos SCLs.

## 2.4 *Sujeitos clíticos do DT*

### 2.4.1 *Análise*

Conforme vimos, há diferentes propostas para o posicionamento dos sujeitos clíticos. A hipótese de que os SCLs são núcleos gerados em INFL, sustentada por Rizzi (1986) e assumida por Brandi & Cordin (1989), enfrenta problemas para explicar a ordem [cl V] que ocorre em sentenças declarativas, como as ilustradas em (111):

- (111) a. *I*            *è*    *coloni*  
           cl-3<sup>a</sup>p.pl. *são colonos*  
           ‘Eles são colonos’
- b. *La*            *magna massa* ‘*n* *pressa*  
           cl-3<sup>a</sup>p.sg. *come demais com pressa*  
           ‘Ela come depressa demais’

Em (111a), vemos o sujeito clítico *i*, da 3<sup>a</sup>p.pl, em posição pré-verbal; e, em (111b), o sujeito clítico *la*, da 3<sup>a</sup>p.sg.

A hipótese de Rizzi pressupõe que o movimento do verbo, o qual deve se adjungir ao sujeito clítico, projeta a ordem inversa daquela vista em (111), ou seja, aquela em que o sujeito clítico segue o verbo. Conforme mostrou Belletti (1990), o verbo flexionado se move em italiano para AgrS<sup>o</sup>; conseqüentemente, o verbo se adjungiria ao sujeito clítico, provocando a ordem [V cl], que é exatamente o contrário do que acontece em sentenças declarativas, onde se presume que se verifica a ordem não-marcada. Por esta razão, a hipótese de que os sujeitos clíticos ocorrem na flexão será abandonada. Outro argumento que nos leva a abandonar a hipótese de Rizzi são as evidências apresentadas por vários autores de que há diferentes tipos de sujeitos clíticos que coocorrem e que ocupam posições sintáticas distintas.

Para dar conta dos problemas que a proposta de Rizzi não dá conta, uma das possibilidades de análise seria adotar a proposta de Poletto (2000). Tal proposta agrupa os sujeitos clíticos em quatro diferentes classes e implode IP em um *agreement field*. No entanto, não é necessário assumir a implosão total para alojar todos os tipos de sujeitos

clíticos do DT. Seguindo a classificação da autora, os sujeitos clíticos do DT podem ser isolados em, pelo menos, duas classes diferentes. Os testes estruturais propostos para distinguir as posições e os tipos de sujeitos clíticos mostram que, em relação ao primeiro teste, o da negação, os sujeitos clíticos do DT sempre seguem o marcador negativo pré-verbal, como mostram as sentenças em (112):

- (112) a. No te compri mai massane.  
 Não cl-2<sup>a</sup>p.sg. compras nunca maçãs  
 ‘Tu não compras nunca maçãs.’

a’. \*Te no compri mai massane.

- b. No la magna mai fruti, quela matelàta.  
 Não cl-3<sup>a</sup>p.sg. come nunca frutas, aquela moça  
 ‘Ela não come nunca frutas, aquela moça’

b’. \*La no magna mai fruti, quela matelàta.

E, portanto, estariam na posição mais baixa na estrutura em (97), naquela ocupada pelos sujeitos clíticos de pessoa e de número.

Em relação ao segundo teste, o da interação com o nível CP, verificamos que os sujeitos clíticos podem se agrupar ao complementizador:

- (113) a. Sarà ch’el te darà quel posto.  
 Será que+cl-3<sup>a</sup>p.sg. te dará aquela vaga  
 Será que ele te dará aquela vaga.

b. Sarà che el te darà quel posto.  
 Será que cl-3<sup>a</sup>p.sg. te dará aquela vaga  
 Será que ele te dará aquela vaga.

Mas este é um processo totalmente opcional no DT, conforme ilustra a ausência de contraste entre (113a) e (113b). Em (113a), o sujeito clítico *el* aparece unido ao complementizador *che* e, em (113b), o sujeito clítico e o complementizador aparecem separados.

Em relação ao teste da coordenação, verificamos que os sujeitos clíticos podem ser omitidos em uma estrutura coordenada por dois verbos flexionados diferentes:

- (114) a. *Te magni e bevi tut i dì.*  
 cl-2<sup>a</sup>p.sg. comes e bebes todos os días  
 ‘Tu comes e bebes todos os días’
- b. *El va e vem continuamente*  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. vai e vem continuamente  
 ‘Ele vai e vem continuamente’

Na sentença em (114a), o sujeito clítico da 2<sup>a</sup>p.sg., *te*, é omitido e, em (114b), o da 3<sup>a</sup>p.sg., *el*.

Em uma estrutura coordenada pelo mesmo verbo com prefixo distinto e com objeto compartilhado, os sujeitos clíticos também podem ser omitidos:

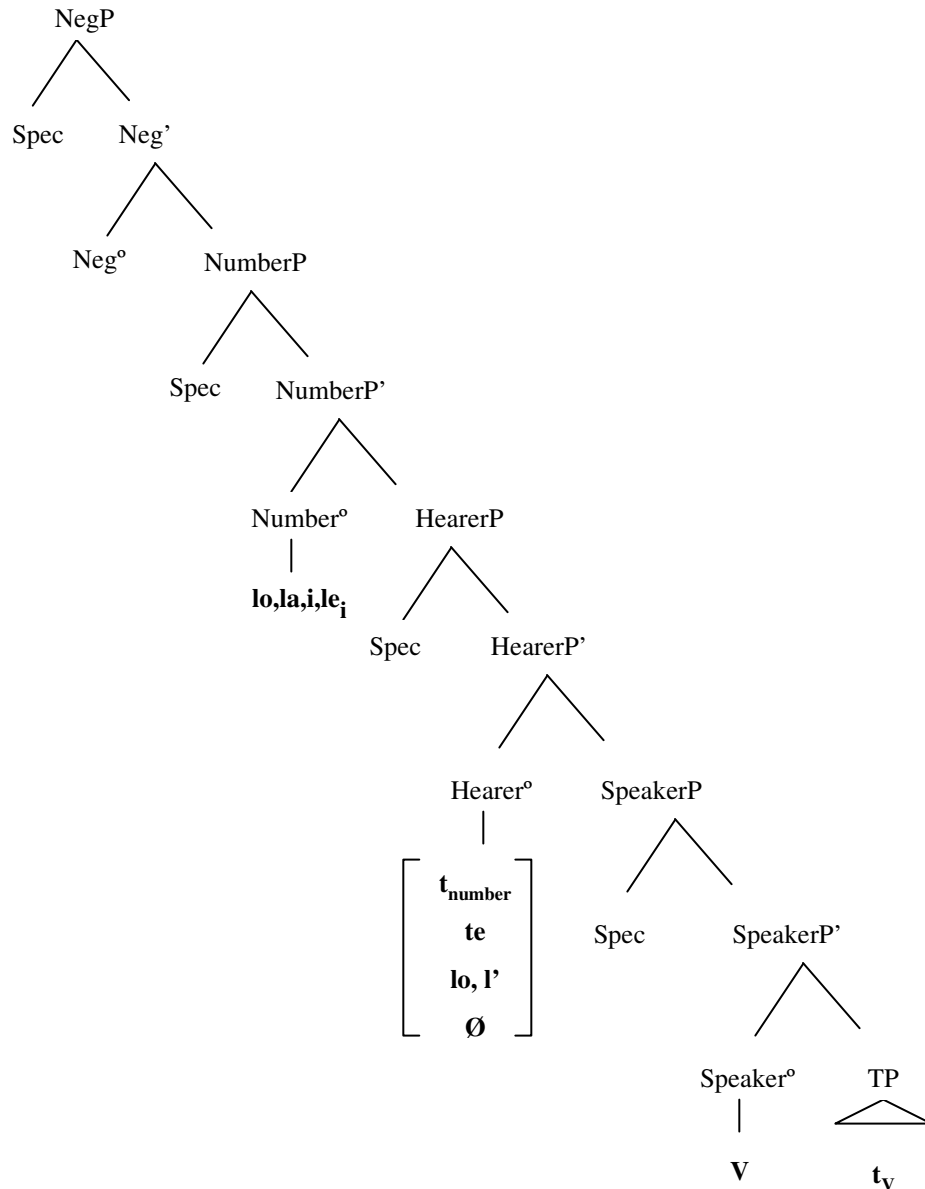
- (115) a. *El lese e relese sempre ‘l medesimo libro*  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. lê e relê sempre o mesmo livro  
 ‘Ele lê e relê sempre o mesmo livro.’
- b. *Te fai e rifai sempre stessa roba*  
 cl-2<sup>a</sup>p.sg. fazes e refazes sempre a mesma coisa  
 ‘Tu fazes e refazes sempre a mesma coisa’

Observe que em (115a) e (115b), os sujeitos clíticos *el* e *te* respectivamente são omitidos no segundo conjunto da coordenação.

Em (114), os sujeitos clíticos deveriam ser realizados nos dois conjuntos da coordenação; em (115), o sujeito clítico de pessoa deveria ser repetido (b), mas não é. Este comportamento é idêntico ao do dialeto *padovano*, o qual permite que sujeitos clíticos de número e de pessoa sejam omitidos no segundo conjunto da coordenação. Para estes exemplos, a autora sugere que os SCLs são capazes de elevar-se dentro do *agreement field* da posição em que são gerados para uma mais alta.

Aplicando os testes de Poletto, identificamos dois tipos de sujeitos clíticos no DT: de número e de pessoa. Para acomodar tais clíticos não é necessária a imploração do





Os de número (*lo, la, i, le*) nascem na posição HearerP e depois se alçam para a posição NumberP para checar seus traços de número e gênero. Já o sujeito clítico de pessoa (*te*) e o sujeito clítico neutro (*lo, l'*) nascem em HearerP e permanecem nesta posição. O fato de serem gerados na mesma posição explica que eles estejam em distribuição complementar. Quanto à posição do verbo, vamos assumir que, no DT, ele se move de TP para AgrS, mais especificamente para a posição SpeakerP.



De acordo com o que foi apresentado na seção 2.2.3, em sentenças declarativas do DT, os sujeitos clíticos são sempre proclíticos [**cl V**]. Os exemplos (24) e (25) daquela seção, retomados em (120) e (121), ilustram esta característica:

(120) a. Te            dai   scola  
           cl-2<sup>a</sup>p.sg. dás   escola  
           ‘Tu dás aula’

b.\*Dat                    scola.  
           Dás+cl-2<sup>a</sup>p.sg. scola

(121) a. El            deve   darte    quel libro  
           cl-3<sup>a</sup>p.sg. deve   dar+te   aquele livro.  
           ‘Ele deve te dar aquele livro’.

b.\* Develo                    darte    quel libro  
           Deve+cl-3<sup>a</sup>p.sg. dar-te    aquele livro.

As sentenças em (b), em que o sujeito clítico está enclítico [**\*V cl**], são ambas agramaticais.

### 2.5.2 *Ordem do sujeito DP*

Nosso estudo evidenciou que, com verbos transitivos, o sujeito aparece em posição pré-verbal, mostrando a ordem [**S (cl) V<sub>trans</sub> O**]:

(122) I matelòti    (i)        magna    i bombi  
           Os meninos cl-3<sup>a</sup>p.pl. comem    as balas  
           ‘Os meninos chupam as balas’

(122) contém o verbo transitivo *magnar* e o sujeito nominal *i mateloti* em posição pré-verbal.

Com intransitivos, observa-se que o sujeito também aparece em posição pré-verbal, na ordem [**S (cl) V<sub>intrans</sub>**]:

(123) ‘L Gioan        (l’)a            telefonà  
           O João    cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem    telefonado



‘O João telefonou’

(123) mostra o verbo *telefonar* e o sujeito nominal ‘*l Gioan*’ na posição inicial da sentença.

Com verbos inacusativos, o sujeito aparece em posição pré-verbal, como acontece com os transitivos e intransitivos, exibindo a ordem [S (cl) V<sub>inac</sub>] :

(124) ‘L diretor (l’)è rivà  
O diretor cl-3<sup>a</sup>p.sg.+è chegado  
‘O diretor chegou’

(124) apresenta o verbo *rivar* e o sujeito nominal pré-verbal, ‘*l diretor*’.

A ordem [S (cl) V (O)] atestada em (122)-(124) pode ser alterada para [(cl) V (O) S] dependendo do contexto de ocorrência de tais sentenças. Vejamos alguns pares de perguntas e respostas:

→ em resposta a uma pergunta com foco largo sobre a sentença, o sujeito de um verbo inacusativo pode aparecer em posição pós-verbal, mostrando a ordem [V<sub>inac</sub> S]:

(125) a. Coss’è che èl susedest ?  
O que é que é+cl aconteceu ?  
‘O que é que aconteceu?’

b. È susedest ‘na polemica.  
È accaduto uma polêmica  
‘Aconteceu uma polêmica’

(125b) exhibe uma estrutura inacusativa em que o sujeito ‘*na polemica*’ se encontra na posição pós-verbal.

→ em resposta a uma pergunta com foco estreito sobre o sujeito, é atestada a ordem com sujeito pós-verbal junto a um verbo transitivo [(cl) V<sub>trans</sub> O S]:

(126) a. Chi che magna i bombi ?  
Quem que come as balas  
‘Quem que come as balas’

b. La magna i bombi la me zia.  
cl-3<sup>a</sup>p.sg.come balas a minha tia  
‘Come as balas a minha tia ‘

- c. \*La magna la me zia i bombi.  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. come a minha tia as balas  
 ‘Come a minha tia as balas’

(126b) exhibe uma construção com o verbo transitivo *magnar* em que o sujeito *la me zia* segue o objeto *i bombi* e encontra-se na posição final da sentença. Observe que a ordem **[(c) V S O]**, em que o sujeito precede o objeto não é possível no DT, conforme ilustra a agramaticalidade da sentença em (126c):

→ em resposta a uma pergunta com foco estreito sobre o sujeito, também é atestada a ordem **[(c) V<sub>intrans</sub> S]**, com sujeito pós-verbal junto a um verbo intransitivo:

- (127) a. Chi che a telefonà ?  
 Quem que tem telefonado  
 ‘Quem que telefonou?’

- b. L’a telefonà la me sorela  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem telefonado a minha irmã  
 ‘Telefonou a minhã irmã’

(127) exhibe uma construção com o verbo intransitivo *telefonar* em que o sujeito *la me sorela* ocupa a posição pós-verbal.

Quando na sentença dois verbos estão presentes, o sujeito pode somente precedê-los ou segui-los, mas nunca intervir entre eles:

- (128) a. La Maria (l’)è rivà  
 A Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é chegada  
 ‘A Maria chegou’

- b. (L’) è rivà la Maria  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é chegada a Maria  
 ‘Chegou a Maria’

- c. \*L’è la Maria rivà

Em (128a), o sujeito *la Maria* precede o verbo composto *è rivà*; e, em (128b), segue o verbo. Se o sujeito se posiciona entre os dois verbos que formam o tempo composto, a

sentença é considerada agramatical (128c). A posição entre os dois verbos que formam o tempo composto é reservada a alguns advérbios :

- (129) a. La Maria è già rivada  
 A Maria é já chegada  
 ‘A Maria já chegou’
- b. È già rivada la Maria  
 É já chegada a Maria  
 ‘Já chegou a Maria’

Em (129), temos dois exemplos em que o advérbio temporal *già* está posicionado entre os dois verbos (o auxiliar *esser* e o particípio do verbo *rivar*). Em (a), o sujeito está na posição inicial da sentença, e, em (b), na posição final.

### 2.5.3 Ordem dos objetos

Quando na sentença o verbo subcategoriza dois complementos, sendo um deles direto e outro indireto, duas ordens podem ser atestadas: [S (cl)V OD OI] e [S (cl) V OI OD]:

- (130) a. ‘L Marco l’a dat ‘n libro ala Maria  
 O Marco cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado un livro para a Maria  
 ‘O Marco deu um livro para a Maria’
- b. ‘L Marco l’a dat ala Maria ‘n libro  
 O Marco cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado para a Maria um livro  
 ‘O Marco deu para a Maria um livro’

Em (130a), o objeto direto ‘*n libro* aparece depois do verbo e antes do objeto indireto *ala Maria*; em (130b), o objeto indireto segue o verbo e precede o objeto direto. As sentenças em (130) são ambas bem formadas, porém seus contextos de ocorrências são diferentes. (130a) é uma sentença boa como resposta para a pergunta em (131a), e (130b) como resposta para a pergunta em (131b):

- (131) a. A chi 'l Marco l'a dat 'n libro ?  
 Para quem o Marco cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado um livro  
 'Para quem o Marco deu um livro?'
- b. Cossa 'l Marco l'a dat ala Maria ?  
 O que Marco cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado para a Maria  
 'O que o Marco deu para a Maria?'

A ordem das sentenças em (130), portanto, estão relacionados aos contextos exemplificados em (131).

#### 2.5.4 Ordem envolvendo a periferia esquerda

Além das ordens atestadas acima, os objetos podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença, como vemos abaixo:

- (132) 'N libro, la Maria l'a comprà al Gioani  
 Um livro, a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comprado ao João  
 'Um livro, a Maria comprou ao João'
- (133) Al Gioani, la Maria l'a comprà 'n libro  
 Ao João, a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comprado um livro  
 'Ao João, a Maria comprou um livro'

Em (132), o objeto direto '*n libro* está deslocado na periferia esquerda e a sentença mostra a ordem **[OD, S (cl) V OI]**; em (133), o objeto indireto *al Gioani* está deslocado e a sentença exibe a ordem **[OI, S (cl) V OD]**.

Quando o objeto direto aparece focalizado no início da sentença, a ordem é **[OD S (cl) V OI]**, como em (134):

- (134) STO LIBRO 'l Gioani l'a dat ala Maria  
 ESTE LIVRO o João cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado para a Maria  
 'ESTE LIVRO o João deu para a Maria'

Se o objeto indireto está focalizado, a ordem é como em (135), **[OI S (cl) V OD]**:

- (135) ALA MARIA 'l Gioani l'a dat sto libro  
 PARA A MARIA o João cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado este livro  
 'PARA A MARIA o João deu este livro'

Objeto direto topicalizado também apresenta duas ordens: na primeira (136a), o sujeito é focalizado e a ordem resultante é [OD, S (cl) V OI]; na segunda (136b), o objeto indireto é o elemento focalizado e a ordem é [OD, OI S (cl) V]:

- (136) a. Sto libro, 'L GIOANI l'a dat ala Maria  
 Este livro, O JOÃO cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado para a Maria  
 'Este livro, O JOÃO deu para a Maria'
- b. 'L libro, ALA MARIA 'l Gioani l'a dat  
 O livro, PARA A MARIA o João cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado  
 'O livro, PARA A MARIA o João deu

Com objeto indireto topicalizado também são possíveis duas ordens: (137a) apresenta a ordem [OI, S (cl) V OD], em que o sujeito aparece focalizado; e (137b), a ordem [OI, OD S (cl) V], em que o objeto direto está focalizado:

- (137) a. Ala Maria, 'L GIOANI l'a dat sto libro  
 Para a Maria, O JOÃO cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado este livro  
 'Para a Maria, O JOÃO deu este livro'
- b. Ala Maria, 'N LIBRO 'l Gioani l'a dat  
 Para a Maria, UM LIVRO o João cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado  
 'Para a Maria, UM LIVRO o João deu'

Caso o sujeito apareça topicalizado, objeto direto e indireto podem aparecer focalizados, exibindo respectivamente as ordens [S, OD (cl)V OI] e [S, OI (cl)V OD], como vemos em (138):

- (138) a. 'L Gioani, 'N LIBRO l'a dat ala Maria  
 O João, UM LIVRO cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado para a Maria  
 'O João, UM LIVRO deu para a Maria'

- b. 'L Gioani, ALA MARIA l'a dat 'n libro  
 O João, PARA A MARIA cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado um livro  
 'O João, PARA A MARIA deu um livro'

Com base nos exemplos da seção 2.5, nos quais os sujeitos estão representados por DPs, podemos assumir que a ordem 'não-marcada' nas declarativas do DT é [S (cl) V (O)]. A ordem evidenciada no DT é a mesma encontrada nas declarativas em italiano *standard* (cf. os estudos de Antinucci & Cinque (1977), Benincà (1988), Cardinaletti (2001), Belletti (2002), dentre outros). Vimos, entretanto, que se atribuídos acentos enfáticos outras ordens são possíveis.

### 2.5.5 *Para fechar*

Nesta seção mostramos a ordenação dos constituintes sujeito clítico (cl), sujeito DP, verbo e objetos em sentenças declarativas do DT. Quanto ao posicionamento dos sujeitos clíticos, vimos que eles são sempre proclíticos [cl V (O)]. Sujeitos (DPs) aparecem em posição pré-verbal com verbos transitivos, intransitivos e inacusativos, exibindo respectivamente as ordens [S (cl) V<sub>trans</sub> O], [S (cl) V<sub>intrans</sub> ], e [S (cl) V<sub>inac</sub>]; aparecem também em posição pós-verbal em contextos específicos :

- em resposta a uma pergunta com foco largo sobre a sentença [V<sub>inac</sub> S];
- em resposta a uma pergunta com foco estreito sobre o sujeito transitivo [(cl) V<sub>trans</sub> O S];
- e em resposta a uma pergunta com foco estreito sobre o sujeito [(cl) V<sub>intrans</sub> S].

Constatamos também que a ordem [\*(cl) V S O], em que o sujeito precede o objeto, não é possível no DT.

Vimos que, em sentenças com dois verbos, os sujeitos podem somente precedê-los ou seguí-los, mas nunca intervir entre eles (a posição entre os dois verbos é reservada para alguns advérbios).

Quanto à posição dos objetos, constatamos que, se o verbo subcategoriza dois complementos, sendo um deles direto e outro indireto, duas ordens podem ser atestadas:

-[S (cl) V OD OI], em respostas à perguntas do tipo *a chi*;

-[S (cl) V OI OD], em resposta à perguntas do tipo *cossa*.

Mostramos que os objetos podem ser focalizados: se o objeto direto, a ordem é [OD S (cl) V OI]; se o indireto, [OI S (cl) V OD].

Mostramos, ainda, que os objetos podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Se é o objeto direto que se encontra em tal posição, o ordem é [OD, S (cl) V OI]; se o indireto, a ordem observada é [OI, S (cl) V OD]. Objetos topicalizados podem também ser seguidos por elementos focalizados e exibir as seguintes ordens:

- OD, S [IP(cl) V OI], em que o sujeito é focalizado;

- OD, OI [IP S (cl) V], em que o objeto indireto é focalizado;

- OI, S [IP (cl) V OD], em que o sujeito é o elemento focalizado;

- OI, OD [IP S (cl) V], em que o objeto direto é focalizado.

Se o sujeito é topicalizado, objeto direto e indireto podem ser focalizados e exibir respectivamente as ordens: S, OD [IP (cl) V OI] e S, OI [IP (cl) V OD].

## 3. *Inversão do sujeito clítico (ISC)*

### 3.1 *Para começar*

Neste capítulo analisaremos construções que envolvem ênclise do sujeito clítico junto ao verbo flexionado. Inicialmente apresentaremos algumas propostas teóricas clássicas sobre o movimento do verbo, a seguir traçaremos um quadro das ocorrências deste fenômeno em interrogativas-*wh*, e, por último, tentaremos prover uma análise para o fenômeno no DT. Salientamos que a estratégia de inversão não é adotada por todos os informantes. Um deles não a realiza em nenhum tipo de sentença e outro somente realiza inversão do sujeito clítico neutro.

### 3.2 *Propostas para ISC*

O fenômeno de ISC tem sido interpretado em caminhos diferentes: ou como um fenômeno puramente morfológico ou como um fenômeno sintático que envolve movimento do verbo (para I° ou para C°). Sportiche (1997) propõe que ISC em línguas românicas é um processo morfológico de afixação o qual é licenciado pelo movimento encoberto de V para C° em LF. Não há para o autor movimento sintático. Em uma interrogativa, o verbo não se alça mais acima do que em uma declarativa.

Munaro (1999), ao contrário, propõe que ISC envolve movimento do verbo em sintaxe, porém tal movimento não se configura como V para C°, e sim como movimento do verbo para uma projeção TypeP, onde a sentença é ‘tipada’/definida como sendo de um determinado tipo (exclamativa, interrogativa, declarativa). O verbo se alça para o núcleo desta projeção, onde são gerados os sujeitos clíticos não-assertivos. Na posição Spec,TypeP, um operador abstrato de tipo interrogativo pode ser legitimado, através de uma configuração de concordância com o núcleo. Os sujeitos clíticos são considerados



morfemas presos (que selecionam morfologicamente o verbo flexionado), e são responsáveis por definir como não-assertivas as sentenças nas quais comparecem.

Poletto (2000) propõe que ISC é um fenômeno tanto morfológico quanto sintático. Para a autora, embora ISC possa ser vista como um processo de afixação, sempre implica movimento sintático do verbo para uma posição mais alta do que a posição ocupada pelo verbo em declarativas. A posição alcançada pelo verbo pode estar localizada no nível IP ou no CP.

A seguir vamos expor dois exemplos clássicos de inversão considerados movimento de I° para C°.

### ***3.2.1 Casos de movimento de I° para C°***

#### ***3.2.1.1 Inversão sujeito/auxiliar em inglês***

Rizzi (1996) analisa a inversão em interrogativas do inglês como um processo que envolve movimento da flexão para Comp. Exemplos do fenômeno podem ser vistos em (1) e (2):

- (1) a. What did Mary say ?  
       O que aux-pass. Maria dizer  
       ‘O que Maria disse?’
- b. \*What Mary said (did say) ?  
       O que Maria disse (aux-pass. dizer)
- (2) a. I wonder what Mary said  
       Eu pergunto o que Maria disse
- b. \*I wonder what did Mary say  
       Eu pergunto o que aux-pass. Maria diz

Em (1a) o verbo auxiliar *did* aparece antes do sujeito *Mary*; em (1b) o mesmo não acontece e a sentença é agramatical. Em (2), ao contrário, se o verbo auxiliar ocorre antes do sujeito a sentença é agramatical (2b).

Este contraste entre matrizes e encaixadas em inglês faz lembrar o processo de movimento do verbo em línguas V2 como o alemão. A análise para V2 é a de que o verbo se move para C° em sentenças matrizes porque somente nestes contextos a posição está livre, enquanto em encaixadas C° é sempre preenchida por um complementizador.

Rizzi tenta explicar a assimetria entre matrizes (1) e encaixadas (2) em inglês utilizando o critério-*wh* (ver capítulo 4-seção 4.2.1). Em interrogativas matrizes, o núcleo marcado [+wh] é a flexão (*did*, o verbo auxiliar) e é ela que se move para C° para entrar em uma relação de especificador-núcleo com o elemento-*wh* que se encontra na posição Spec,CP e assim satisfazer o critério-*wh*; em encaixadas o núcleo [+wh] não é a flexão, mas o C°; conseqüentemente só o *wh* se move para Spec,CP para satisfazer as cláusulas do critério-*wh*.

### 3.2.1.2 *Inversão sujeito clítico/verbo em francês*

Rizzi & Roberts (1989) analisam construções com inversão em francês como casos de movimento de I° para C°, seguido pela incorporação de um sujeito clítico da posição Spec,IP à posição C°. Exemplos destas construções são vistos em (3):

- (3) a. O<sub>ù</sub> est-il allé ? [Rizzi & Roberts (1989:3)]  
 Onde è+cl-3<sup>a</sup>p.sg. ido ?  
 ‘Onde ele foi?’
- b. \*O<sub>ù</sub> est-Jean allé?  
 Onde è+ Jean ido ?  
 ‘Onde João foi?’

Segundo Kayne (1983), assumem que ISC envolve movimento à esquerda do verbo sobre o sujeito e não movimento à direita do sujeito sobre o verbo. Tal processo é visto como alçamento do verbo de I° para C°. Em (3a), o verbo flexionado se move para C° para entrar em uma configuração de concordância especificador-núcleo com o elemento-*wh* *où*, e o sujeito clítico *il* se move da posição Spec,IP e se incorpora ao verbo flexionado que está em C°. O processo de incorporação é postulado para satisfazer as exigências de atribuição de Caso (K). Em francês, diferente do que acontece em inglês, o alçamento de I° para C° em

interrogativas matrizes destrói a configuração relevante para a atribuição de K ao sujeito. O núcleo de IP não pode atribuir K-nominativo através de regência, mas somente através de concordância entre especificador-núcleo, por isso (3b) é agramatical; o sujeito *Jean* em (3b) fica impossibilitado de receber K quando I° para C° se aplica, enquanto o sujeito pronominal *il* em (3a) é compatível com o movimento de I° para C° porque se submete à incorporação.

De modo semelhante ao inglês, em francês inversão nunca ocorre em interrogativas-*wh* se há um complementizador preenchendo a posição C°.

### 3.3 ISC em dialetos italianos

Ao contrário do que ocorre em inglês e em francês, em alguns dialetos italianos ISC é compatível com um complementizador ocupando uma posição C° e não é restrita a contextos matrizes. No dialeto piemontês de *Torino*, a inversão do sujeito clítico coocorre com um complementizador<sup>43</sup> em uma interrogativa-*wh* matriz :

- (4) Cossa ch'a I' a-lo fait? [Poletto 2000:61]  
 O que que+cl-deit. cl.aux tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. fat ?  
 'O que que ele fez?'

Em variantes dialetais do *Romagnolo*, ISC é possível em interrogativas encaixadas e em declarativas. E pode, ainda, coocorrer com um complementizador, conforme atestam as sentenças em (5) do dialeto de *Forlì*:

- (5) a.Chi ch a fasi-v ?<sup>44</sup> [Poletto 2000:44]  
 O que que cl.deit. faz+cl-2<sup>a</sup>p.pl.  
 'O que que vocês fazem?'

<sup>43</sup> Cf. Poletto(2000); muitos falantes não aceitam esta estrutura e a consideram *old-fashioned*.

<sup>44</sup> O processo, entretanto, é opcional neste dialetos, como mostra a gramaticalidade da sentença abaixo em que não há ISC :

- (a) Chi ch a fasi ades?  
 O que que cl.deit. fazem agora  
 'O que que vocês fazem agora?'

b. I m a chiest chi ch a fasi-v  
 cl-3<sup>a</sup>p.pl. me tem perguntado o que que cl.deit. fazem+cl-2<sup>a</sup>p.pl.  
 ‘Eles me perguntaram o que que vocês fazem’

c. A n lisi-v mai di livar  
 cl.deit. não leêm+cl-2<sup>a</sup>p.pl. nunca uns livros  
 ‘Vocês nunca leêm livros’

Em ambos os dialetos ISC é compatível com um complementizador em uma interrogativa-*wh* matriz (cf.(4) e (5a)). Conforme assinala Poletto (2000), tal fato indica que ISC não corresponde a movimento do verbo para C°, mas do verbo para uma posição mais alta dentro do IP ou simplesmente de um caso de flexão interrogativa no qual o verbo não se move mais do que em declarativas. A autora, entretanto, vai propor que esta análise pode ser válida somente para o dialeto de *Forlì*, no qual ISC acontece também em declarativas (cf.(5c)), mas não para o dialeto de *Torino*. Para isso, apresenta os seguintes dados do dialeto *Torinese* :

(6) a. A venta che gnun ch’a fasa bordel [Poletto 2000:61]  
 cl. precisa que ninguém que+cl.deit. faça bagunça/barulho  
 ‘É necessário que ninguém faça bagunça/barulho’

b. A venta che Mario ch’a mangia di pi’ tant  
 cl precisa que Mario que+cl.deit. coma de mais tanto  
 ‘É necessário que Mario coma mais’

Em (6) comparecem dois complementizadores numa mesma sentença declarativa. Isso indica que o dialeto de *Torino* tem uma estrutura CP complexa independentemente motivada que é visível também em declarativas encaixadas. Conforme ressalta Poletto, o mesmo não é evidenciado no dialeto de *Forlì* (5a). Esta é uma das razões porque a ISC em (4) deve ser tratada de modo diferente. Retomaremos esta questão mais adiante. Por ora, faz-se necessário explicitar a proposta da autora para explicar esta variação dialetal.

### 3.3.1 Proposta de Split-CP

Considerando particularidades como as mencionadas acima, e também o leque de possibilidades disponíveis nos dialetos para se construir uma sentença interrogativa<sup>45</sup>, Poletto (2000) sugere a seguinte estrutura na qual o CP é implodido em quatro projeções:

<sup>45</sup> Abaixo seguem os exemplos cf. Poletto (2000).

No dialeto lombardo de *Vaprio d'Adda*, uma interrogativa difere de uma declarativa pela presença de um item-*wh* em SpecC e pelo alçamento da entonação. Os SCLs ocorrem em posição pré-verbal como nas declarativas e nenhum complementizador aparece:

- (1) In duè ta veet?  
Onde cl-2<sup>a</sup>p.sg. vais?  
'Onde tu vais?'

No dialeto vêneto de *Padova* uma interrogativa difere de uma declarativa pela obrigatoriedade de inversão do sujeito clítico:

- (2) Cossa fa-lo ?  
O que faz+cl-3<sup>a</sup>p.sg.  
'O que ele faz ?'

No dialeto vêneto de *Portogruaro* outro tipo de estrutura interrogativa é atestada: um complementizador segue o item-*wh* e um SCL aparece em posição pré-verbal:

- (3) Cossa che te fa ?  
O que que cl-2<sup>a</sup>p.sg. fazes ?  
'O que tu fazes?'

Nos dialetos *Rhaetoromance* uma estrutura interrogativa apresenta uma partícula *pa* à direita do complexo formado pelo V+ISC. Na variante de *Selva di Val Gardena* *pa* é obrigatória em interrogativas-*wh* e sim/não com uma interpretação *out-of-the-blue*. A ausência de *pa* desencadeia uma interpretação retórica:

- (4) a. Ciuldì ciant-el (pa)?  
Por que canta+cl-3<sup>a</sup>p.sg. part.  
'Por que ele canta?'
- b. Ciente-el (pa) ?  
canta+cl-3<sup>a</sup>p.sg. part.  
'Ele canta?'

Na variante de *S. Leonardo di Badia* *pa* é obrigatória somente em perguntas-*wh* para marcar uma interpretação *out-of-the-blue*. A sua ausência desencadeia uma interpretação retórica:

- (5) Ula vas-t (pa)?  
Onde vais+cl-2<sup>a</sup>p.sg. part.  
'Onde tu vais?'

Na mesma variante a presença de *pa* em interrogativas sim/não marca uma interpretação retórica e a sua ausência uma interpretação *out-of-the-blue*:

- (6) Vas-t pa a Venezia ?  
Vais+cl-2<sup>a</sup>p.sg. part. para Veneza

(7) [CP<sub>1</sub> ch [CP<sub>2</sub> SCL dêitico [CP<sub>3</sub>/AgrCP<sub>3</sub> ISC [CP<sub>4</sub> pa/ ch/lo]]]]

---

‘Tu vais para Veneza?’

Em outra variante de *Rhaetoromance*, a de *Pera di Fassa*, *pa* é sempre usada para marcar uma interpretação retórica, tanto em interrogativas-*wh* quanto em interrogativas sim/não:

- (7) a. Vasto (pa) ?  
 Vais+cl-2<sup>a</sup>p.sg. part.  
 ‘Tu vais ?’
- b. Che asto (pa) fat ?  
 O que tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. part. feito  
 ‘O que tu fizeste ?’

No dialeto friulano de *S. Michele al Tagliamento* uma seqüência de SCLs enclíticos e proclíticos é atestada. Neste dialeto um clítico dêitico aparece em frente ao verbo e um enclítico segue o verbo:

- (8) Quant a van-u a Pordenon ?  
 Quando cl-deit. vão+cl-3<sup>a</sup>p.pl para Pordenon?  
 ‘Quando eles vão para Pordenon?’

A presença *versus* a ausência do clítico dêitico *a* nestas estruturas interrogativas depende do tipo item-*wh*. Alguns, como *quant* em (8) requerem a presença do clítico dêitico; outros, como *do* em (9) são incompatíveis com este elemento; já com itens-*wh* como *dulà* em (10) a presença do clítico dêitico é opcional :

- (9) \*Do a van-u ?  
 Onde cl-deit. vão+cl-3<sup>a</sup>p.pl.  
 ‘Onde eles vão?’
- (10) a. Dulà a va-u?  
 Onde cl.deit. vão+cl-3<sup>a</sup>p.pl.  
 ‘Onde eles vão?’
- b. Dulà va-u ?  
 Onde vão +cl-3<sup>a</sup>p.pl.  
 ‘Onde eles vão?’

No dialeto lombardo de *Albosaggia* é atestada uma estrutura interrogativa clivada. Segundo a autora, esta estrutura é largamente usada em todos os dialetos do norte da Itália. É possível em todas as variantes com a mesma semântica que em italiano *standard*, em que ela é usada para destacar um membro de um grupo já conhecido de objetos ou para requerer uma repetição do que já foi dito. Em alguns dialetos, entretanto, este tipo de interrogativa tem substituído as interrogativas *out-of-the-blue*:

- (11) Ch el c a fiv adess ?  
 O que é+cl que cl.deit. fazem agora  
 ‘O que é que vocês fazem agora?’

Para tentar explicar esta gama de interrogativas encontradas nos dialetos, sugere a estrutura em (7).

Cada projeção-CP apresenta propriedades sintáticas distintas e está relacionada com diferentes interpretações dos elementos que nelas estão alojados. A autora postula as quatro projeções-CPs baseando-se nos morfemas que ocupam suas posições de núcleo. Sentenças interrogativas podem ativar as quatro projeções ou somente algumas delas. O dialeto vênето de *Padova*, por exemplo, tem estruturas com elemento-*wh* seguido por ISC e ativa somente uma projeção, AgrCP. Já o dialeto de *Fassano* pode ativar uma ou duas projeções, dependendo da estrutura interrogativa que é usada: uma estrutura com elemento-*wh* seguido por um complementizador, sem ISC, ativa somente a projeção CP4; uma estrutura com ISC e com a partícula interrogativa *pa* ativa duas projeções, AgrCP e CP4<sup>46</sup>. O dialeto piemontês de *Torino* ativa três projeções, CP1 com o complementizador, CP2 com o clítico dêitico *a*, e AgrCP com ISC (ver exemplos na nota 45).

Quanto aos elementos-*wh* propriamente ditos, propõe que eles podem ocupar as posições de especificador do complementizador, do sujeito clítico dêitico, posição de especificador da ISC, bem como do marcador de foco. Contudo, assume que o Filtro do Comp duplamente preenchido é ativo no domínio CP e que ele pode ser relaxado somente nos casos de concordância entre o especificador e o núcleo, ou seja, nos casos em que o especificador e o núcleo compartilham os mesmos traços. Clíticos dêiticos não têm nenhum traço interrogativo, somente traços de sujeito. Já o [V+encl.] tem algum traço interrogativo ou talvez de operador, já que a sua ocorrência é restrita a estruturas nas quais há um operador. O complementizador, por sua vez, pode ou não ter um traço interrogativo, dependendo do critério utilizado para postular a concordância entre especificador e núcleo: se puramente morfológico, o complementizador não apresenta nenhuma forma especializada para sentenças interrogativas; se se assume que os traços interrogativos podem ser abstratos, então o complementizador se submeteria ao processo de concordância especificador-núcleo com o elemento-*wh*.

Como na maioria dos dialetos analisados o *wh* aparece como o elemento mais à esquerda na sentença, a autora sugere que eles podem se alçar na estrutura em (7). Assumir esta hipótese implica, contudo, assumir também que complementizadores e elementos-*wh*

---

<sup>46</sup> Nesse caso, a posição de especificador de CP4 estaria preenchida pela partícula *pa*, deixando a posição de núcleo para o movimento do verbo para a posição C° mais acima. Está hipótese é baseada na distribuição dos elementos em sentenças interrogativas do *Fassano*. Para detalhes ver Poletto (2000: 46-48).

não se submetem a um processo de concordância entre especificador e núcleo e, conseqüentemente, não podem ocupar o núcleo e o especificador da mesma projeção.

### 3.3.2 *Voltando para a questão da ISC nos dialetos*

Dentro desta perspectiva de *Split-CP*, a sentença em (4), repetida em (8), na qual ISC coocorre com um complementizador, tem uma estrutura-CP complexa como em (9):

- (8) Cossa ch'a l' a-lo fait?  
 O que que+cl-deit. tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. feito ?  
 'O que que ele fez?'

- (9) [C<sub>1</sub> ch [C<sub>2</sub> SCL dêitico [AgrC<sub>3</sub>/C<sub>3</sub> ISC [IP ]]]] [Poletto 2000:61]

O complementizador *che* em (8) é assumido como sendo o mesmo complementizador que aparece na posição mais alta nas sentenças em (6), e ocupa o CP mais alto em (9); o CP mais baixo em (9) pode ser ocupado pelo [V+encl.] em interrogativas matrizes ou pelo complementizador que aparece na posição mais baixa nas declarativas encaixadas em (6). Assim, ISC no dialeto de *Torino* pode ser analisada como tendo movimento sintático do verbo para C°, um C° mais baixo na estrutura em (7).

Para Poletto (2000), ISC nos dialetos italianos não é reflexo do mesmo princípio que desencadeia inversão em inglês e em francês, embora, também requeira movimento sintático do verbo. Há dialetos não-V2 que exibem contra-exemplos para a hipótese de que o verbo se move para C° em interrogativas para entrar em uma relação de concordância especificador núcleo com um item-*wh*. Um destes exemplos contém um clítico dêitico seguido por ISC:

- (10) Parchè a magna-t an pom ? *Guastalla (Emiliano)*  
 Por que cl-deit. come+cl-2<sup>a</sup>p.sg. uma maçã  
 'Por que tu comes uma maçã?'

Em (10), o *wh* é imediatamente seguido pelo clítico dêitico *a*; portanto, o núcleo que entra em relação com o item-*wh* não é o verbo flexionado. Embora para a autora o verbo se mova



para C°, seu movimento é desencadeado quando um núcleo já entrou em relação de concordância com o item-*wh*. Segundo ela, este não é um argumento contra o Critério-*wh*, mas contra a conexão entre o movimento do verbo e a exigência estrutural do item-*wh*. O critério estaria correto; o que estaria equivocado seria a identificação do núcleo [+wh] com o verbo flexionado e conseqüentemente o caráter V2 residual atribuído às línguas não-V2.

O movimento do verbo em variantes que apresentam mais do que um núcleo CP preenchido por um elemento foneticamente realizado é desencadeado por outro fator. Propõe que o mecanismo que desencadeia não só o movimento do verbo mas também requer mais do que um núcleo C° preenchido por elementos foneticamente realizados são os traços fortes<sup>47</sup> que devem ser checados. Diferentes itens-*wh* podem ocorrer em diferentes especificadores dependendo das suas exigências. Elementos fracos podem sobreviver somente em um ambiente especificador-núcleo, enquanto itens-*wh* fortes requerem um núcleo vazio. A autora sustenta que *Split-CP* é necessário não somente para dar conta da variação dialetal, mas também para capturar diferenças interpretativas e diferentes propriedades dos itens-*wh*.

### 3.3.3 *Para fechar*

Iniciamos a seção apontando brevemente diferentes caminhos de análise para o fato de a flexão anteceder o sujeito. Para Sportiche (1997), o fenômeno não envolve movimento sintático, e é encarado como um processo morfológico de afixação, licenciado pelo movimento encoberto de V para C° em LF. Para Munaro (1999), ao contrário, o fenômeno é interpretado como resultado do alçamento do verbo flexionado para uma posição de núcleo funcional (*TypeP°*), na qual o verbo se adjunge à esquerda do elemento pronominal clítico. Em contextos assertivos e interrogativos o verbo ocupa posições estruturais diferentes, e ISC sempre implica movimento sintático do verbo.

---

<sup>47</sup> A noção de traços com valores fortes ou fracos não é usada em termos de traços interpretáveis ou não interpretáveis como em Chomsky (1995). É assumido apenas que alguns traços são fortes em alguns dialetos e devem ser checados antes de serem *spelled out*, enquanto em outros dialetos os traços são fracos; estes últimos não precisam ser checados em sintaxe, mas somente em LF. É assumido também que os traços fortes de qualquer projeção funcional podem ser checados quando a posição de seu especificador ou do seu núcleo está ocupada por um elemento realizado foneticamente ou por um elemento nulo.

Apresentamos, a seguir, as propostas clássicas de Rizzi (1996) e Rizzi & Roberts (1989) sobre movimento da flexão e conseqüente inversão do sujeito. Para Rizzi, interrogativas matrizes em inglês envolvem movimento do I° para o domínio Comp, porque nesta língua, o núcleo marcado [+wh] é a flexão e, portanto, o verbo deve se alçar para C° para atender às cláusulas do Critério-*wh*. O mesmo não ocorre nas encaixadas porque nestas o núcleo [+wh] é o C°, o qual é preenchido por um complementizador que impede a subida do verbo. Para Rizzi & Roberts (1989), as interrogativas com ISC em francês também envolvem movimento do verbo para C°, seguida pela incorporação de um sujeito clítico da posição Spec,IP à posição C°. Postulam a incorporação para atender as exigências de atribuição de K, porque o movimento do V para C° destrói a configuração relevante para a atribuição de Nominativo ao sujeito. Pelas mesmas razões que em inglês, em francês a inversão nunca ocorre nas encaixadas.

Para Poletto (2000), ISC em dialetos italianos não decorre do mesmo princípio que desencadeia inversão em inglês e em francês, embora também envolva movimento sintático do verbo. Observando que ISC é compatível com um complementizador ocupando uma posição C° e não se limita a contextos matrizes, propôs implodir o CP de uma interrogativa em quatro projeções, cada uma relacionada a diferentes interpretações dos elementos que nela está contido. Dentro desta perspectiva de *Split-CP*, dialetos como o de *Torino*, no qual ISC coocorre com um complementizador (e existe uma estrutura CP complexa independentemente motivada nas declarativas), são analisados como tendo movimento sintático do verbo para o C° mais baixo. Como os dialetos também diferem quanto a preencher as quatro posições do CP implodido ou apenas algumas delas, propôs que naquelas em que há mais do que um núcleo CP preenchido por um elemento foneticamente realizado, o movimento do verbo é desencadeado por outro fator: checagem de traços fortes. Quanto aos itens-*wh*, propôs que eles ocorrem em diferentes especificadores dependendo das suas exigências. Elementos fracos podem sobreviver somente em um ambiente especificador-núcleo, enquanto itens-*wh* fortes requerem um núcleo vazio.

### 3.4 ISC no DT

#### 3.4.1 Construções com ISC

O fenômeno de ISC pode ser encontrado nos seguintes contextos interrogativos, conforme seção 2.2.3:

- (11) E i pojatei, èi bèi ?  
 E os pintinhos são+cl-3<sup>a</sup>p.pl. bonitos  
 ‘E os pintinhos, eles são bonitos?’

- (12) a. Cossa fal quel là zo ?  
 O que faz+cl-3<sup>a</sup>p.sg. aquele lá em cima ?  
 ‘O que faz aquele lá em cima ?’

(11) ilustra uma interrogativa sim/não e (12) uma interrogativa-*wh*. Em (11) o sujeito da 3<sup>a</sup>p.pl. *i* é enclítico ao verbo *esser* e, em (12), o sujeito clítico da 3<sup>a</sup>p.sg. *l* é enclítico ao verbo *far*.

Em interrogativas-*wh*, ISC é compatível tanto com *wh* deslocado (12), quanto com *wh in situ* (13):

- (13) Stale ‘ndove, lore ?  
 Estão+cl-3<sup>a</sup>p.pl. onde elas  
 ‘Onde elas estão ?’

Em (13), o *wh* ‘*ndove* aparece *in situ* seguido pelo sujeito pronominal *lore* o qual é reduplicado pelo sujeito da 3<sup>a</sup>p.pl. *le* enclítico ao verbo *star*(=estar).

ISC é evidenciada em contextos interrogativos em que o elemento-*wh* aparece seguido por *che*:

- (14) ‘Ndo che èlo, l’ospital ?  
 Onde que é+cl-3<sup>a</sup>p.sg. o hospital  
 ‘Onde que é o hospital?’

Em (14), *che* segue o elemento *wh* 'ndo e precede a inversão do sujeito clítico/verbo *èlo*. A compatibilidade da ISC com um complementizador em uma interrogativa matriz (14) é também verificada em interrogativas encaixadas, conforme já mencionado no capítulo 2:

- (15) 'L Pero l'a dit che questo èl susedest come ?  
 O Pedro cl-3ªp.sg.+tem dito que isto é+cl acontecido como  
 'O Pedro disse que isso aconteceu como ?

O exemplo ((29b)-seção2.2.3), retomado aqui em (15), ilustra esta compatibilidade.

Embora seja atestada na maioria das línguas em interrogativas matrizes, em muitos dialetos italianos a ISC é atestada também em outros tipos de sentenças (cf. Benincá (1989); Munaro (1999), (2002), dentre outros)<sup>48</sup>. No DT, verificamos que ISC pode ser encontrada em contextos disjuntivos, como em (16) abaixo:

---

<sup>48</sup> Benincà, analisando o dialeto *friulano*, identificou a ocorrência de inversão nos seguintes contextos sintáticos:

1º- em sentenças exclamativas:

- (1) Ce mi toci-al di vjodi!  
 O que me toca+cl de ver!  
 'O que eu tenho que ver!'

2º- em sentenças em que a inversão é precedida pela negação :

- (2) No mi toci-al di pajà la multe!  
 Não me toca+cl de pagar a multa!  
 'Eu tenho mesmo que pagar a multa!'

3º- em sentenças optativas, expressando o desejo do falante:

- (3) Ti vess-jo dit la verità !  
 Tu +cl. dito a verdade  
 'Ah, se eu tivesse te dito a verdade!'

4º- em sentenças condicionais:

- (4) Vinisi-al tjo pari, o podaresin là  
 Viesse+cl teu pai, poderíamos ir  
 'Se teu pai viesse, poderíamos ir'

5º- em sentenças disjuntivas :

- (5) Sedi-al pùar o sedi-al sior, no m' impuarte  
 É+cl pobre ou é+cl rico, não me importa  
 'Não me importo se ele é rico ou pobre'

6º- e em interrogativas (*wh* e sim/não):

- (6) Cui vegni-al ?  
 Quem vem+cl?  
 'Quem vem?'
- (7) Vegni-al Toni?  
 Vem+cl  
 'Toni vem?'

Munaro (1999), analisando dialetos vênets, atestou no *veneziano* (falado no 'continente') a ocorrência de inversão nos mesmos contextos apontados por Benincà para o *friulano*. Observou, ainda, que a inversão neste

- (16) a. Vegnalo o no vegnalo, gavem de partir.  
 Venha+cl-3<sup>a</sup>p.sg. ou não vegna+cl-3<sup>a</sup>p.sg. temos que partir  
 ‘Venha ele ou não, temos que partir’

Em (16), a ISC *lo* ocorre junto ao verbo *vegnir* (=vir) nas suas duas ocorrências. Note que se trata de uma sentença em que a conjunção condicional *se* (*se*) não aparece.

ISC pode, ainda, comparecer em uma interrogativa precedida pela negação:

- (17) Ma quela tera lì, no èla del por pai ?  
 Mas aquela terra alí não è+cl-3<sup>a</sup>p.sg. do pobre pai  
 ‘Mas aquela terra alí não é do coitado do pai ?’

Em (17), o clítico *la* da 3<sup>a</sup>p.sg. encontra-se enclítico ao verbo *esser* e está reduplicando o sujeito nominal *quela tera* que se encontra deslocado à esquerda.

Outras ocorrências da ISC em interrogativa-*wh* do DT podem ser vistas em (18):

- (18) a. Quanto ciapet ?  
 Quanto recibes+cl-2<sup>a</sup>p.sg.  
 ‘Quanto recibes ?’
- b. Cossa vot ?  
 O que queres+cl-2<sup>a</sup>p.sg.  
 ‘O que tu queres?’
- c. Cossa at magnà ancoi de bon ?  
 O que tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. comido hoje de bom  
 ‘O que tu comeste de bom hoje?’

Nestas sentenças não há nenhum outro elemento funcionando como sujeito além do clítico. Em (18), comparece o sujeito clítico da 2<sup>a</sup>p.sg. enclítico ao verbo *ciapar* (18a), enclítico ao verbo *voler* (18b) e enclítico ao verbo auxiliar *aver* (18c). Todavia, quando ISC acontece e na sentença aparece um sujeito pronominal ou nominal, ele necessariamente deve ocupar uma posição de deslocamento, à direta (cf. (13)) ou à esquerda (cf.(11)).

Em interrogativas-*wh*, ISC é compatível com a partícula *po*<sup>49</sup>:

---

dialeto é produtiva somente com a 3<sup>a</sup>p.sg.. No dialeto *padovano* observou que a inversão só não acontece em estruturas disjuntivas; em todas as demais ela pode ser encontrada.

<sup>49</sup> Conforme Rohlfs (1969:157-160), as línguas apresentam diferentes estratégias sintáticas para expressar uma interrogação. O latim usava partículas para melhor distinguir sentenças afirmativas daquelas

- (19) a. De chi èla adèss, po, allora ?  
De quem é+cl-3<sup>a</sup>.p.sg. agora part.int. então  
'De quem é agora, então?'
- b. De chi sarala fiola, po ?  
De quem será+cl3a.p.sg. filha part.int.  
'De quem será filha?'

Esta partícula tem uma esfumatura de 'pergunta' e é usada para enfatizar a sentença.

ISC é atestada não somente em interrogativas com elementos-*wh* nus, mas também em interrogativas com elementos-*wh* complexos:

- (20) a. Scolta, quanti ani gat, ti ?  
Escuta, quantos anos tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. tu  
'Escuta, quantos anos tu tens?'
- b. Quanti rugantei gala, la ruganta ?  
Quantos porquinhos tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. a porca?  
'Quantos porquinhos tem a porca?'

Na sentença em (20a) o *wh* complexo é representado por [*quanti ani*] e, em (20b), por [*quanti rugantei*]. As sentenças em (20a) e (20b) exibem, ainda, os sujeitos clíticos da 2<sup>a</sup> e da 3<sup>a</sup>p.sg. respectivamente enclíticos ao verbo *gaver*. Em (20a) o enclítico reduplica o sujeito pronominal da 2<sup>a</sup>.p.sg. *ti*; e, em (20b), o enclítico *la* reduplica o sujeito nominal *la ruganta*.

---

interrogativas (*venisne? , num beatus est ? , na non domi est?*). Na Itália, mais especificamente na Toscana, é bastante difundido ainda hoje o uso das partículas interrogativas. A partícula *che*, por exemplo, é encontrada em frases nas quais não se espera por uma resposta (*che volete andare sulle pedate del signore zio ?* - Giusti, *Lettere* II, 228) e também em frases as quais exigem uma resposta (*Che ti senti male?* - Nerucci, II). Outra partícula introdutora de sentenças interrogativas atestada no dialeto *fiorentino* urbano é *o* (*o non mi conosci tu?* - Bocaccio, *Decameron*, 2, 5 ). Conforme Garzonio (2003), a partícula *o* em *fiorentino* tem a função de marcar frases pragmáticamente 'não-canônicas', ou seja, aquelas frases que não tem por objetivo obter uma resposta do interlocutor. As duas partículas *o* e *che* podem, ainda, ser combinadas numa mesma frase (*O che mi conosce ?* - Fucini, Veglie, 138 *apud* Rohlfs, G. (1969)).

### 3.4.2 *Análise*

Como vimos nas propostas apresentadas, dependendo da língua e/ou dialeto, ISC pode ou não ser considerada correspondente a um movimento sintático do verbo para C°. Se atestada em sentenças declarativas, ISC não corresponde a movimento sintático (caso do dialeto de *Forlì*). Se atestada nos contextos listados em (21), normalmente corresponde a movimento sintático:

(21)

- a) assimetria entre matrizes e encaixadas; [Poletto 2000: 45]
- b) presença de inversão em outros contextos típicos de V para C (sentenças hipotéticas do inglês, por exemplo);
- c) e ISC não generalizada para sentenças declarativas.

A situação do DT, entretanto, é um pouco diversa. Se por um lado ISC parece implicar movimento sintático, visto que não é atestada em sentenças declarativas, por outro, não apresentando assimetria entre matrizes e encaixadas, não exige que se postule um movimento para C°.

Para determinar se o movimento do verbo no DT envolve ou não o nível CP, vamos recapitular os contextos relevantes de ocorrência de ISC:

- interrogativas matrizes e encaixadas (com e sem complementizador);
- interrogativas precedidas pela negação.

Estes fatos indicam que ISC não resulta de movimento de V para C° no DT. A coocorrência com um complementizador, entretando, não deveria ser um problema dentro da análise de *Split-CP* proposta por Poletto (2000): o complementizador poderia ocorrer em um C° mais alto e ISC em um C° mais baixo. Contudo, isso só seria possível se existisse uma estrutura CP complexa também em declarativas, como no dialeto *Torinese*. Como o DT não dispõe de tal estrutura, deve ser tratado de modo diferente.

A proposta de Munaro, de que ISC ocorre em uma posição *TypeP*, onde a sentença é tipada, também não se aplica aos dados do DT, porque neste dialeto não há sujeitos clíticos





direita ou à esquerda. Isso decorre do fato de que [V+encl] checam EPP e, por isso, o sujeito não pode estar em tal posição.

## 4. Interrogativas-*wh in situ*

### 4.1 Para começar

Neste capítulo, analisaremos construções interrogativas matrizes nas quais o elemento-*wh* aparece *in situ*. Dividimos o capítulo em três seções. Na primeira, mencionamos duas linhas de análise para *wh in situ* propostas pela literatura: uma delas considera o fenômeno uniforme (Huang, (1982), Aoun & Li (1993)), e a outra, não-uniforme (Pesetsky (1987) e Cheng & Rooryck (2003)); apresentamos, em linhas gerais, o Critério-*wh* proposto por Rizzi (1996) e a proposta de Cheng & Rooryck (2003). Na seção seguinte, apresentamos as análises de Poletto (1993b), Munaro (1999), Munaro, Poletto & Pollock (2001) e a de Poletto & Munaro (2002) para *wh in situ* em dialetos italianos. Na última, ilustramos as construções com *wh in situ* e discutimos uma análise para os dados do DT.

Primeiramente, nos compete mencionar que os informantes se dividem em duas classes: uma que aceita *wh in situ* e o utiliza e outra que não o utiliza, mas aceita nos testes de controle. Este comportamento desigual em relação ao fenômeno indica que o trentino de Rodeio não é uma dialeto ‘Koineizado’. A apresentação dos dados e as discussões aqui arroladas estarão centradas na classe de informantes que utiliza a estratégia.

### 4.2 Propostas teóricas para *wh in situ*

Antes de passarmos para as propostas de análise de interrogativas com *wh in situ*, vamos recapitular brevemente alguns conceitos envolvendo interrogativas.

Um elemento-*wh* é definido como um operador que liga uma variável. Como operador ele deve estar em uma posição na periferia esquerda para legitimar as relações de escopo sobre a sentença. Em outras palavras, pode-se dizer que é este operador que garante a interpretação de uma sentença como interrogativa. Este fato é interpretado por muitas

análises como sendo necessário, de forma visível ou encoberta, que o elemento-*wh* se mova para uma posição na periferia esquerda para que as relações de escopo fiquem asseguradas.

Um elemento-*wh* pode aparecer deslocado na periferia esquerda da sentença ou *in situ*. Se se trata de uma interrogativa com um único elemento-*wh*, línguas como o chinês o mantêm sempre *in situ*, mas línguas como o inglês sempre o deslocam para a periferia esquerda da sentença. Outras como o português brasileiro e o DT dispõem das duas alternativas<sup>50</sup>. *Wh in situ* tem recebido dois tratamentos diferentes: um deles considera o fenômeno uniforme e o outro o considera não-uniforme.

Um dos pioneiros no tratamento uniforme é Huang (1982) que propôs que todos os elementos-*wh* se configuram como operadores e sofrem movimento para a posição Spec,CP, pelo menos em LF. Dentro desta perspectiva de análise, as diferenças entre línguas como o inglês e o chinês, por exemplo, se reduzem ao nível em que elas realizam o movimento do elemento-*wh*, se em sintaxe visível ou encoberta. A proposta defendida por ele é contestada por Aoun & Li (1993), para quem o elemento-*wh in situ* não sofre movimento porque está vinculado por um operador abstrato que está em Spec,CP. O escopo do *wh in situ* é, então, determinado pelo operador. Elementos-*wh* são, para Aoun & Li, itens de polaridade e não operadores. Isso é assumido como uma saída para não violar as relações de biunivocidade entre operadores e variáveis. Se o *wh* é considerado um operador de pergunta, a sentença teria dois operadores para uma única variável<sup>51</sup>. O que as duas propostas têm em comum é que *wh in situ* é um fenômeno uniforme.

---

<sup>50</sup> As línguas também diferem em relação às interrogativas múltiplas. Chinês exige que todos os elementos-*wh* permaneçam *in situ*:

- (1) Ni xiang-zhidao Lisi weishenme mai-le shenme? [Huang (1982)]  
 você quer saber Lisi porque comprou o que  
 ‘Você quer saber por que Lisi comprou o quê?’

Eslovaco, ao contrário, exige todos deslocados:

- (2) Čo komu Maria dala ?  
 O que para quem Maria deu  
 ‘Maria deu o que para quem?’/‘Para quem Maria deu o quê?’/ O que a Maria deu para quem?’

Já o português brasileiro dispõe de duas alternativas: todos elementos-*wh* podem permanecer *in situ*, ou um pode se deslocar e o outro ficar *in situ*, conforme ilustra a tradução das sentenças em (2).

<sup>51</sup> Para outras propostas de não movimento do elemento-*wh* em LF, ver Shi (1994) e Fiengo *et al* (1988).

Entretanto, existem autores que concebem *wh in situ* como um fenômeno não-uniforme, como Pesetsky (1987). Este autor sugere uma divisão dos elementos-*wh* em dois grupos: um deles abarca elementos-*wh* que se configuram como operadores e se movem em LF, o outro abarca elementos-*wh* que não se configuram como operadores e não se movem em LF. Observando o comportamento sintático destes elementos em interrogativas múltiplas do inglês, propõe que a diferença crucial entre os que podem aparecer *in situ* está nas propriedades lexicais dos elementos-*wh*. Elementos do tipo ‘*which*’(qual), que induzem uma interpretação dependente do contexto discursivo, são considerados *d-linked* e não precisam se mover em LF, pois têm seu escopo determinado por um morfema-Q presente no Comp de interrogativas (mecanismo de ligação não-seletiva de Baker (1970: *apud* Pesetsky)); já os elementos do tipo ‘*who*’ e ‘*what*’ (quem e que) são considerados não *d-linked* e devem se mover em LF para uma posição apropriada de escopo.

Também para Cheng & Rooryck (2003) *wh in situ* não é um fenômeno uniforme. A diversidade, para eles, resulta da interação de dois fatores: a natureza do licenciador do *wh in situ* e o tipo de elemento-*wh* envolvido. A esta abordagem voltaremos mais adiante.

#### 4.2.1 Critério *wh* - Rizzi (1996)

Rizzi (1996) propõe o Critério-*wh* como um princípio para explicar o que ocorre nas sentenças interrogativas, em especial, para explicar por que elementos-*wh* e o verbo finito se movem em certas línguas. O Critério é formulado como em (1):

- (1) a. Um operador *wh* deve estar em uma configuração de especificador-núcleo com um X° [+wh].
- b. Um X° [+wh] deve estar em uma configuração de especificador-núcleo com um operador *wh*.

Tal princípio prevê que vai existir uma categoria (CP) onde a biunivocidade entre núcleo o operador se verifica. E prevê também que, se o Critério se aplica na SS e se há um núcleo marcado com o traço [+wh], o elemento-*wh* não vai poder mais se manter *in situ*.

Uma língua em que o elemento-*wh* não pode se manter *in situ* é o inglês. Rizzi assume que nas sentenças interrogativas matrizes desta língua, o I° carrega o traço [+wh]. Havendo um núcleo marcado [+wh], vai ter de haver um operador-*wh* para entrar na relação requerida, relação essa que vai encontrar no CP o lugar para se verificar<sup>52</sup>: se este operador se mantém *in situ* o Critério-*wh* não terá como ser satisfeito.

Por outro lado, uma língua que tem *wh in situ* ou satisfaz o Critério-*wh* em LF ou não tem um núcleo especificado pelo traço [+wh]. Neste caso, a relação biunívoca em (1) vai ser verdadeira por não existir nem núcleo nem operador com o traço [+wh] em SS. Assim, o elemento-*wh* que se mantém *in situ* não pode ser caracterizado como um operador. Para dar conta disso, Rizzi afirma que um elemento-*wh* só é operador se estiver deslocado em Spec de CP, de onde pode vincular uma variável.

#### 4.2.2 Cheng & Rooryck (2003)

Para estes autores, *wh in situ* não é um fenômeno uniforme, embora na superfície o elemento-*wh* sempre se mantenha *in situ*. A diversidade resulta da interação de dois fatores: a natureza do licenciador do *wh in situ* e o tipo de elemento-*wh* envolvido.

Quanto à natureza, os licenciadores podem ser: elementos-*wh*, o morfema *se* e o foco. Quanto ao tipo, os elementos-*wh* dividem-se em argumentos/ advérbios, operadores/ não operadores.

Em português europeu (PE), *wh in situ* é atestado em perguntas múltiplas (2a), em perguntas matrizes (2b) e em encaixadas (2c):

- (2) a. Quem pensa que *quem* viu o João ?  
 b. O João viu *quem* ?  
 c. O João quer saber se tu compraste *o quê* ?

---

<sup>52</sup> Para uma proposta diferente ver Barbosa (1999) e as referências indicadas no texto. A autora propõe que o critério-*wh* pode ser checado contra o núcleo Infl mais alto em sentenças principais e em encaixadas de todas as línguas românicas.

Observando que estas sentenças diferem quanto à habilidade para permitir sujeitos-*wh in situ*<sup>53</sup>, propõem que elas também diferem quanto à natureza de seus licenciadores.

Os autores assumem que perguntas-*wh* têm um traço [+wh] que precisa ser checado e sugerem que tal checagem é feita através de estratégias diferentes: movimento do sintagma-*wh* para a posição Spec,CP, ou através de partículas de pergunta abstratas ou não-abstratas como as presentes em chinês e em japonês, as quais tornam o movimento do sintagma desnecessário.

Em perguntas múltiplas em PE, quem checa o traço [+wh] de C° é o sintagma-*wh* movido e, por esse motivo, o segundo sintagma não precisa se mover. Em encaixadas-*se*, o licenciamento do *wh in situ* é feito pelo morfema *se*. Para os autores, encaixadas em PE são parecidas com casos de *wh in situ* em francês, língua que tem alçamento da entonação em uma pergunta com *wh in situ* similar à entonação usada em perguntas sim/não:

- (3) a. Jean a acheté quoi ?  
Jean tem comprado o quê ?  
'O que Jean comprou?'
- b. Jean a acheté un livre ?  
Jean tem comprado um livro ?  
'Jean comprou um livro?'

---

<sup>53</sup> Sujeitos-*wh*, por exemplo, só podem aparecer *in situ* pós-verbalmente em encaixadas:

- (1) a. \*O João pensa que quem viu a Maria ? **SVO**: pergunta eco  
b. O João pensa que viu a Maria quem ? **VOS**  
c. O João pensa que viu quem a Maria ? **VSO**

Uma das maneiras de um *wh* permanecer *in situ* em interrogativas indiretas é através da inserção de *se*:

- (2) a. \*O João quer saber que tu compraste o quê?  
b. O João quer saber se tu compraste o quê?

Embora *se* possa licenciar um objeto *wh in situ*, sujeitos-*wh* não podem ficar *in situ* com *se*:

- (3) \*O João quer saber se quem comprou o livro?

O sujeito nesta sentença indireta resiste a ficar *in situ* da mesma forma que o sujeito encaixado em (1a). Entretanto, o sujeito encaixado em (1a) pode ser resgatado estando em posição pós-verbal (1b) e (1c); em indiretas sujeitos-*wh* não podem ser resgatados :

- (4) a. \*O João quer saber se comprou o livro quem ? **VOS**  
b. \*O João quer saber se comprou quem o livro ? **VSO**

Isso mostra que *wh in situ* em encaixadas difere do *wh in situ* em matrizes e em perguntas múltiplas.

Como todas as sentenças tem que checar o traço [+wh], Cheng & Rooryck (2000) propõem que em francês, a checagem deste traço é feita por um morfema-Q entonacional, o qual tipa a sentença como interrogativa e torna o movimento do sintagma desnecessário. Este morfema-Q é considerado um morfema ‘bleached’, ou seja, sua natureza não é especificada, o que lhe permite ser usado tanto em perguntas sim/não quanto em perguntas-*wh*.

Como o morfema-Q entonacional em francês, *se*, em PE, além de ser usado em interrogativas encaixadas (4a), é também usado em encaixadas sim/não (4c):

- (4) a. O João quer saber se tu compraste o qué ?  
 b. \* O João quer saber que tu compraste o qué ?  
 c. O João quer saber se a Maria viu o Paulo.

Em (4), o elemento-*wh* pode ficar *in situ* quando *se* é usado (4a); se o complementizador declarativo *que* aparece, a sentença torna-se agramatical (4b). Dada esta semelhança do PE com o francês, sugerem tratar o morfema *se* em PE como o morfema-Q entonacional em francês, ou seja, como um licenciador de *wh in situ*.

Em sentenças matrizes com *wh in situ* não há partículas de pergunta e nem acento da entonação em PE. Portanto, aqui, entra em jogo outro licenciador de *wh in situ*: foco. O fato de que sujeitos-*wh* podem somente ser licenciados *in situ* em matrizes se eles estão em posição pós-verbal é resultado das restrições associadas com sujeitos-focalizados (Costa (1997) *apud* Cheng & Rooryck (2003)). Em uma sentença como (5) é precisamente em posição pós-verbal que o sujeito-*wh* com escopo da matriz pode permanecer *in situ*:

- (5) O João pensa que viu a Maria quem ? VOS

Considerando que há essa relação entre foco e perguntas-*wh*, os autores vão propor que *wh in situ* em matrizes é licenciado por foco. Esta proposta é suportada pelos seguintes dados: Em **VOS**, **O** não pode estar *in situ* (6). Isto é esperado se *wh in situ* em matrizes é licenciado por foco: **O** não é focalizado e conseqüentemente não pode acomodar um sintagma-*wh in situ*:

(6) \* Viu quem o João VOS

No entanto, foco difere dos outros dois licenciadores em PE. Enquanto sintagmas-*wh* e morfema-Q licenciam *wh in situ* pela checagem do traço [+wh] em C°, foco tem outro modo de licenciar *wh in situ*, uma vez que não carrega um traço [+wh]: foco contribui para a valoração excepcional do traço<sup>54</sup>.

O fato de que existem diferentes licenciadores (como foco que não checa o traço [+wh] de C° ou licenciadores que realizam a função de um sintagma movido) leva os autores a postular que há licenciadores defectivos e não-defectivos.

Seguindo Nissenbaum (2000), assumem que perguntas múltiplas envolvem movimento encoberto do sintagma-*wh in situ*. O que desencadeia tal movimento não é o traço [+wh] de C°, porque o sintagma movido já checou este traço, mas outro associado com o *wh in situ*, o traço de operador. Perguntas matrizes também envolvem movimento encoberto do sintagma-*wh in situ* e a hipótese nula é que também nestas sentenças o traço de operador desencadeie o movimento. Perguntas encaixadas envolvem movimento do traço: o traço-*wh* do sintagma-*wh in situ* se move para valorar o traço-Q subespecificado do morfema *se*. Desse modo, propõem que movimento encoberto e movimento do traço são exemplos de diferentes tipos de *wh in situ*.

Quanto ao tipo de *wh* que pode ficar *in situ*, os autores assumem (segundo Tsai (1994) e Nissenbaum (2000)) que *wh*-argumentos diferem de *wh*-advérbios em chinês: *wh*-advérbios têm traço de operador enquanto *wh*-argumentos não têm. *Wh*-argumentos em PE compartilham com *wh*-advérbios em chinês o fato de que eles também têm um traço de operador que precisa ser checado. No entanto, diferem quanto ao tipo de movimento que cada um deles realiza: *wh*-argumentos em PE se submetem a movimento encoberto, enquanto *wh*-advérbios em chinês se submetem a movimento encoberto do traço.

Em relação ao comportamento de *wh*-advérbios em PE, observam que em perguntas encaixadas eles não podem permanecer *in situ*, enquanto que em perguntas matrizes, licenciadas por foco, eles podem:



- (7) a. Saiste porquê ?  
 b. \* O João perguntou se saiste porquê.

(7b) é agramatical porque o morfema-*se* tem um traço que precisa ser valorado e isso não pode ser feito por um *wh-advérbio*<sup>55</sup>. Em (7a), não há nenhum morfema para ser valorado e portanto o *wh-advérbio* pode ficar *in situ*

Em suma, os diferentes licenciadores e a natureza do elemento-*wh* (se operador ou não, se argumento ou advérbio) resultam em uma série de propriedades distintas que projetam diferentes tipos de *wh in situ*.

### 4.2.3 Para fechar

Nesta seção, mencionamos brevemente duas linhas de análise para *wh in situ*: uma que considera o fenômeno uniforme e outra que o considera não uniforme. Dentre os que o consideram o fenômeno uniforme, citamos Huang (1982) e Aoun & Li (1993). Para Huang todos os elementos-*wh* se configuram como operadores e se movem para a posição Spec,CP, pelo menos em LF. Para Aoun & Li, o elemento-*wh in situ* é vinculado por um operador abstrato que está em Spec,CP e, por essa razão, não sofre movimento. Dentre os que consideram o fenômeno não-uniforme, citamos Pesetsky (1987) e Cheng e Rooryck (2003). Para Pesetsky, elementos-*wh d-linked* não precisam se mover em LF, porque têm seu escopo determinado por um morfema-Q presente no Comp de interrogativas, enquanto elementos-*wh não-d-linked* precisam se mover em LF para uma posição apropriada de escopo. Para Cheng & Rooryck, diferentes licenciadores do *wh in situ* (elementos-*wh*, morfema *se* e foco) e diferentes tipos de elementos-*wh* (argumentos/ advérbios, operadores/ não operadores) acarretam diferentes tipos de *wh in situ*.

Apresentamos o Critério-*wh*, proposto por Rizzi (1996), destacando apenas o que era relevante para o estudo do *wh in situ*. De acordo com o Critério, uma língua que tem *wh*

---

<sup>54</sup> Segundo os autores, *foco* marca um sintagma-*wh* além de uma fase. Sendo, então, o sintagma-*wh* visível além de uma fase, uma relação de concordância pode ser estabelecida entre o sintagma-*wh in situ* e a força do traço C°. Dito de outro modo, *foco* excepcionalmente permite que *Agree* de longa distância aconteça.

<sup>55</sup> Segundo os autores, *wh-advérbios* são combinados na estrutura *post-cyclically*, e o morfema-Q não pode esperar para ser valorado.

*in situ* ou satisfaz o Critério-*wh* em LF ou não tem um núcleo especificado pelo traço [+wh]. Se há um núcleo marcado [+wh], vai ter de haver um operador-*wh* para entrar na relação requerida, relação essa que vai encontrar no CP o lugar para se verificar.

### 4.3 *Propostas para wh in situ em dialetos italianos*

Os estudos realizados por Benincà & Vanelli (1982) mostraram que a distribuição dos elementos-*wh* em interrogativas matrizes em dialetos italianos apresenta variações. Alguns elementos-*wh* podem ocorrer somente em posição inicial; outros, somente *in situ*; outros, ainda, podem ocorrer em ambas as posições. Dito de outro modo, há nos dialetos elementos-*wh* que obrigatoriamente se movem para a posição de operador no início da sentença; há outros que não se submetem a tal movimento; e há aqueles que o fazem opcionalmente.

#### 4.3.1 *Poletto (1993b)*

A autora analisa sentenças interrogativas com *wh in situ* em *bellunese*, defendendo que elas se submetem ao Critério-*wh* proposto por Rizzi (1996). O que chama a atenção neste dialeto são sentenças como as de (8):

- (8) a. Alo fat che?  
 Tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. feito que  
 ‘Ele fez o quê?’
- b. \*L’a fat che?

Em princípio, enquanto (8b) parece se submeter ao Critério-*wh*, (8a) parece ensejar uma violação dele<sup>56</sup>. Em (8b) se presume que o auxiliar *a* se manteve em I°, mas a ênclise do clítico em *alo* de (8a) mostra que o auxiliar se moveu para C°. Se o que justifica o movimento do auxiliar para C° é o fato de I° ser [+wh], então o elemento *wh in situ* deve violar o Critério-*wh*.

A solução proposta pela autora para explicar esse impasse é manter que I° é [+wh] e assumir que em uma interrogativa como (8a) há um operador *wh* nulo em Spec,CP. Desta forma, o operador nulo e o auxiliar finito vão estar em relação Spec-núcleo. E, seguindo Rizzi, segundo qual um item-*wh* não é considerado um operador até ele se mover da sua posição argumental, propõe que em (8a) o elemento-*wh* não é um operador. Esta seria uma das maneiras de o Critério-*wh* não ser violado em *bellunese*.

#### 4.3.2 Munaro (1999)

Analisando o comportamento de sentenças interrogativas no dialeto *bellunese*, Munaro mostra que elementos-*wh* complexos e elementos-*wh* nus se comportam de modo diferente:

- (9) a. *Quanti libri* à-tu ledést [Munaro 1999: 1.12]  
 Quantos livros tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. lido  
 ‘Quantos livros tu leste?’

b. \*à-tu ledést *quanti libri* ?

- (10) a. *Qual* à-tu ciot? [Munaro 1999: 1.26]  
 Qual tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. pego  
 ‘Qual tu pegaste?’

b. à-tu ciot *qual* ?  
 tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. pego qual  
 ‘Tu pegaste qual?’

<sup>56</sup> Veja que a sentença gramatical em *bellunese* corresponde a uma sentença agramatical em inglês, conforme Rizzi (1996):

(i) \*<sub>i</sub>[has<sub>i</sub> [Mary t<sub>i</sub> seen who ]]

- (11) a. *Cossa* à-tu parecià? [Munaro 1999: 1.18]  
 O que tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. preparado ?  
 ‘O que tu preparaste?’<sup>57</sup>

d \* A-tu parecià *cozza* ?

Elementos-*wh* complexos têm que se mover para Spec CP, como em (9a); já os *wh* nus, além de estarem deslocados, como em (10a), podem também permanecer *in situ* (10b). O elemento-*wh* *cozza* (11), entretanto, se comporta como um *wh* complexo movendo-se obrigatoriamente para o início da sentença (11a). O comportamento de *cozza* é explicado a partir da história da formação da palavra: há uma série de indícios de que *cozza* tenha uma origem nominal e, por essa razão, tenha conservado uma estrutura interna de tipo nominal (ver Munaro (1999:25)).

Munaro sugere que o contraste observado entre as sentenças em (9), (10) e (11) está relacionado a propriedades do item-*wh*. Para o autor, um sintagma interrogativo tem que comparecer em posição inicial se ele contém um N foneticamente realizado, como é o caso de *quanti libri* e, por assunção, *cozza*; ou pode ser constituído por uma categoria vazia dotada de uma especificação intrínseca de traços que podem torná-la semanticamente transparente, como é o caso de *qual*.

Há, porém, elementos-*wh* nus para os quais não existe a opção de deslocamento para o início da sentença. É o caso de *chi* e *che*:

- (12) a. È-lo vegnest *chi* ? [Munaro 1999:1.43]  
 É+cl vindo quem  
 ‘Veio quem?’

b. \*È-lo *chi* che l’è vignest?

- (13) a. À-tu parecià *che*? [Munaro 1999:1.56]  
 Tens+cl-2<sup>a</sup>p.sg. preparado o quê  
 Tu preparaste o quê ?

b. \*Che a-tu parecià ?



usufruem indistintamente das duas possibilidades (*qual e quanto*); e os que devem se mover para o início da sentença (*parché*)<sup>58</sup>.

### 4.3.3 Munaro, Poletto e Pollock (2001)

Os autores (M,P&P) analisam a distribuição de *che* em *bellunese* e *que* em francês e ressaltam que tais elementos se opõem de maneira complementar nas duas línguas:

- (16) a. *Qu'a-t-il*                    *acheté* ?  
 Que tem+t+cl-3<sup>a</sup>p.sg. comprado ?  
 'O que ele comprou?'
- b. \**A-t-il*                            *acheté* *que*?  
 Tem+ t + cl-3<sup>a</sup>p.sg. comprado o quê?
- (17) a. *A-lo*                        *magnà* *che*?  
 Tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. comido quê?  
 'O que ele tem comido?'
- b. \**Che* *à-lo*                    *magnà* ?  
 Que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. comido
- c. \* *L'a magnà*                    *che* ?  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comido o quê?

Enquanto em francês *que* não pode se manter *in situ*, como mostra (16b), em *bellunese*, *che* não pode ser deslocado, (17b). Em *bellunese*, além do *che* permanecer *in situ*, há ainda a obrigatoriedade da inversão do sujeito clítico (ISC), como mostra a agramaticalidade da sentença em que ela não ocorre, (17c).

Para explicar o comportamento dos elementos-*wh* em relação à ISC em interrogativas matrizes, assumem que *que* em francês e também *che*, *chi*, *andé* em *bellunese* são sintaticamente defectivos, enquanto *wh*-complexos como *quel livre*, *quanti libri* não são. Por isso, aqueles precisam de um licenciador legítimo para que possam ocorrer na

---

<sup>58</sup>Dialetos lombardos também mostram uma divisão interna na classe de elementos-*wh*. Para detalhes ver Benincà (1997) "Elementi interrogativi nel dialetto di Monno". In: *Quaderni di Lavoro del ASIS*.

sentença. Se os *wh* nus fossem movidos para Spec,CP, eles não seriam capazes de funcionar como operadores de pleno direito, daí a agramaticalidade de (17b).

Seguindo Ambar (1988: *apud* os autores), propõem que *que* em francês se comporta como o *que* do português europeu, o qual contém um N foneticamente nulo licenciado no Spec,CP pelo movimento do verbo finito para C°, e é esse movimento que assegura a recuperabilidade do N foneticamente nulo. Por esse motivo, *que* não pode ficar *in situ* em (16b).

A pergunta que surge é: por que isso não acontece com o *che* em *bellunese*? Seguindo Poletto (1993a) e Munaro (1999), defendem que o *bellunese* tem um operador nulo em Spec,CP licenciado pelo movimento do verbo finito para C°. Tal operador vincula o *che in situ* e dá conta da sua ‘defectividade’. Esse operador é permitido em *bellunese*, mas não em francês, porque *bellunese* tem uma classe de sujeitos clíticos não-assertivos. A rigor o que licencia o operador nulo é o clítico específico pós-verbal do *bellunese* e, por essa razão, sentenças como (17c) são mal formadas.

Para derivar as sentenças (16a) e (17a), adotam o CP expandido por Rizzi (1997) reformulando-o de acordo com (18):

$$(18) \quad [_{\text{ForceP}} F^\circ [_{\text{GroundP}} G^\circ [_{\text{NIP}} \text{NI}^\circ [_{\text{TopP}} \text{Top}^\circ [_{\text{IP}} \text{I}^\circ ]]]]]$$

A projeção ForceP responde pelo tipo da sentença (interrogativa, relativa, etc.) e é a categoria onde é checado o traço [+force]. GroundP é a categoria onde é checado o traço da pressuposição [+gr]. NIP responde pela informação nova (*New Information*) e é a categoria onde é checado o traço de foco [+NI]. TopP, como de praxe, responde por aquilo que é topicalizado. Todas essas articulações são assumidas como sendo decodificadas no componente sintático através de movimentos para o domínio CP.

Tendo em vista o que foi exposto, apresentamos em (19) cada passo da derivação da sentença em (16a), na qual ISC ocorre <sup>59</sup>:

$$(19) \quad \text{a. Qu'a-t-il acheté ?}$$

---

<sup>59</sup> Por motivos de clareza, reconstruímos os passos da derivação.

(19') Input : [IP il a acheté que]

a) Combine IP com NIP e mova o *wh* e o aux.

[NIP que a [IP il t<sub>a</sub> acheté t<sub>que</sub> ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o aux.

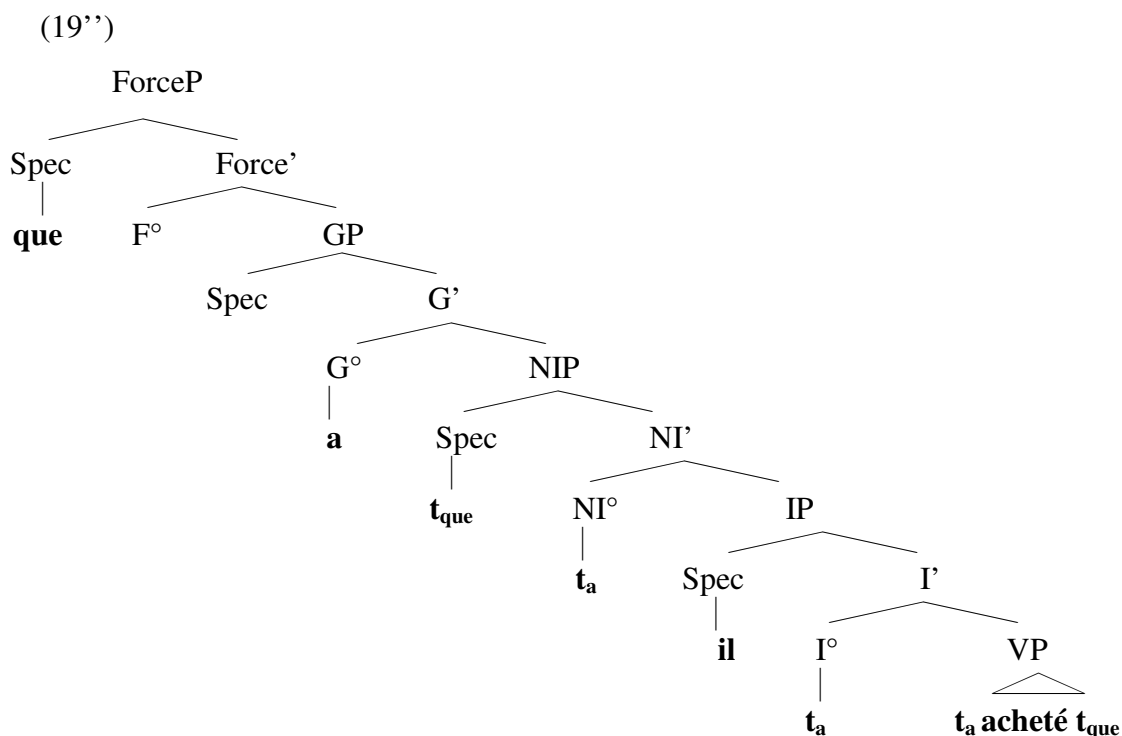
[GroundP a [NIP que t<sub>a</sub> [IP il t<sub>a</sub> acheté t<sub>que</sub> ]]]

(c) Combine Force com GroundP e mova o *wh*

[ForceP que ] [GroundP a [NIP t<sub>que</sub> t<sub>a</sub> [IP il t<sub>a</sub> acheté t<sub>que</sub> ]]]]

O elemento-*wh que* tem que checar um traço [+NI] e um traço [+force] e, conseqüentemente, se move para Spec,NIP e depois para Spec,ForceP. Como *que* é assumido como sendo defeutivo para carregar um traço [+gr], por não conter um N, ele deve saltar Spec,GP. O auxiliar *a* carrega o traço [+gr] e deve se mover para G° para checar este traço e o faz ciclicamente passando antes por NI°.

Para fins de maior clareza, vejamos como a sentença em (19) é representada em uma árvore (19'')





Nesta árvore fica claro por quais posições de Spec passa o elemento-*wh* e por quais posições de núcleo passa o auxiliar *a*.

Vejamos agora os passos da derivação da sentença (20) em Francês, na qual inversão estilística (IE) ocorre:

(20) Qu'a acheté Jean ?

(20') Input : [IP Jean a acheté que]

(a) Combine TopP com IP e mova *Jean*

[TopP Jean [IP t<sub>Jean</sub> a acheté que ]]

(b) Combine NI com TopP e mova-*wh*

[NIP que [TopP Jean [IP t<sub>Jean</sub> a acheté t<sub>que</sub> ]]]

(c) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

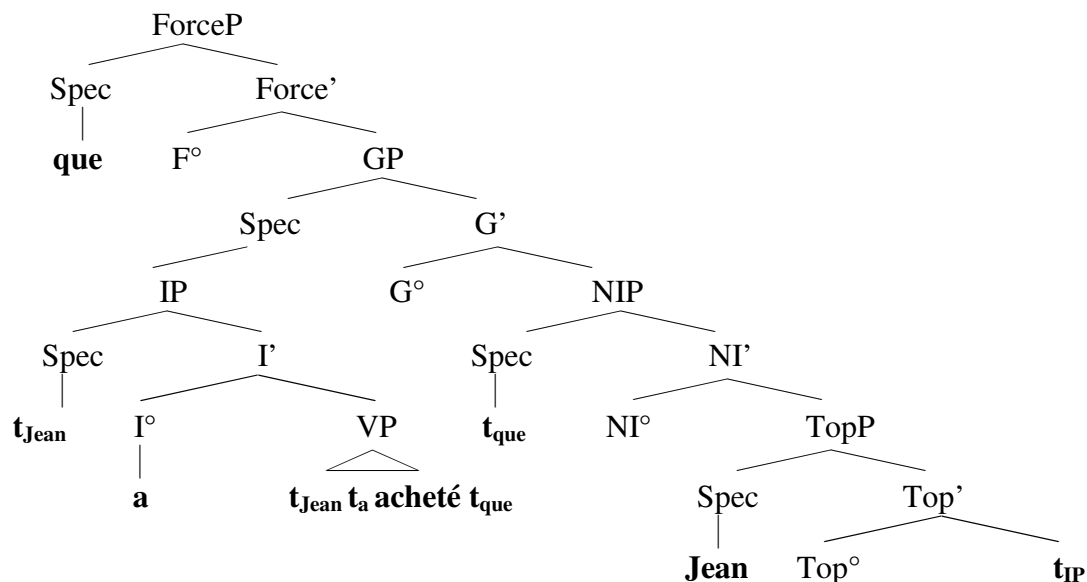
[GroundP [IP t<sub>Jean</sub> a acheté t<sub>que</sub> ] [NIP que [TopP Jean [t<sub>IP</sub> ]]]]

(d) Combine Force com GroundP e mova o *wh*

[ForceP que [Ground [IP t<sub>Jean</sub> a acheté t<sub>que</sub> ] [NIP t<sub>que</sub> [TopP Jean [t<sub>IP</sub> ]]]]]

Primeiramente o sujeito *Jean* é topicalizado em Spec,TopP; a seguir *que* se move para Spec,NIP para checar o traço [+NI]; o traço [+gr] vai ser checado através do movimento do resto do IP para Spec,GP; como *que* tem que checar também um traço [+force], ele se move para Spec,ForceP para que a checagem se realize. Vejamos esta derivação na árvore em (20'')

(20'')



Note que, nesta derivação, o traço [+gr] é checado pelo resto do IP, enquanto em (19''), é checado somente pelo I° que contém o auxiliar *a*. As derivações em (19') e (20') representam estruturas sintáticas diversas: enquanto esta exhibe IE, aquela exhibe ISC. Em ambas, o elemento-*wh* foi movido para a posição Spec,ForceP.

Para a sentença (17a) em *bellunese*, repetida em (21), na qual ISC acontece, os autores sugerem a derivação em (21'):

(21) a. A-lo magnà che?

(21') Input : [<sub>IP</sub> a magnà che]

(a) Combine *lo* em Top (= *lo* que licencia *pro* em SpecTop) com IP e mova o aux para Top° para satisfazer as necessidades clíticas de *lo*

[<sub>TopP</sub> *pro* [<sub>T°</sub> a+lo] [<sub>IP</sub> t<sub>a</sub> magnà che ]]

(b) Combine NI com TopP e mova o *wh*

[<sub>NIP</sub> che [<sub>TopP</sub> *pro* a+lo] [<sub>IP</sub> t<sub>a</sub> magnà t<sub>che</sub>]]

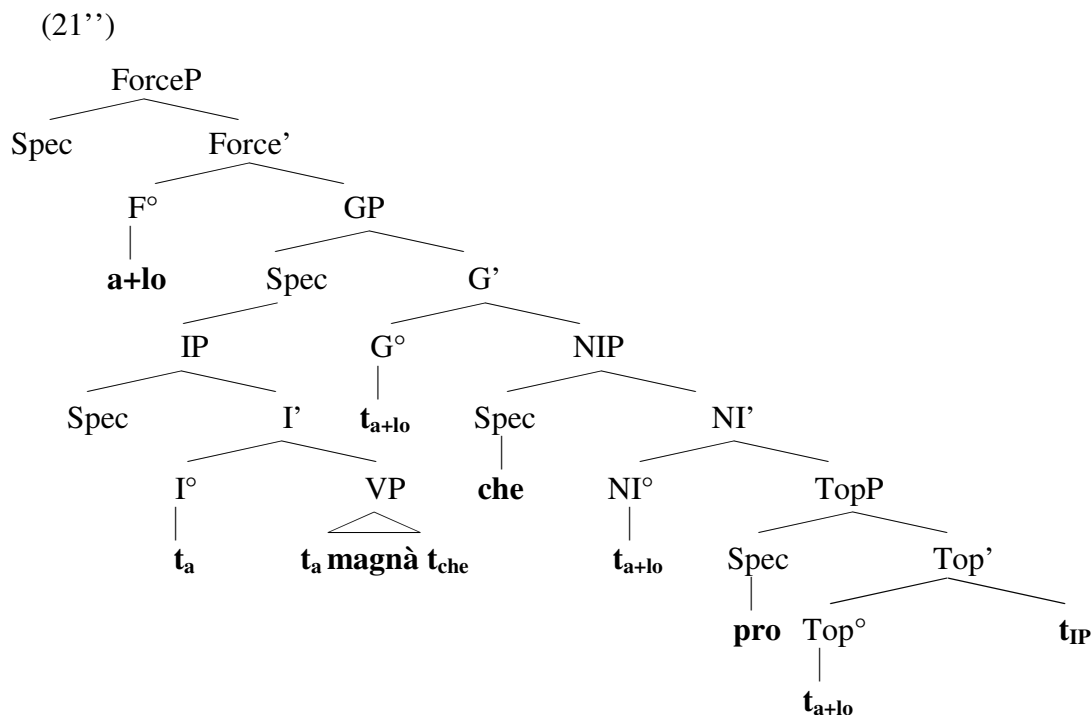
(c) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP para Spec,Ground

[<sub>GroundP</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>a</sub> magnà t<sub>che</sub> ]][<sub>NIP</sub> che [<sub>TopP</sub> [*pro* a+lo ] [<sub>t<sub>IP</sub></sub> ]]]]

(d) Combine Force com GroundP e mova *a+lo* para F°

[ForceP *a+lo* [GroundP [IP *t<sub>a</sub> magnà t<sub>que</sub>* *t<sub>a+lo</sub>*] [NIP *che t<sub>a+lo</sub>* [TopP *pro t<sub>a+lo</sub>* [t<sub>IP</sub> ]]]]

Note que em *bellunese* o passo (a) é necessário porque neste dialeto há sujeitos clíticos obrigatórios em interrogativas. Em termos de combinação, este é um dos passos que distingue *bellunese* e francês. Já (b) e (c) são passos também requeridos na derivação em (20') em Francês. Depois de o elemento-*wh che* se mover para Spec,NIP para checar o traço [+NI], segue-se o movimento do resto do IP para GroundP para realizar a checagem do traço [+gr]. Este último é requerido porque o *che* em *bellunese*, por não ter um N lexical, não hospeda o traço [+ground] e movimento do resto do IP torna-se necessário. Todavia, *bellunese* e francês realizam o último passo de modo diferente. Em francês (20'd), o elemento-*wh que* se move para Spec,ForceP para 'tipar' a sentença como interrogativa; em *bellunese*, *che* não precisa e, portanto, não pode se mover para ForceP. A não exigência deste último movimento é explicada pela presença do clítico *lo* que faz parte da série de sujeitos clíticos não-assertivos, os quais têm a função de expressar que a sentença é do tipo interrogativo<sup>60</sup>. Portanto, são eles que carregam e, conseqüentemente, checam o traço [+force]. Para tanto, [*a+lo*] se move ciclicamente desde Top° através das posições de núcleo até F°. Vejamos agora a derivação em uma árvore:



É importante ressaltar que sentenças com ISC em *bellunese* checam [+gr] como as sentenças com IE em francês, ou seja, através do movimento do resto do IP. Já as sentenças com ISC em francês checam este traço através do movimento de I°. Em ambas as línguas o *wh* se move para Spec,NIP; portanto, a diferença entre elas não é mais vista em termos de *wh in situ versus wh* movido, mas do fato de que *che*, diferente de *que*, não precisa se mover para ForceP porque existe uma checagem alternativa e mais econômica para o traço [+force], através do movimento do pronome enclítico. Sob esta perspectiva, os elementos-*wh* em *bellunese* não permanecem na posição interna da sentença, mas são movidos apenas uma vez, para Spec,NIP<sup>61</sup>, seguido pelo movimento do resto do IP, enquanto em francês os elementos-*wh* se movem duas vezes: uma para Spec,NIP e outra para Spec,ForceP.

<sup>60</sup> Duas condições são necessárias para que os sujeitos enclíticos sejam considerados indicadores da ‘força’ de uma sentença: devem ser obrigatórios em interrogativas matizes e a classe de proclíticos e enclíticos deve ser assimétrica.

<sup>61</sup> A observação que *che* não ocupa sua posição de argumento interna ao IP em (21a) é sugerida pela ordem e por fatores prosódicos: um elemento-*wh* correspondente a um argumento final na sentença (*so fradel* em (1a)) não pode aparecer na posição final (1b), mas deve preceder o objeto direto deslocado à direita (1c), onde o elemento-*wh* e o constituinte seguinte são separados por uma quebra entonacional:

- (1) a. Al ghe ha dat al libro a so fradel  
 Para lhe tem dado o livro ao seu irmão  
 ‘Ele deu o livro para o seu irmão’

Outros elementos-*wh* nus em *bellunese* como *andé*, *chi* e *come* se comportam como o *che* e não podem se mover para ForceP, já que o traço é checado pelo clítico não-assertivo. Elementos-*wh* como *qual* e *quant* se movem opcionalmente. Esta opcionalidade decorre do fato de que estes *whs* são interpretados ora como *che*, pela ausência de N, e ora como *wh*-complexos, pela presença de traços de plural e gênero, como veremos a seguir.

Elementos-*wh* complexos como *quanti libri*, em oposição aos elementos-*wh* nus, se movem obrigatoriamente para a periferia esquerda. Para esses, os autores assumem que o NP lexical existente em *quanti libri* é responsável pelo traço [+gr] que estes sintagmas carregam. Tendo o traço [+gr], eles tem que se mover para Spec,GroundP. Porém, estes elementos não podem permanecer em GroundP, porque esta não é uma posição de escopo possível para elementos-*wh* e, por esse motivo, têm que se mover até Spec,ForceP.

Quanto aos elementos-*wh*, como *qui*, *où*, *quoi* ou *quel livre*, que podem ficar *in situ* em francês (22), os autores observam que seu comportamento é diferente do dos elementos-*wh* que ficam *in situ* em *bellunese*. Neste dialeto, há inversão obrigatória do sujeito clítico, enquanto em Francês *wh in situ* e ISC são incompatíveis, como ilustra a sentença agramatical em (22b):

- (22) a. Il            a    vu    qui ?  
           cl-3<sup>a</sup>p.sg. tem visto quem ?  
           ‘Ele viu quem?’
- b.\* A-t-il            vu    qui ?  
           tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. visto quem ?

- 
- b. ?? Ghe halo            dat    al libro a chi ?  
           Lhe tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. dado o livro    para quem  
           ‘Ele deu o livro para quem?’
- c. Ghe (lo) halo            dat    a chi //    al libro ?  
           Lhe (o) tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. dado a quem //    o livro  
           ‘Ele deu para quem o livro?’

A partir desta constatação, propõem que o elemento-*wh* também se moveu para uma posição na periferia esquerda, mais especificamente para SpecNIP para checar seu traço[+NI].

A impossibilidade da ISC ocorrer em uma sentença com *wh in situ* em francês deve-se à ausência, nesta língua, de uma classe de sujeitos clíticos não-assertivos responsáveis por tipar as sentenças como interrogativas. Não havendo tais clíticos, deve existir uma outra forma de marcar uma sentença como (22a) como interrogativa.

Seguindo Rizzi, os autores propõem que perguntas-*wh in situ* em francês são sentenças truncadas, do tipo exemplificado em (23):

(23)  $[_{TopP} Top^{\circ} [_{FocP} Foc^{\circ} [_{IP} Infl^{\circ}]]]]$

Tal estrutura não contém ForceP, como a estrutura em (18). ForceP não é projetado porque não há clíticos não-assertivos que precisam deste nível para checar o traço [+force]. FocP (=NIP na representação M,P&P) é a categoria onde o traço [+foco] é checado pelo elemento-*wh*. TopP (=GroundP na representação M,P&P) é a categoria onde o traço [+pressuposição] é checado pelo resto do IP. Vejamos a derivação da sentença (22a), repetida em (24), em (24’):

(24) a. Il a vu qui ?  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. tem visto quem  
 ‘Ele viu quem?’

(24’) Input:  $[_{IP} il a vu qui ]$

(a) Combine Foc com IP e mova *qui* para Spec,FocP

$[_{FocP} qui_i [_{IP} il a vu t_i]]$

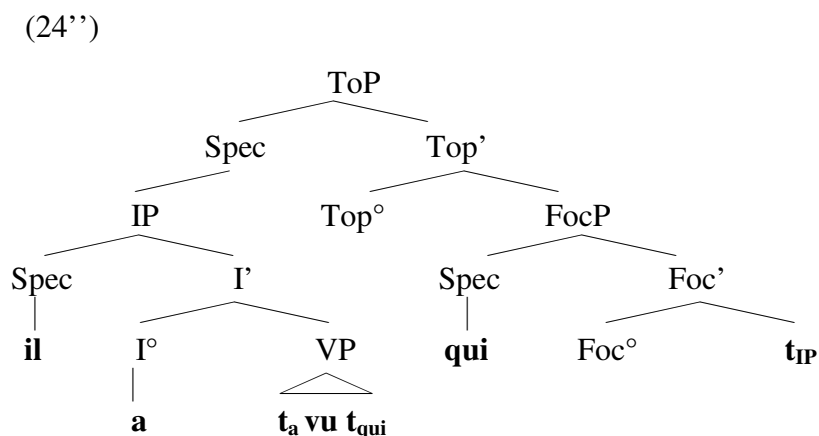
b) Combine Top com FocP e mova o resto do IP

$[_{TopP} [_{IP} il a vu t_i] [_{FocP} qui_i] [_{t_{IP}}]]$

Como mostra (24a), o CP no qual *qui* se encontra é um nível FocusP. Na ausência de ForceP, a interpretação interrogativa da sentença não é sintaticamente decodificada, mas surge através de uma implicatura interpretativa: um CP truncado com um elemento-*wh* em Spec,FocusP é interpretado como um pedido de informação. Com esta hipótese explicam a incompatibilidade de ISC com *wh in situ* em francês, uma vez que assumiram que ISC é

movimento para Force. Se o (aparente) *wh in situ* em francês não tem nível Force interrogativo, ele não projeta nenhuma ISC, como mostra a agramaticalidade de (22b).

Embora contrastantes em alguns pontos, interrogativas-*wh* em francês compartilham com as interrogativas-*che* em *bellunese* movimento do elemento-*wh* para a periferia esquerda e subsequente movimento do resto do IP, conforme se observa na árvore de (24), cujos passos da derivação estão representados em (24'')



Em (24''), o elemento-*wh qui* se move para o Spec de FocP e o movimento do resto do IP é para Spec,Top.

#### 4.3.4 Munaro & Poletto (2002)

Neste texto, os autores tomam os dialetos do norte da Itália e os enquadram em duas grandes classes. O que caracteriza cada classe é o comportamento do dialeto em relação a certas propriedades, como notamos no quadro abaixo:

(25)

Tipo 1	Tipo 2
Presença de ISC	Ausência de ISC
<i>In situ</i> somente pronomes interrogativos <sup>62</sup>	<i>In situ</i> pronomes interrogativos e sintagmas
Estratégia <i>wh in situ</i> obrigatória	Estratégia <i>wh in situ</i> opcional
Forma <i>che in situ</i>	Forma <i>cosa in situ</i>

cf. Munaro &amp; Poletto (2002:85-86)

Os dialetos do tipo 1 apresentam inversão do sujeito clítico, deixam *in situ* o elemento-*wh* nu obrigatoriamente, mesmo o defectivo *che*. Os dialetos do tipo 2 não invertem o sujeito clítico, não apresentam *wh in situ* obrigatório nem mesmo a forma *cosa*, que corresponde ao *che*.

As propriedades em (25) são traçadas a partir de uma única característica: a posição do verbo. Como ponto de partida, afirmam que a presença do enclítico atesta que o verbo está em C°. Se o elemento-*wh* aparece à esquerda do verbo, ele ocupa a posição Spec de CP, como acontece em italiano *standard*, em que tanto Spec,CP quanto C° são ocupadas por elementos lexicais, o elemento-*wh* e o verbo finito respectivamente. Já nos dialetos, algo diferente pode acontecer, que é o elemento-*wh* permanecer *in situ*. Neste caso, duas possibilidades se verificam: uma (26a) em que apenas o verbo se alçou para C°; outra (26b) correspondente à estrutura de uma frase declarativa, na qual o verbo finito não se encontra em C°, mas mais à direita:

- (26) a. [<sub>SpecC</sub> [C° V+encl.] [wh]]]  
 b. [<sub>SpecC</sub> [C° Ø] [V...wh]]]

Para os dialetos do tipo 1, que apresentam ISC, a presença do enclítico é suficiente para identificar explicitamente a frase como interrogativa. Os traços interrogativos do [V+encl.] em C° são transmitidos à posição Spec,CP através de um mecanismo de cópia dentro de uma relação estrutural entre especificador e núcleo.

<sup>62</sup> Pronomes interrogativos correspondem a elementos-*wh* nus.



Para os dialetos do tipo 2, em que o verbo não se encontra em C° e o *wh* permaneceu em posição argumental, não há nenhum elemento na projeção CP. Como, então, a sentença é identificada como interrogativa? A hipótese dos autores é que na ausência de ISC, que explicita o estatuto interrogativo da frase, a sintaxe de uma interrogativa e de uma declarativa são idênticas e não envolvem as posições (Spec,CP e C°) na periferia esquerda da sentença.

Quanto à estratégia de deixar o elemento-*wh in situ*, nos dialetos do tipo 1 ela é obrigatória e só se aplica a elementos-*wh* nus, mas não a *wh*-complexos. Nestes dialetos, [V+encl.] está em C° e transmite os traços interrogativos para a posição Spec,CP, e somente nestes a posição Spec,CP contém traços específicos atribuídos pelo [V+encl.] em C°. Além disso, os autores assumem que há uma relação estrutural entre a posição de operador Spec,CP e a posição argumental, relação que impõe o compartilhamento dos traços categoriais e que é relevante para a interpretação. Conseqüentemente, o elemento-*wh in situ* deve conter os mesmos tipos de traços que são atribuídos pelo [V+encl.] em C° para Spec,CP. Tais traços são puramente interrogativos e não do tipo nominal e identificam ao mesmo tempo o tipo frasal e o tipo de elemento-*wh*. Isso impõe restrições sobre o elemento-*wh* que pode permanecer *in situ*, o qual deverá ser nu (e não complexo, formado por um elemento-*wh* mais um elemento nominal). Desse modo derivam a segunda propriedade dos dialetos do tipo 1.

Considerando que são os traços em Spec,CP que impõem restrições sobre o tipo de elemento-*wh* que pode permanecer *in situ*, espera-se que no caso em que não existam traços, não existam restrições. Isto é o que acontece nos dialetos do tipo 2, nos quais V não está em C° e, portanto, não atribui nenhum traço específico a Spec,CP. Por isso, neste grupo, não se observam restrições sobre o tipo de elemento-*wh* que pode ficar *in situ*.

Também a quarta propriedade é derivada da hipótese de que os traços atribuídos pelo [V+encl.] a Spec,CP são puramente interrogativos e não nominais. Como visto, os dialetos do tipo 1 utilizam a forma *che, in situ*, para *cosa* e os do tipo 2, a forma *cosa*. Nos do tipo 1, a forma *cosa* não é tolerada *in situ* porque os seus traços categoriais contrastam com aqueles atribuídos pelo [V+encl.] a Spec,CP. Nos dialetos do tipo 2, em que não existem restrições sobre o elemento-*wh* que pode ficar *in situ*, *cosa* pode tanto ficar *in situ* quanto em posição inicial.

A presença dos traços em Spec,CP explica também a obrigatoriedade de *wh in situ* nos dialetos do tipo 1: o fato de que em Spec,CP estão presentes traços compatíveis com aqueles do elemento interrogativo *in situ* impede que o próprio elemento ocupe aquela posição. Ao contrário, nos do tipo 2, *wh in situ* é uma estratégia totalmente opcional porque a posição Spec,CP, estando vazia, está sempre disponível para o elemento interrogativo; por outro lado, qualquer *wh* pode opcionalmente se encontrar *in situ* porque não existem restrições sobre os traços presentes em Spec,CP, visto que esta posição não contém traços atribuídos pelo [V+encl.].

#### 4.3.5 Para fechar

Vimos, nesta seção, algumas propostas para *wh in situ* em dialetos italianos. Poletto (1993b) propõe que interrogativas com *wh in situ* e ISC em *bellunese* não violam o Critério-*wh* porque tem um operador nulo em Spec,CP, licenciado pela presença do [V+encl] em C°.

Munaro (1999) observa que *wh* complexos e nus se comportam de modo diferente em *bellunese*: *wh* complexos se movem obrigatoriamente para o Spec de CP; já os nus dividem-se entre os que devem ficar *in situ* (*chi* e *che*), os que preferencialmente se movem para Spec,CP (*(n)dove/(a)ndé*, *comé* e *quando*), os que tanto podem se deslocar quanto ficar *in situ* (*qual* e *quanto*), e os que devem se mover para o início da sentença (*parché*). Observa também que *cozza*, por razões históricas, se comporta como um *wh* complexo e, por isso, sempre se move para Spec,CP. Este comportamento desigual é, segundo Munaro, decorrente das propriedades do elemento-*wh*: um sintagma interrogativo deve comparecer em posição inicial se ele contém um N foneticamente realizado ou pode ser constituído por uma categoria vazia dotada de uma especificação intrínseca de traços que podem torná-la semanticamente transparente.

M,P&P (2001) observam que *che* em *bellunese* e *que* em francês se comportam de modo diferente. Em francês, *que* não pode ficar *in situ*; em *bellunese*, *che* não pode ser deslocado e apresenta ISC. Assumem que *que*, em francês, contém um N foneticamente nulo licenciado no Spec,CP pelo movimento do verbo finito para C°, e é esse movimento que assegura a recuperabilidade do N foneticamente nulo. Por isso, *que* não pode ficar *in situ*. Para explicar por que *che* pode permanecer *in situ* em *bellunese*, assumem que neste

dialeto há um operador nulo em Spec,CP, licenciado pela presença [V+encl] em C°. Tal operador não está disponível em francês, porque esta língua não tem uma classe de sujeitos clíticos não-assertivos, os quais determinam que a sentença seja interrogativa, como acontece em *bellunese*. Para mostrar as diferenças entre o *bellunese* e o francês, adotam a seguinte estrutura:

$$(27) \quad [_{\text{ForceP}} \text{F}^\circ [_{\text{GroundP}} \text{G}^\circ [_{\text{NIP}} \text{NI}^\circ [_{\text{TopP}} \text{Top}^\circ [_{\text{IP}} \text{I}^\circ ]]]]]$$

ForceP responde pelo tipo da sentença; GroundP pela pressuposição; NIP pela informação nova; e TopP responde pelo que é topicalizado. Em *bellunese*, interrogativas com *che in situ* são derivadas pelo movimento do *wh* para o Spec de NIP, pelo movimento do resto do IP para Spec,GroundP e pelo movimento do [V+encl] de TopP para ForceP. Em francês, interrogativas com *que* deslocado são derivadas pelo movimento de *que* para Spec,NIP, pelo movimento do resto do IP para Spec,GroundP e, como não há sujeitos clíticos não-assertivos, *que* vai ter que se deslocar de NIP para Spec,ForceP, para tipar a sentença como uma interrogativa.

Para explicar as sentenças com *wh in situ* em francês, adotam uma estrutura truncada, na qual o nível ForceP não é projetado.

$$(28) \quad [_{\text{TopP}} \text{Top}^\circ [_{\text{FocP}} \text{Foc}^\circ [_{\text{IP}} \text{Infl}^\circ ]]]]$$

Interrogativas com *wh in situ* em francês são derivadas pelo movimento do *wh* para Spec,FocP e do resto do IP para Spec, TopP. Embora contrastantes, estas interrogativas compartilham com interrogativas-*che* em *bellunese* o movimento do *wh* para a periferia esquerda e subsequente movimento do resto do IP.

Munaro & Poletto (2002) classificam os dialetos do norte da Itália em dois tipos: os do tipo 1 apresentam ISC e deixam obrigatoriamente o elemento-*wh* *in situ*; os do tipo 2 não apresentam ISC nem *wh in situ* obrigatório. Estas propriedades são traçadas com base na posição ocupada pelo verbo. Assumem que, quando ISC ocorre, o verbo se moveu para C°. Nesta posição, [V+encl] transmite traços interrogativos para Spec,CP, posição que está estruturalmente relacionada com a posição argumental. Então, a presença destes traços interrogativos em Spec,CP vai impor restrições sobre o *wh* que pode ficar *in situ*, o qual

não poderá ser do tipo nominal. Isso acontece nos dialetos do tipo 1. Nos dialetos do tipo 2, não há ISC e V não vai para C°, então não há traços atribuídos para Spec,CP que imponham restrições sobre o *wh* que pode ficar *in situ*. Os traços em Spec,CP também explicam por que a forma *cossa*, a qual contém traços nominais, não aparece *in situ* nos dialetos do tipo 1. A obrigatoriedade do *wh in situ* nos dialetos do tipo 1 e a opcionalidade nos do tipo 2 também se explica a partir dos traços em Spec,CP. Nos do tipo 1, eles são compartilhados com o *wh* que está *in situ*, o que impede que o próprio elemento-*wh* se mova para aquela posição; nos do tipo 2, Spec, CP está vazio e, portanto, sempre disponível para alojar os elementos-*wh*.

#### 4.4 *Wh in situ no DT*

##### 4.4.1 *Construções com wh in situ*

O DT, assim como alguns dialetos do norte da Itália, permite que elementos-*wh* permaneçam *in situ*, sem se deslocar para a periferia esquerda produzindo sentenças como as ilustradas em (29):

- (29) a. La Maria l'èi vegnuda come ?  
 A Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ é vinda como  
 'A Maria veio como ?'
- b. Questo è susedest quande ?  
 Isto é acontecido quando ?  
 'Isso aconteceu quando ?'
- c. Te stai 'ndove ?  
 cl-2<sup>a</sup>p.sg. estás onde  
 'Tu estás onde ?'

*Come, quando e 'ndove* são freqüentemente encontrados *in situ*, embora também apareçam deslocados para a periferia esquerda da sentença:

- (30) a. Come te te senti ?  
 Como cl-2<sup>a</sup>p.sg. te sentes  
 'Como tu te sentes ?'
- b. Quande i mateloti i a batù n la porta ?  
 Quando os meninos cl-3<sup>a</sup>p.pl tem batido em a porta  
 'Quando os meninos bateram na porta ?'
- c. 'Ndo che te stai ?  
 Onde que cl-2<sup>a</sup>p.sg. estás  
 'Onde que tu estás ?'

Note, contudo, que o elemento-*wh* em (29c) e (30c) tem formas distintas. Deslocado tem a forma '*ndo*'; *in situ*, a forma '*ndove*'<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> O elemento-*wh* '*ndove*'/'*ndo*', dependendo da posição que ele ocupa na sentença, vai apresentar duas formas diferentes: se deslocado à esquerda, a forma '*ndo*' (1a); se *in situ*, tanto a forma '*ndo*' (1b) quanto '*ndove*' (1c). A forma '*ndove*' nunca aparece deslocada à esquerda (1d):

- (1) a. 'Ndo i va ?  
 Onde cl-3<sup>a</sup>p.sg. vão  
 'Onde vão?'
- b. Narala 'ndo?  
 Vai +cl-3<sup>a</sup>p.sg. onde ?  
 'Onde ela vai?'
- c. L'ospedal l'è 'ndove ?  
 O hospital cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ è onde  
 'O hospital é onde ?'
- d. \* 'Ndove che nem ?  
 Onde que vamos  
 'Onde que vamos ?'

Poletto & Pollock (2002) propõem que há línguas que apresentam elementos-*wh* clíticos. A idéia é suportada pelo fato de que o *wh que* em Francês e o *wh do* em *friulano* exibem restrições como as que definem pronomes clíticos. Abaixo seguem exemplos do dialeto *friulano*:

- (2) a.\* Do, seconde tu, van-u ?  
 Onde, segundo tu, vão+cl-3<sup>a</sup>p.pl.  
 'Onde, segundo você, eles vão?'

No DT, tanto elementos nus quanto complexos são evidenciados *in situ*:

- (31) a. Te laori quante ore tuti i dì ?  
 cl-2<sup>a</sup>p.sg trabalhas quantas horas todos os dias ?  
 ‘Tu trabalhas quantas horas todos os dias?’

b. Dulà, seconde tu, van-u ?  
 ‘Onde, segundo você, eles vão?’

c. \*Do? Dulà?  
 Onde?, Onde?

d. Di { \*do, dulà } al vegna ?  
 De onde cl-3<sup>a</sup>p.sg. vem ?  
 ‘De onde ele vem?’

e. \*Do e quant van-u?  
 Onde e quando vão+cl-3<sup>a</sup>.p.pl.  
 ‘Onde e quando eles vão?’

f. Dulà e quant van-u ?  
 Onde e quando vão+cl-3<sup>a</sup>p.pl.  
 ‘Onde e quando eles vêm?’

Nas sentenças em (2) o *wh do* (forma curta de *dulà* ‘onde’) não pode ser separado do seu verbo hospedeiro (2a,b), não pode ser usado em isolamento (2c), não pode ser objeto de uma preposição (2d,e) e não pode ser coordenado (2e,f). Estas restrições são as mesmas observadas em relação aos pronomes clíticos.

Assumir que *do* é um clítico, entretanto, não implica que *wh* clíticos e pronomes clíticos compartilhem todas as propriedades distribucionais. Uma das diferenças existentes é que um elemento como *do*, além de ser um clítico, é também um elemento-*wh* que alcança uma posição A’ na periferia esquerda. Quanto ao lugar em que a cliticização do clítico-*wh* acontece, a hipótese nula dos autores é que, junto a um grupo hierarquicamente ordenado de posições para clíticos negativos e pronominais no nível IP, exista uma fenda clítica para clíticos-*wh*.

Em sentenças-*wh* matrizes do DT, observamos que somente a forma ‘*ndo* aparece como objeto de uma preposição:

- (3) a. De ‘ndo èlo, ‘l to moros?  
 De onde é+cl-3<sup>a</sup>p.sg. o teu namorado  
 ‘De onde é ele, o teu namorado?’
- b. ‘L to pare, de ‘ndo èlo ?  
 O teu pai, de onde é+cl-3<sup>a</sup>p.sg.  
 ‘O teu pai, de onde ele ?’
- c.\* De ‘ndove èlo, ‘l to moros?

Considerando que esta é uma das restrições observadas nos clíticos *wh*, podemos pensar que no DT ‘*ndove* se comporte de modo semelhante ao *do* em *friulano*. Contudo, por ora, não dispomos de contextos suficientes para testar as demais restrições, visto que o nosso objetivo focava interrogativas-*wh* matrizes, e assim, por exemplo, interrogativas-*wh* coordenadas não foram coletadas / testadas.

- b. ‘L Mario l’a magnà perché, la polenta ?  
 O Mário cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comido por que, a polenta ?  
 ‘O Mário comeu a polenta por quê?’

Em (31a), vemos o *wh* complexo *quante ore*; e, em (31b) o *wh* nu *perché*. Vale ressaltar que na maioria dos dialetos do norte da Itália, *perché* não é atestado *in situ*.

Ficar *in situ* é uma estratégia disponível no DT, usada tanto em perguntas verdadeiras, que requerem uma informação, quanto em perguntas ‘especiais’, que não requerem uma informação. A sentença em (32) retirada de um diálogo entre dois irmãos, CM e AM, sobre atividades pendentes na propriedade rural em que habitam é um exemplo de uma pergunta ‘especial’ contendo um *wh in situ*. CM questiona a disponibilidade de tempo de AM, fazendo a seguinte pergunta:

- (32) Te fai cossa ?<sup>64</sup>  
 cl-2<sup>a</sup>p.sg. fazes o quê ?  
 ‘Tu fazes o quê?’

(32) expressa o fato de que embora o falante tenha tentado, ele não consegue pensar no que o interlocutor faz. Nos termos de Obenauer (2003), este seria um tipo de pergunta ‘especial’ denominada “I can’t-find-of-value-of-x”, usada pelo falante para expressar que ele tem tentado em vão encontrar uma resposta para a sua pergunta.

A sentença em (33), retirada de um diálogo entre dois amigos que conversam sobre o modo como uma terceira pessoa está vestida, também se configura como um tipo ‘especial’ de pergunta:

- (33) Èla vestida come, ela ?  
 Está+cl-3<sup>a</sup>p.sg. vestida como, ela  
 ‘Está vestida como, ela?’

(33) expressa o fato de que, para o falante, o que a outra pessoa está usando é estranho, inesperado. Há um certo aspecto de reprovação na pergunta, que nos termos de Obenauer

---

<sup>64</sup> Vale ressaltar que, ao contrário do *bellunese*, o DT apresenta a mesma forma, *cossa*, *in situ* e em posição inicial. Quando *in situ*, a sentença pode ser interpretada como uma ‘pergunta especial’. Este comportamento é oposto ao do *bellunese*, no qual somente a forma *che* pode aparecer *in situ* e a forma *cosa* pode ser interpretada como uma ‘pergunta especial’ somente em posição inicial.

(2003) é definida como uma pergunta com ‘surpresa ou desaprovação’ e não como uma pergunta verdadeira que requer que o valor da variável seja fixado.

No entanto, a ocorrência de *wh in situ* não está sempre atrelada a tipos especiais de perguntas e pode ocorrer em uma pergunta verdadeira, como em (34):

- (34) Stale                    ‘ndove, lore ?  
 Estão+cl-3<sup>a</sup>p.pl. onde elas  
 ‘Moram onde, elas ?’

(34), retirada de um diálogo, expressa um pedido de informação. Dois amigos falam de duas senhoras moradoras da cidade. O falante desconhece o local onde elas moram e solicita a informação ao ouvinte. Observe que nesta sentença, além de o elemento-*wh* estar *in situ*, há inversão do sujeito clítico/verbo.

Outros exemplos também ilustram esta compatibilidade do *wh in situ* com inversão do sujeito clítico/verbo em perguntas verdadeiras:

- (35) a. Narala                    ‘ndo ?  
 Irá+cl-3<sup>a</sup>p.sg. onde  
 ‘Ela vai onde ?’
- b. ’L to pare, èlo                    de ‘ndo?  
 O teu pai, é+cl-3<sup>a</sup>p.sg. de onde?  
 ‘O teu pai, ele é de onde ?’
- c. La                    va ‘ndo ?  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg. vai onde  
 ‘Ela vai onde?’

Em (35a), vemos o sujeito clítico *la* enclítico ao verbo *nar* (=ir) e o *wh in situ* ‘*ndo*. Em (35b), o enclítico *lo* ao verbo *esser* (=ser) e o *wh in situ* *de* ‘*ndo*. Embora ISC possa ocorrer em perguntas verdadeiras com *wh in situ*, ela não é obrigatória, conforme (35c). Nestas sentenças, e também nas ‘especiais’, percebe-se um alçamento da entonação sobre o *wh* que está *in situ*.

Normalmente a possibilidade de o elemento-*wh* permanecer *in situ* está disponível em interrogativas matrizes (cf. (29)-(35)), mas pode ser também encontrada em encaixadas se o escopo da pergunta não se limita à sentença encaixada:



- (36) a. 'L Pero l'a dît che questo èl sussedest come?  
 O Pedro cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dito que isto é+cl-3<sup>a</sup>p.sg. acontecido como  
 'O Pedro disse que isso aconteceu como?'
- b. 'L Pero l'a dît come che questo l'è sussedest.  
 O Pedro cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dito como que isso cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem acontecido  
 'O Pedro disse como que isso aconteceu.'
- c. 'L Giusepe l'a domandà come è che questo l'è sussedest.  
 O José cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem perguntado como é que isto cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem acontecido  
 'O José perguntou como é que isso aconteceu '
- d. \*'L Giusepe l'a domandà che questo l'è sussedest come?

Em (36a), o elemento-*wh come* está *in situ* e, em (36b), ele ocorre no Spec do CP encaixado. Se isso ocorre é porque o verbo *dît* (=dizer) é ambíguo quanto a selecionar ou não um CP interrogativo como complemento. Quando o CP não é interrogativo, o elemento-*wh* pode se manter *in situ*, mas tem escopo sobre toda a sentença; quando o CP é interrogativo, o escopo do elemento-*wh* se limita à sentença encaixada. Note que se o verbo matriz for o verbo *domandar* (=perguntar), que só seleciona CP interrogativo, o comportamento é diferente: neste caso, a sentença (36d) com *wh in situ* vai ser agramatical.

Ainda quanto ao comportamento do *wh*, verificamos que não pode ser deixado *in situ*, caso haja um complementizador presente na periferia esquerda da sentença:

- (37) a. \*Che t'ai spacà el pè quando?  
 que cl-2<sup>a</sup>p.sg.+tens quebrado o pé quando
- b. Quando che t'ai spacà el pè ?  
 Quando que cl-2<sup>a</sup>p.sg.+tens quebrado o pé  
 'Quando que tu quebraste o pé ?'

Conforme ilustra (37a), se o complementizador *che* é colocado na posição inicial e o elemento-*wh* aparece *in situ*, a sentença é considerada mal formada. Se há um complementizador o elemento-*wh* deve se deslocar para o início da sentença (37b).

#### 4.4.2 *Análise*

Dentre as análises apresentadas para *wh in situ*, Poletto (1993b) sugere que interrogativas em *bellunese* respeitam o Critério-*wh* através da presença de um operador nulo em Spec,CP, licenciado pela presença do [V+encl.] em C°. Assim, operador nulo e verbo marcado [+wh] se encontram em uma configuração especificador-núcleo e garantem que o Critério-*wh* não seja violado. No DT, postular um operador nulo em Spec,CP para salvar as sentenças com *wh in situ* poderia ser adequado para os casos com ISC como em (35a), repetido em (38):

- (38) Narala            ‘ndo ?  
 Vai+cl-3<sup>a</sup>p.sg. onde  
 ‘Onde ela vai ?’

Em (38), a posição C° estaria disponível para alojar o [V+encl.]. No entanto, no DT, ISC não é obrigatória com *wh in situ* e nem sempre se pode alegar que está envolvido movimento de I° para C°. Como assumimos no capítulo 3, ISC acontece em AgrS e é compatível com complementizador. Além disso, sentenças com *wh in situ* podem apresentar a ordem S+(cl)+V+*wh*:

- (39) a. La Maria    l’èi    vegnuda   come ?  
 A Maria   cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ é vinda    como  
 ‘A Maria veio como ?’
- b. Questo è sussedest quando ?  
 Isto    é acontecido quando ?  
 ‘Isso aconteceu quando ?’

Nesses casos, o sujeito não topicalizado (*La Maria* em (39a), e *questo* em (39b)) mostra que o [cl+V] não pode licenciar um operador nulo em Spec,CP. *Wh in situ* no DT não viola o Critério-*wh* porque não há neste dialeto um núcleo marcado [+wh] e *come / quande* não são considerados operadores. Na ausência de um núcleo marcado [+wh], o elemento-*wh* pode ficar *in situ* sem violar o Critério-*wh*.

As sentenças em (39) lembram os exemplos de *wh in situ* em francês<sup>65</sup>. A sentença em (3a) é repetida em (40):

- (40) Jean a acheté quoi ?  
 Jean tem comprado o quê ?  
 ‘O que Jean comprou?’

Para (40) foram apresentadas duas propostas de análise. A de Cheng e Rooryck (2003) é de que há um morfema-Q entonacional o qual checa o traço [+wh] em C° tipando esta sentença como interrogativa e tornando o movimento do sintagma-*wh* desnecessário. Somente de forma encoberta é que o sintagma se move para a checagem do traço de operador. Já a proposta de M,P&P(2002) é de que uma sentença como (40) em Francês apresenta um CP truncado, no qual o nível Force, responsável pela interpretação da sentença como uma pergunta, não é projetado. Na ausência de Force, um elemento-*wh* ocupando a posição FocusP é interpretado como um pedido de informação. Com esta hipótese eles explicam também a incompatibilidade de *wh in situ* com ISC em francês, a qual foi assumida para acontecer em Force.

A proposta de Cheng & Roorych (2003) de que há um traço-Q em francês que é checado por um morfema-Q e um traço de operador que é checado pelo movimento encoberto do elemento-*wh* poderia ser assumida para explicar casos de *wh in situ* do DT, tendo em vista que as interrogativas-*wh* recebem alçamento da entonação:

- (41) Mi fago cossa? ↑  
 Eu faço o quê?  
 ‘O que eu faço?’

O mesmo morfema-Q deveria, então, ser postulado também nas interrogativas sim/não, já que nestas também se verifica alçamento da entonação:

---

<sup>65</sup> As sentenças em (39) também lembram exemplos de *wh in situ* em português brasileiro, em que o sujeito aparece em posição pré-verbal:

- (i) O João tinha visto o quê? [Mioto (1994)]

Uma das soluções dada por Mioto (1994), em termos de Critério-*wh*, é que não há um núcleo marcado [+wh] em PB e *o quê*, não tendo se movido para Spec,CP, não é considerado um operador. Não havendo um núcleo [+wh], o *wh* pode ficar *in situ* e não há violação do Critério-*wh*. Se em LF o *wh* tem que se mover para Spec,CP para se tornar um operador, o Critério vai ser satisfeito por concordância dinâmica.

- (42) Te parti? ↑  
 cl-2<sup>a</sup>p.sg. partes  
 ‘Tu partes?’

Dada essa semelhança com o francês, vamos assumir que um morfema interrogativo também ocorre em interrogativas com *wh in situ*. Sobre ele, voltaremos a falar mais adiante quando discutirmos a porposta de M,P&P (2001).

Poderia o DT se tratado como um caso similar ao francês, dentro da proposta de M, P&P(2001)? Tal proposta explicaria os casos em que ISC não ocorre, uma vez que a estrutura truncada em (28) foi assumida para os casos, em francês, em que ISC não é compatível com *wh in situ*. Adotar, portanto, a hipótese de que uma interrogativa com *wh in situ* tem uma estrutura truncada, semelhante a de uma declarativa (a parte o *wh*), deixaria por explicar como ISC ocorre no DT.

Vamos agora olhar para os dados do DT tendo em vista a classificação proposta por Munaro e Poletto (2002). O DT não parece se enquadrar perfeitamente em nenhum dos dois tipos de dialetos identificados pelos autores. Embora se assemelhe aos do tipo 2, apresenta algumas propriedades que não fazem parte deste grupo: permite ISC como um processo opcional; e a estratégia de elemento-*wh* permanecer *in situ*, apesar de ser opcional, desencadeia, em alguns casos, um tipo especial de interpretação<sup>66</sup>. No entanto, a análise dos autores para os dialetos do tipo 2 pode nos ajudar a entender o comportamento do DT.

Vamos recapitular a questão sobre o verbo: nos dialetos do tipo 2, não há nenhum elemento na projeção CP (o verbo não se encontra em C° e o *wh* se encontra *in situ*) e a hipótese dos autores é de que a sintaxe destas interrogativas é idêntica a de uma declarativa:

- (43) [<sub>Spec</sub>C [C° Ø] [V...wh]]

Como são os traços em Spec,CP que impõem restrições sobre o tipo de elemento-*wh* que pode permanecer *in situ*, no caso em que não há traços (veja que em (43), V não está em C° e, portanto, não atribui nenhum traço específico a Spec,CP), não há restrições. Por isso, todo o tipo de elemento-*wh* pode ficar *in situ* nos dialetos deste grupo. Isso pode ser

<sup>66</sup> Lopes Rossi (1996) aponta uma diferença interpretativa nas interrogativas do português brasileiro com *wh in situ* e deslocado. Segundo ela, sentenças com *wh in situ* permitiriam uma leitura neutra, sem ênfase, portanto, de escopo restrito. Sentenças com *wh* deslocado, por sua vez, permitiriam duas interpretações: a de escopo restrito e outra enfática.

estendido ao DT, pois como vimos, os casos de ISC não envolvem movimento de V para C° e não há restrições sobre o tipo de elemento-*wh* que pode permanecer *in situ*. Assumir que no nível sintático uma estrutura interrogativa matriz com *wh in situ* é a mesma de uma declarativa implica assumir que a sentença é caracterizada como interrogativa em um nível sucessivo, em LF, onde o elemento-*wh* se move para a posição apropriada, SpecCP.

Embora as análises sugeridas acima possam prover alguma solução para o DT, observa-se que o comportamento deste dialeto é singular: somente parcialmente ele se identifica com os dialetos descritos por Munaro & Poletto (2002), uma vez que apresenta ISC como um processo opcional compatível com complementizador em interrogativas matrizes e encaixadas e tem relação com perguntas ‘especiais’. Também somente parcialmente se comporta como o francês, visto que combina ISC com *wh in situ*. Logo, uma análise precisa levar em conta esta série de particularidades.

A proposta de M,P& P (2001), apresentada para o *bellunese* pode ser uma via de análise para os dados do DT, ainda que com algumas alterações. Assumiremos primeiramente que as interrogativas com *wh in situ* sempre envolvem movimento do elemento-*wh* e do resto do IP para a periferia esquerda da sentença em SS. Assumiremos também que o nível CP de uma interrogativa é um grupo hierarquicamente ordenado de projeções funcionais como em (18), repetida em (44) :

$$(44) \quad [_{\text{ForceP}} \text{F}^\circ [_{\text{GroundP}} \text{G}^\circ [_{\text{NIP}} \text{NI}^\circ [_{\text{TopP}} \text{Top}^\circ [_{\text{IP}} \text{I}^\circ ]]]]]$$

NIP recebe em seu especificador o elemento-*wh* o qual checa o traço [+NI]; GroundP recebe em seu especificador o resto do IP, o qual checa o traço [+gr]. E TopP recebe os elementos que serão topicalizados. Como o DT não tem uma classe de sujeitos clíticos não-assertivos responsáveis por tipar as sentenças como interrogativas, os quais se movem para ForceP, vamos assumir que esta posição é ocupada por um morfema interrogativo *à la* Cheng & Rooryck (2003) em interrogativas com *wh in situ*.

Adotar (44) implica assumir que o elemento *wh* só aparentemente se encontra *in situ*, pois ele sempre se move para Spec, NIP. Implica assumir também que a interpretação se dá por implicatura: um Force contendo um morfema interrogativo nulo é interpretado como um pedido de informação. É importante ressaltar que (44) poderá projetar um nível TopP acima de GroundP. Tal projeção será ativada para alojar tópicos altos.

Adotando (44), vejamos o comportamento do DT quando o *wh* que se encontra *in situ* é o objeto.

#### 4.4.2.1 *Wh-Objeto*

Ao abordarmos uma sentença com *wh*-objeto, poderíamos pensar que, à primeira vista, a sentença em (45) teria ativado apenas o domínio IP. Entretanto, se partimos do pressuposto de que o elemento-*wh* tem que checar um traço [+NI], que o resto do IP tem um traço [+gr] e que estes traços devem ser checados antes de *spell out*, movimentos devem ocorrer para assegurar estas checagens, conforme mostram os passos da derivação (45’):

- (45) La Maria l’a magnà cossa ?  
 A Maria cl-3<sup>a</sup> p.sg.+tem comido o quê?  
 ‘A Maria comeu o quê?’

(45’) Input: [<sub>IP</sub> la Maria l’a magnà cossa]

a) Combine NI com IP e mova o *wh*

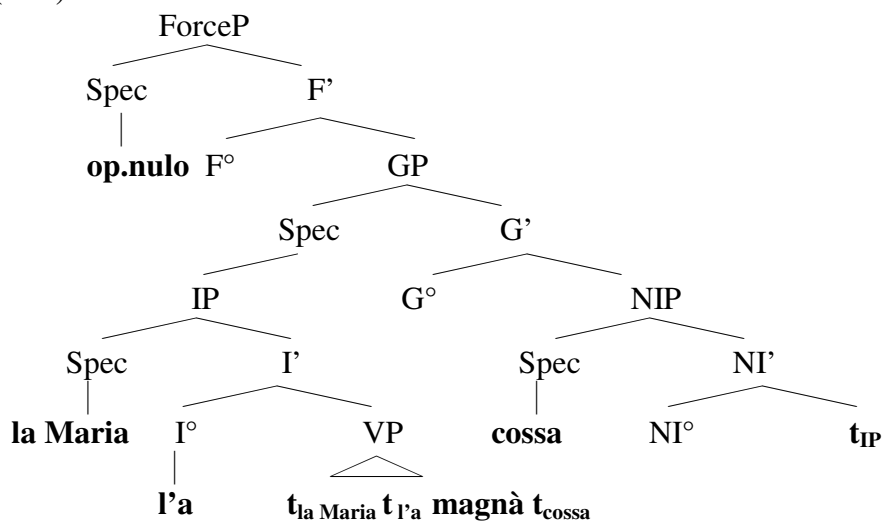
[<sub>NIP</sub> COSSA] [<sub>IP</sub> la Maria l’a magnà t<sub>COSSA</sub>]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[<sub>GP</sub> [<sub>IP</sub> la Maria l’a magnà t<sub>COSSA</sub>] [<sub>NIP</sub> COSSA [<sub>tIP</sub> ]]]

Vejamos o resultado desta derivação na árvore em (45’):

(45'')



Primeiramente ocorre o movimento do *wh cossa* para Spec,NIP para a checagem do traço [+NI], e a seguir ocorre o movimento do resto do IP para Spec,GP para a checagem do traço [+gr].

Com ISC, o sujeito *la Maria* não pode estar em Spec,IP (isso acontece porque o [V+encl] checa o EPP), devendo ser deslocado à esquerda, ou à direita. A sentença em (46), com deslocamento à direita é derivada com em (46'):

(46) Ala magnà cossa, la Maria ?  
 tem+cl-3<sup>a</sup> p.sg. comido o quê, a Maria  
 'Comeu o quê, a Maria?'

(46') Input: [IP pro ala magnà cossa]

a) Combine *la Maria* em Spec,TopP com IP

[<sub>TopP</sub> la Maria [<sub>IP</sub> pro ala magnà cossa]]

b) Combine NI com ToP e mova o *wh*

[<sub>NIP</sub> COSSA [<sub>TopP</sub> la Maria [pro ala magnà t<sub>cozza</sub>]]]

c) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[<sub>GP</sub> [<sub>IP</sub> pro ala magnà t<sub>cozza</sub> ] [<sub>NIP</sub> COSSA [<sub>TopP</sub> la Maria [ t<sub>IP</sub>]]]]

Se o deslocamento de *la Maria* acontece à esquerda (47), a derivação é como em (47')

- (47) La Maria, ala magnà cossa?  
 A Maria, tem+cl-3<sup>a</sup> p.sg. comido o quê?  
 'A Maria, ela comeu o quê?'

(47') Input: [IP pro ala magnà cossa]

a) Combine NI com IP e mova o *wh*

[NIP COSSA [pro ala magnà t<sub>COSSA</sub>]]

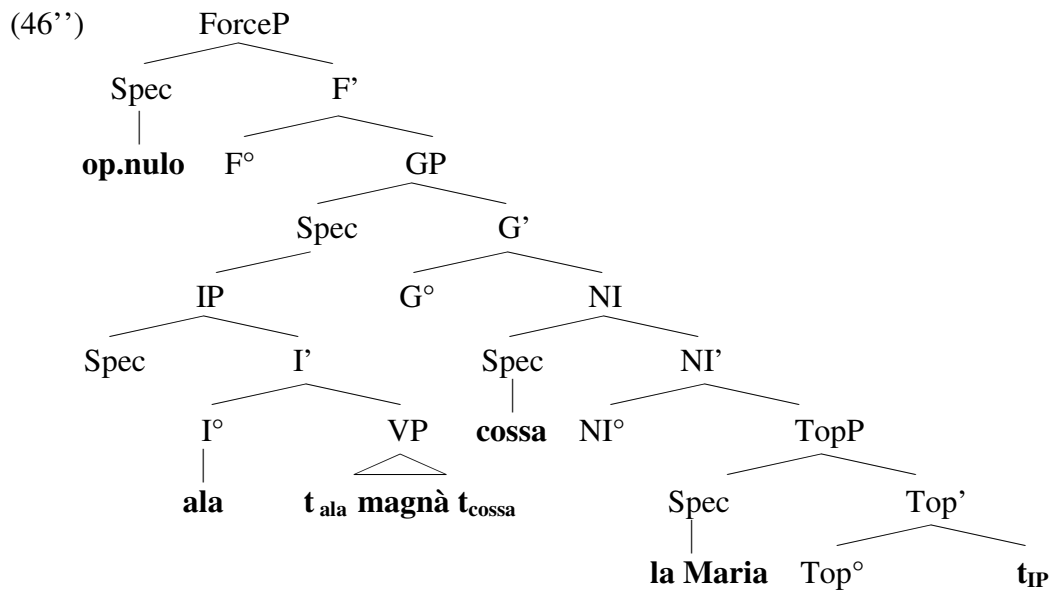
b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP pro ala magnà t<sub>COSSA</sub>] [NIP COSSA [t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine *la Maria* em Spec,TopP com GP

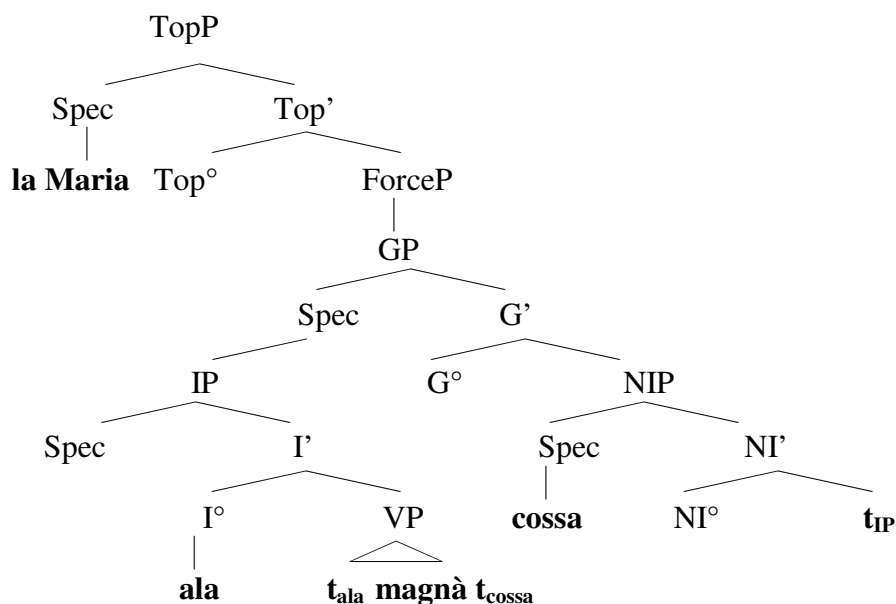
[TopP la Maria [GP [IP pro ala magnà t<sub>COSSA</sub>] [NIP COSSA [t<sub>IP</sub>]]]

As árvores em (46'') e (47'') espelham as derivações em (46') e (47') :





(47'')



(46'') envolve topicalização de *la Maria* antes do movimento do elemento-*wh* para Spec,NIP), enquanto em (47'') a topicalização só acontece depois das checagens dos traços [+NI] por *co*ssa e do traço [+gr] pelo resto do IP.

O sujeito pode, ainda, aparecer deslocado, sem que ISC aconteça, como em (48). A derivação desta sentença difere de (46') pelo fato de que aqui o sujeito *la Maria* pode estar em Spec,IP antes de ser deslocado para Spec,TopP. O *input* contém o sujeito em Spec,IP porque não há nenhuma ISC, a qual obriga a sua saída desta posição:

- (48) L'a                    magnà co

cl-3<sup>a</sup> p.sg.+tem comido o quê, a Maria ?

'Comeu o quê, a Maria?'

- (48') Input: [IP *la Maria* I'a magnà co

a) Combine Top com IP e mova *la Maria*

[TopP *la Maria* [IP t<sub>la Maria</sub> I'a magnà co

b) Combine NI com TopP e mova o *wh*

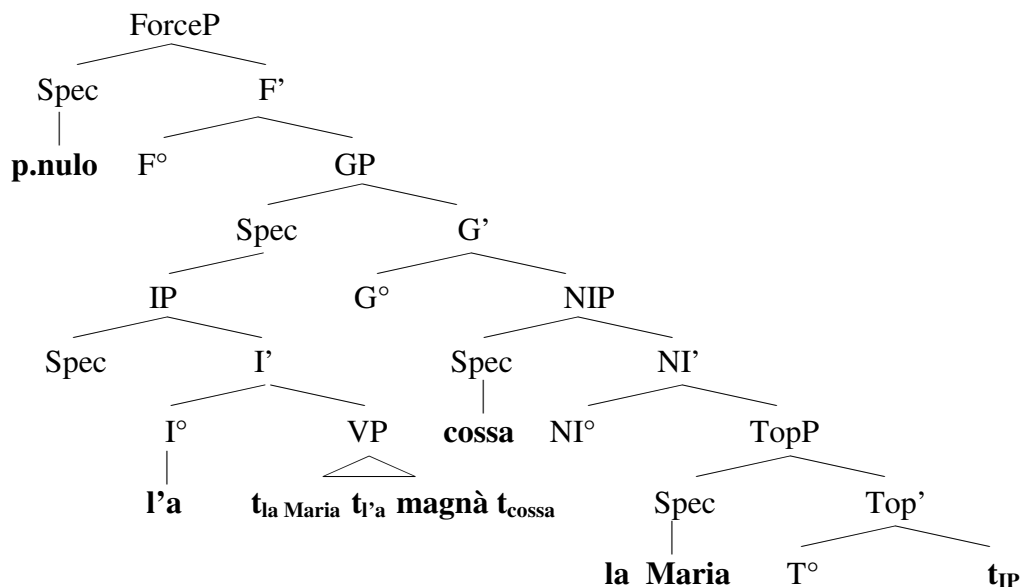
[NIP co

c) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP IP t<sub>la Maria</sub> I' a magnà t<sub>cozza</sub> ] [NIP COSSA [TopP la Maria [ t<sub>IP</sub>]]]]

A árvore em (48'') mostra a derivação acima:

(48'')



Se na sentença não há um proclítico retomando o sujeito *la Maria* (49), a derivação será diferente de (48) apenas pelo fato de que não haverá no *input* tal clítico; todos os demais passos serão idênticos a (48'), ou seja, *la Maria* será movida de IP para Spec,TopP, a seguir o elemento-*wh* se moverá para Spec, NIP para checar o traço [+NI] e, por último, o resto do IP se moverá para Spec,GP para realizar a checagem do traço [+gr]:

(49) A magnà cozza, la Maria ?  
 Tem comido o quê, a Maria  
 'Comeu o quê, a Maria?'

É importante ressaltar que a diferença entre as derivações em que ISC acontece (cf.(46)-(47)) e aquela em que ela não ocorre (cf.(45) e (48)) decorre do fato de que ISC provoca o movimento do verbo de TP para uma posição em AgrS (HearerP) e com isso checa EPP e

repele o sujeito da posição Spec, IP. No caso em que não há ISC ou nenhum clítico está presente, o sujeito pode ocupar Spec,IP e se mover desta posição para Spec,TopP (no caso de estar topicalizado na sentença).

Passemos para as derivações em que o elemento-*wh* interrogado é o sujeito.

#### 4.4.2.2 *Wh*-sujeito

Considerar a derivação de uma sentença com *wh*-sujeito em separado é interessante porque a posição *in situ* do sujeito deve ser a posição pós-verbal. Quando o *wh*-sujeito aparece antes do verbo, para que a derivação funcione, deve ser assumido que ele se encontra em Spec de ForceP, como veremos no capítulo sobre *wh* deslocado. Se a sentença contém o verbo *esser* (*ser*), ela pode exibir um clítico neutro quando o Spec do IP não está ocupado por um sujeito. Começemos a derivação de sentenças com *wh*-sujeito considerando (50) e (51), que contém um verbo inacusativo e o auxiliar *esser* (*ser*):

(50) È vegnù chi stasera?  
É vindo quem esta noite  
'Veio quem esta noite?'

(51) È vegnù stasera chi ?  
É vindo esta noite quem  
'Veio quem esta noite?'

Estas sentenças não contêm sujeitos clíticos e são derivadas como em (50')-(51'):

(50') Input: [IP è vegnù chi stasera]<sup>67</sup>

a) Combine Top com IP e mova *stasera*

[TopP stasera [IP è vegnù chi t<sub>stasera</sub>]]

b) Combine NI com TopP e mova o *wh*

[NIP chi [TopP stasera [IP è vegnù t<sub>chi</sub> t<sub>stasera</sub>]]]

<sup>67</sup> Note que o *input* desta sentença e de (51') pode ser também [IP chi è vegnù stasera], com o sujeito *chi* pré-verbal. Esta possibilidade não altera em nada a derivação, embora não seja condizente com um clítico neutro.

c) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[<sub>GP</sub> [<sub>IP</sub> è vegnù t<sub>chi</sub> t<sub>stasera</sub>] [<sub>NIP</sub> chi [<sub>TopP</sub> stasera [<sub>t<sub>IP</sub></sub> ]]]]

(51') Input: [<sub>IP</sub> è vegnù chi stasera]

a) Combine NIP com IP e mova o *wh*

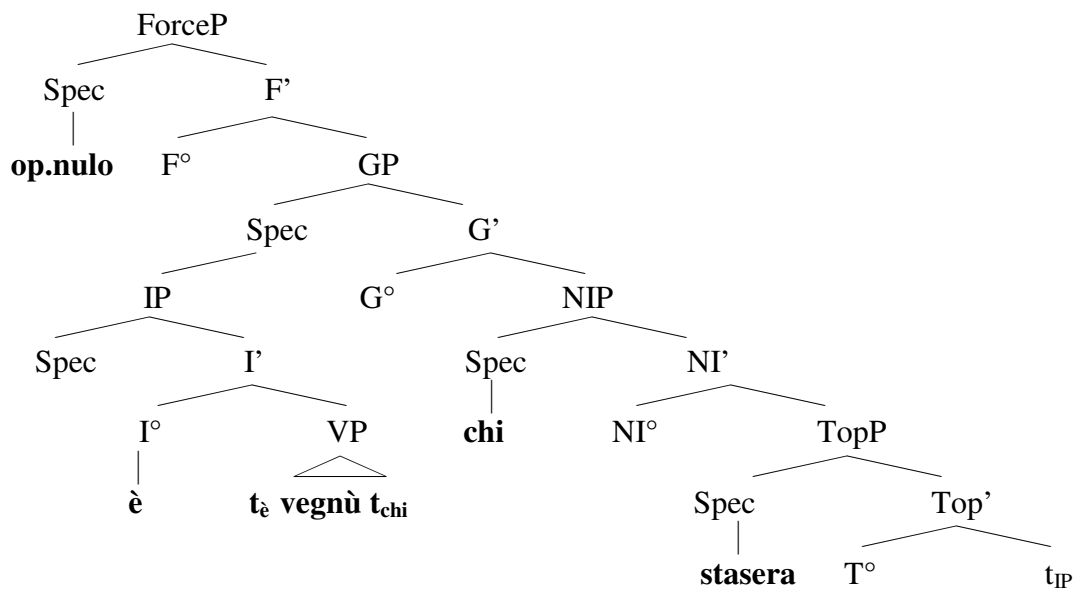
[<sub>NIP</sub> chi [<sub>IP</sub> è vegnù t<sub>chi</sub> stasera]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

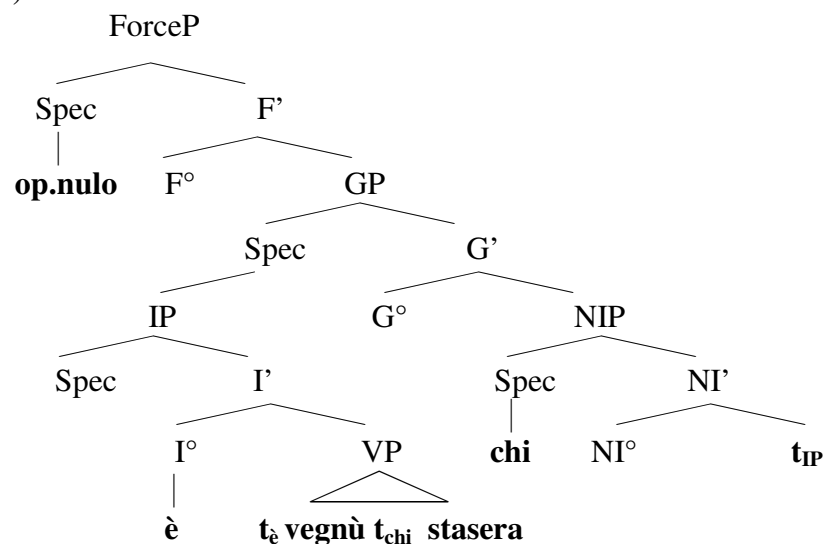
[<sub>GP</sub> [<sub>IP</sub> è vegnù t<sub>chi</sub> stasera] [<sub>NIP</sub> chi [<sub>t<sub>IP</sub></sub> ]]]]

Em (50'), *stasera* é topicalizado antes dos movimentos do *wh* e do resto do IP; em (51'), *stasera* está contido no IP movido para Spec,GP. O resultado destas derivações pode ser visto nas árvores em (50'') e em (51'') :

(50'')



(51'')



Se um sujeito clítico comparece, enclítico ou proclítico, como em (52), a derivação das sentenças não difere das de (50) e (51). O que há de diferente é o clítico nos *inputs*:

- (52) a. Èl /l'è vegnù chi stasera ?  
 É+cl /cl+é vindo quem esta noite  
 'Veio quem esta noite?'
- b. Èl /l'è vegnù stasera chi?  
 É+cl /cl+é vindo esta noite quem  
 'Veio esta noite quem?'

(52a')/(52b') Input: [<sub>IP</sub> èl / l'è vegnù chi stasera]

O comportamento do *wh*-sujeito em uma sentença com um verbo intransitivo é diferente do que se observa em uma sentença com um verbo inacusativo. Com intransitivos pode ocorrer somente o clítico variável, mas não o neutro, conforme mostra (53):

- (53) (L')a telefonà chi ?  
 cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem telefonado quem  
 'Telefonou quem ?'

O uso do clítico variável, entretanto, não é obrigatório. A derivação desta sentença envolverá dois passos: movimento do *wh* para NIP e movimento do resto do IP para GroundP.

Com verbos transitivos, o clítico neutro também não poderá ocorrer, somente o variável, conforme ilustra a sentença em (54):

- (54) (L')a                    magnà      la polenta chi ?  
 cl-3ªp.sg.+tem      comido    a polenta    quem  
 'Comeu a polenta quem ?'

O uso do clítico variável também não é obrigatório, e a derivação é como em (54a') :

(54a') Input: [IP chi l'a magnà la polenta ]

a) Combine NI com IP e mova o *wh*

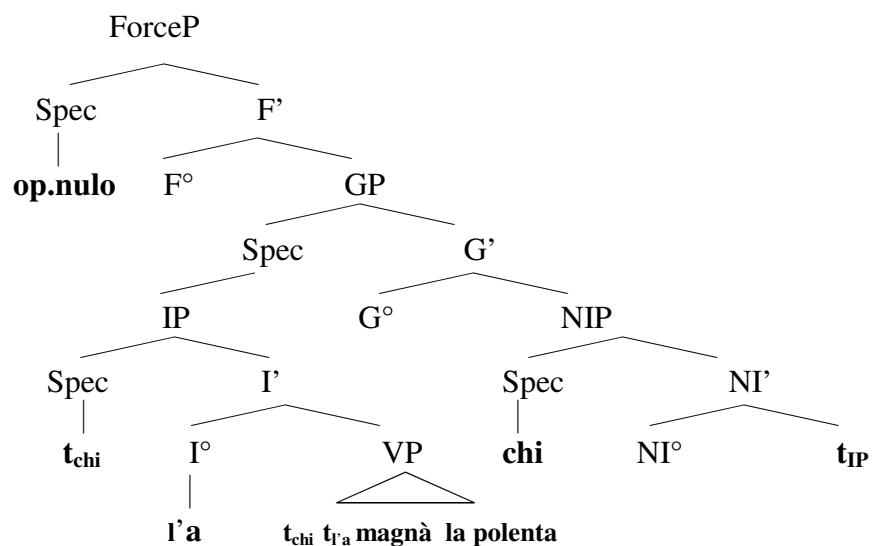
[NIP chi [IP t<sub>chi</sub> l'a magnà la polenta ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP t<sub>chi</sub> l'a magnà la polenta ] [NIP chi [t<sub>IP</sub>]]]

A árvore em (54a''), na qual o objeto *la polenta* está contido no IP, é a seguinte:

(54a'')



É interessante ressaltar que com o objeto deslocado, à esquerda ou à direita, a presença do clítico torna a sentença ambígua:

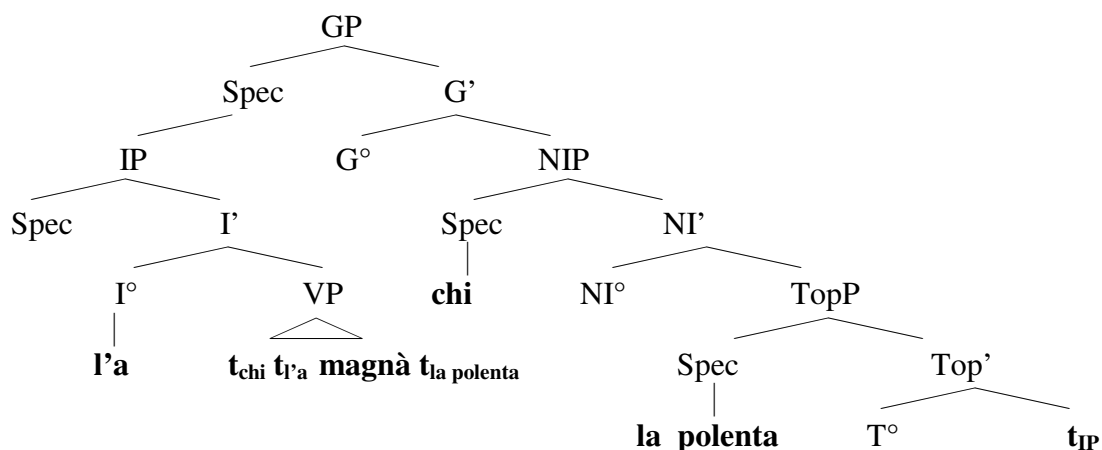
- (55) a. La polenta, l'a magnà chi ?  
 A polenta tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg./cl-obj. comido quem  
 'Comeu quem, a polenta ?'
- b. L'a magnà chi, la polenta ?  
 Tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg./cl-obj. comido quem, a polenta  
 'Comeu quem, a polenta ?'

Note que *l'* pode ser tanto o sujeito clítico variável quanto o clítico objeto. Se o objeto *la polenta* aparece deslocado, a derivação acontecerá como em (55b')

- (55b') Input: [IP chi l'a magnà la polenta ]
- a) Combine TopP com IP e mova *la polenta*  
 [TopP la polenta [IP chi l'a magnà t<sub>la polenta</sub> ]]
- b) Combine NI com TopP e mova o *wh*  
 [NIP chi [TopP la polenta [IP t<sub>chi</sub> l'a magnà t<sub>la polenta</sub> ]]
- c) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP  
 [GP [IP t<sub>chi</sub> l'a magnà t<sub>la polenta</sub> ] [NIP chi [TopP la polenta [t<sub>IP</sub> ]]]]

Em árvore, (55b') é assim representada:

(55b'')



Esta derivação envolve topicalização do objeto *la polenta*, movimento do *wh* para Spec,NIP e movimento do resto do IP para Spec,GP.

No caso de o clítico ser o objeto, temos as construções reconhecidas na literatura como CLLD (Cinque (1990)) ou CLRD (Cardinaletti (1988)). No caso de ser o sujeito, a construção em foco é aquela reconhecida como *emarginazione* do objeto (Antinucci & Cinque (1977)). Desta forma, o movimento do objeto para TopP vai igualar as construções CLLD/CLRD e *emarginazione*, e a presença ou ausência do clítico objeto vai determinar qual é a construção que está em jogo.

*Wh*-adjuntos se comportam de modo semelhante aos *wh*-objetos e, por esse motivo, não serão tratados em uma sub-seção. Para ilustrar um fato interessante em uma sentença com um verbo sem papel temático para atribuir, segue um exemplo contendo o *wh quande*:

- (56) Al piovest quande?  
 Tem+cl chovido quando  
 'Choveu quando?'

Observe que se a sentença não tem um sujeito temático, como em (56), e o clítico comparece, este só pode ser o clítico neutro. A derivação desta sentença combina movimento do *wh* para o Spec de NIP e movimento do resto do IP para o Spec de GroundP.

Por fim, nos cabe algum comentário sobre as perguntas especiais do tipo ilustrado em (32) e (33). A hipótese nula é de que elas são derivadas como as perguntas verdadeiras e que o contexto se encarrega de caracterizá-las como um tipo de interrogativa que não requer uma informação.



### 4.4.3 *Para fechar*

Nesta seção procuramos analisar sentenças interrogativas com *wh in situ* com base na proposta de M,P,&P (2001). Dado que no DT, diferentemente do que ocorre em *bellunese*, ISC não é obrigatória em sentenças com *wh in situ* e não acontece para tipar a sentença como sendo de um determinado tipo, e nem mesmo implica movimento para o nível CP, adotamos a estrutura em (57), pressupondo que o nível Force é preenchido por um morfema interrogativo nulo.:

$$(57) \quad [_{\text{ForceP}} F^{\circ} [_{\text{GroundP}} G^{\circ} [_{\text{NIP}} \text{NI}^{\circ} [_{\text{TopP}} \text{Top}^{\circ} [_{\text{IP}} \text{I}^{\circ} ]]]]]$$

Assumimos que acima do nível ForceP poderá ser ativado um nível TopP sempre que a sentença tiver algum tópico alto. Assumimos também que somente aparentemente o *wh* se encontra *in situ*, pois é sempre movido para Spec, NIP para checar o traço [+NIP], seja ele nu ou complexo.

Ao realizarmos as derivações, constatamos que, quando ISC ocorre, a posição Spec,IP não pode ser preenchida por um DP lexical: se houver um sujeito na sentença, ele deve estar deslocado à direita, ou à esquerda. Isso porque [V+encl] checam EPP e repelem o sujeito de Spec,IP.

Mostramos que objetos podem ser topicalizados à direita (CLRD/*emarginazione*), ou à esquerda (CLLD/*emarginazione*). Nestas posições, eles podem ser retomados por um clítico objeto. Todavia, objetos em posição A (dentro do IP) são incompatíveis com clíticos objeto. Quanto aos sujeitos, vimos que também eles podem ser topicalizados e, nesta posição, são compatíveis com sujeitos enclíticos e proclíticos. Contudo, proclíticos são compatíveis com sujeito em posição A (Spec,IP ou dentro do VP); já os enclíticos são incompatíveis com sujeito em posição A (Spec,IP).

## 5. Interrogativas-*wh* deslocado

### 5.1 Para começar

Neste capítulo analisaremos construções interrogativas em que o elemento-*wh* aparece deslocado, dentre as quais aquelas em que ele é seguido por *che* e *è che*. Começaremos apresentando um quadro geral da ocorrência destas construções; em seguida, apresentaremos a proposta que servirá de base para a análise que vamos desenvolver. E, por último, realizaremos a análise nos mesmos termos em que a desenvolvemos para as construções com *wh in situ*.

### 5.2 Construções com *wh* deslocado

No DT, elementos-*wh* podem permanecer *in situ*, como mostramos no capítulo anterior, ou se deslocar para a periferia esquerda em interrogativas matrizes, como ilustram as sentenças em (1):

- (1) a. Cossa la Maria l'a comprà ?  
 O que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ tem comprado?  
 'O que a Maria comprou?'
- b. Quando i a batù la porta i mateloti ?  
 Quando cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem batido a porta as crianças  
 'Quando bateram a porta as crianças?'
- c. Quanti libri te ai comprà ?  
 Quantos livros cl-2<sup>a</sup>p.sg. tens comprado  
 'Quantos livros tu compraste?'

- d. Com' èl                      sussedest questo ?  
 Como é+cl-3<sup>a</sup> p.sg. acontecido isto  
 'Como aconteceu isto?'
- e. Quando (l') è      vegnù i matelòti ?  
 Quando cl+è      vindo as crianças  
 'Quando vieram as crianças ?'

Em (1a), *cossa* encontra-se deslocado; em (1b) e em (1e), *quando*; em (1c), *quanti libri*; e, em (1d), *come*. Não há restrições quanto à função sintática do elemento-*wh* que pode se deslocar, seja ele adjunto ou argumento, nem quanto ao tipo, seja ele *wh* nu ou complexo.

É importante notar que estas sentenças podem exibir a ordem [*wh* S (cl) V], como em (1a). Tal ordem mostra que o verbo não é obrigado a subir para o nível CP em interrogativas-*wh* matrizes. Este comportamento é o oposto do italiano *standard*, língua em que o sujeito não pode interferir entre o elemento-*wh* e o verbo finito. Se a explicação para a ordem VS do italiano *standard* é construída em termos do Critério-*wh*, o I<sup>o</sup> carrega o traço [+*wh*] e o verbo se alça obrigatoriamente para o nível CP para entrar em relação de concordância com o elemento-*wh*; conseqüentemente teremos a ordem [*wh* V S]. A ordem [*wh* (cl)V S] é possível, e altamente favorecida, no DT em sentenças com verbos inacusativos como em (1d) e (1e). Em (1d), entretanto, o sujeito *questo* deve estar em posição pós-verbal por conta de nossa assunção a respeito da ISC, a qual o impossibilita de ocupar a posição Spec,IP. Já em (1e), o sujeito *i matelòti* estando em posição pós-verbal permite a ocorrência do clítico neutro. Se ele ocupar Spec, IP nem o clítico neutro e nem a ISC poderiam ocorrer. Embora estas características diferenciem o DT do italiano, a sentença em (1b) mostra a ordem [*wh* (cl) V O S], em que o sujeito segue o objeto, como acontece em italiano *standard*.

### 5.3 Construções com 'wh che'

Se observarmos os padrões sintáticos de interrogativas-*wh* em italiano *standard*, veremos que construções com 'wh+che' são restritas ao uso coloquial. Entretanto, em

dialetos italianos é comum *che* seguir um elemento-*wh*. Conforme Poletto&Vanelli (1993), em interrogativas indiretas, as formas *'ndo che* e *chi che* aparecem com regularidade; já em interrogativas diretas, o fenômeno se manifesta com maior frequência com o elemento-*wh chi*.

No DT, a construção *che* seguindo o elemento-*wh* é comumente encontrada, quer o elemento-*wh* seja complexo ou nu. Abaixo seguem algumas ilustrações destas ocorrências em interrogativas matrizes<sup>68</sup>:

- (2) 'Ndo che i va?  
Onde que cl-3<sup>a</sup>p.pl. vão  
'Onde que eles vão?'
- (3) a. Perché che l'Angela è nada via ?  
Por que che a Angela é ida embora  
'Por que a Angela foi embora?'
- b. Percossa che te lesi i gibi ?  
Porque que cl-2<sup>a</sup>p.sg. lês os gibis?  
'Por que que tu lês os gibis?'
- (4) a. Che bugia che ala contà, la Maria ?  
Que mentira que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. contado, la Maria  
'Que mentira que contou, a Maria ?'
- b. La Maria, che bugia che ala contà ?  
A Maria, que mentira que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. contado  
'A Maria, que mentira que ela contou ?'

---

<sup>68</sup> A sequência *wh che* também é encontrada em interrogativas-*wh* encaixadas, como pode ser visto abaixo:

- (i) a. Dime cosa che magna la Maria.  
Diga-me o que que come a Maria  
'Me diga o que que a Maria come'
- b. I m'a domandà 'ndo che la Maria l'era nada  
cl-3<sup>a</sup>p.pl. me+tem perguntado onde que la Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+era ida  
'Eles me perguntaram onde que Maria tinha ido''

A inserção de *che*, entretanto, não é obrigatória, como mostra (ii):

- (ii) Dime cosa magna la Maria.  
Diga-me o que come a Maria  
'Me diga o que a Maria come'

c. \**Che bugia che la Maria ala contà?*  
 Que mentira que a Maria tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. contado

(5) a. *Quande che l'è partì i to cosini?*  
 Quando que cl+são partido os teus primos  
 'Quando que partiram os teus primos?'

b. *Quande che i to cosini i è partì?*  
 Quando que os teus primos cl-3<sup>a</sup>p.pl. são partidos  
 'Quando che os teus primos partiram?'

c.\**Quande che i to cosini l'è partì?*  
 Quando che os teus primos cl+são partido

A sentença em (2) mostra a ocorrência de *che* junto ao *wh* nu 'ndo. Esta sentença não apresenta nenhum sujeito lexical e exibe a ordem [*wh che* (cl) V]. As sentenças em (3) mostram a existência de duas formas distintas para o mesmo *wh*: em (3a), vemos a forma *perché* e, em (3b), *percossa*. Ambas são compatíveis com *che*, embora a primeira seja a mais usada pela maioria dos informantes. (3a) contém um sujeito nominal *l'Angela* em posição pré-verbal, exibindo a ordem [*wh che* S V], enquanto (3b) apresenta um proclítico, exibindo a ordem [*wh che* cl V]. Estas sentenças também mostram que o verbo não vai para Comp, porque esta posição já está preenchida por *che*. As sentenças em (4) ilustram a ocorrência de *che* com o *wh* complexo [*che bugia*]. Nestas sentenças, ocorre ISC e o sujeito *la Maria* aparece deslocado, à direita em (4a) e à esquerda em (4b). Ocorrendo ISC, *la Maria* não pode estar em Spec,IP como mostra a agramaticalidade da sentença em (4c). Em (5), *che* segue o *wh quande*: (5a) contém o clítico neutro e um sujeito plural *i to cosini* em posição pós-verbal; (5b) contém o clítico variável da 3<sup>a</sup>p.pl. concordando em traços com o sujeito pós-verbal *i to cosini*; (5c) mostra a impossibilidade de ocorrência do clítico neutro com o sujeito *i to cosini* em posição pré-verbal.

### 5.4 Construções com ‘*wh* è *che*’

Construções em que o *wh* aparece seguido por *è che* também são atestadas no DT <sup>69</sup>. A distribuição desta sequência è idêntica àquela em que o elemento-*wh* aparece seguido somente por *che*, como vemos nos exemplos (6)–(8):

- (6) a. Percoss’è che t’ai pianzù?  
 Por que é que cl-2<sup>a</sup>p.sg.+tens chorado  
 ‘Por que é que tu choraste?’
- b. ?Perché è che la Maria l’a pianzù ?  
 Por que é que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem chorado  
 ‘Por que é que a Maria chorou?’
- (7) a. ‘Nd’è che l’è nassest el Giusepe?  
 Onde é que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+é nascido o José  
 ‘Onde é que o José nasceu ?’
- b. Coss’è che el Giusepe l’a dit ?  
 O que é que o José cl-3<sup>a</sup>p.sg. tem dito  
 ‘O que é que o José disse?’
- (8) a. Chi è che l’è/èl vegnù?  
 Quem è que cl+é/é+cl è vindo  
 ‘Quem é que veio?’
- b. Chi èl che l’è rivà?  
 Quem è+cl que cl-3<sup>a</sup>p.sg. chegado  
 ‘Quem é que chegou?’

---

<sup>69</sup> Sentenças com *wh* seguido por *è che* são restritas ao uso coloquial em italiano *standard*. Entretanto, são freqüentemente encontradas em dialetos italianos, como é o caso do *padovano*. Nesse dialeto, é comum, quando interrogado o sujeito, o uso de estruturas clivadas, conforme os exemplos de Benincà (1994):

- (1) a. Chi ze che ga magnà el pan ?  
 Quem é que tem comido o pão?  
 ‘Quem é que comeu o pão?’
- b. Cosa ze che ga rovinà el muro?  
 O que é que tem estragado o muro  
 ‘O que è que estragou o muro?’

- c. Chi l'è che è rivà?  
 Quem cl+é que é chegado  
 'Quem é que chegou ?'

(6) ilustra a preferência dos informantes em utilizar a seqüência *è che* com *percozza*, embora para alguns ela também possa ocorrer com *perché*. A sentença em (6b) mostra o sujeito *la Maria* em posição pré-verbal, enquanto (6a) mostra apenas um sujeito proclítico. As sentenças em (7) exibem duas ordens distintas: [(cl) V S] em (a) e [S (cl)V] em (b). (7a) contém um verbo inacusativo e (7b), um verbo transitivo. Nas sentenças em (7), não há ISC e o sujeito *el Giusepe* encontra-se em posição pós-verbal em (a), e pré-verbal em (b). Quanto às sentenças em (8), vale ressaltar que uma das estratégias usadas pelos informantes quando o sujeito é interrogado é a aplicação da ISC neutro, a qual pode ocorrer junto a cópula da seqüência *è che* (8b) e (8c), ou junto ao auxiliar *esser* da encaixada (8a). A sentença em (8a) mostra, ainda, uma ambigüidade: o clítico que comparece junto ao auxiliar *esser* tanto pode ser o neutro quanto o variável. A sentença em (8b), além do clítico neutro junto à cópula, tem um sujeito clítico variável junto ao verbo *esser* da encaixada.

### 5.5 Análise do *wh* deslocado no DT

Diferentemente do modo como procedemos nos capítulos 3 e 4, ou seja, apresentando antes da análise propostas teóricas, neste capítulo partiremos para a análise, reassumindo a proposta de M,P&P (2001) para derivar as sentenças. Adotaremos a estrutura em (27-capítulo 4 ) repetida em (9):

- (9) [<sub>ForceP</sub> F° [<sub>GroundP</sub> G° [<sub>NIP</sub> NI° [<sub>TopP</sub> Top° [<sub>IP</sub> I° ]]]]]

ForceP, em interrogativas com *wh* deslocado, recebe em seu especificador o elemento-*wh*, GroundP recebe o resto do IP e NIP é o nível por onde passa o *wh* no seu trajeto para Spec,ForceP. TopP vai hospedar elementos topicalizados. Em interrogativas com *wh* deslocado, o *wh*, além de checar o traço [+NI], vai checar o traço [+force] e, por isso, ele

tem que se mover para Spec, ForceP. O traço [+gr] do núcleo GroundP vai ser checado pelo resto do IP. Vejamos as derivações quando o *wh* deslocado não é o sujeito.

### 5.5.1 *Wh não-sujeito*

Como veremos, os passos derivacionais em interrogativas com *wh* objetos/adjuntos deslocado são idênticos àqueles realizados pelos *wh* objetos/adjuntos em interrogativas com *wh in situ*. A diferença fica por conta do passo obrigatório que o *wh* deve realizar nas últimas, ou seja, a checagem do traço [+force] em Spec,ForceP. Vamos aos exemplos:

- (10) Cossa la Maria l'a comprà ?  
 O que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comprado  
 'O que a Maria comprou?'

- (10') Input: [IP la Maria l'a comprà cossa]

a) Combine NI com IP e mova *wh*

[NIP COSSA [IP la Maria l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

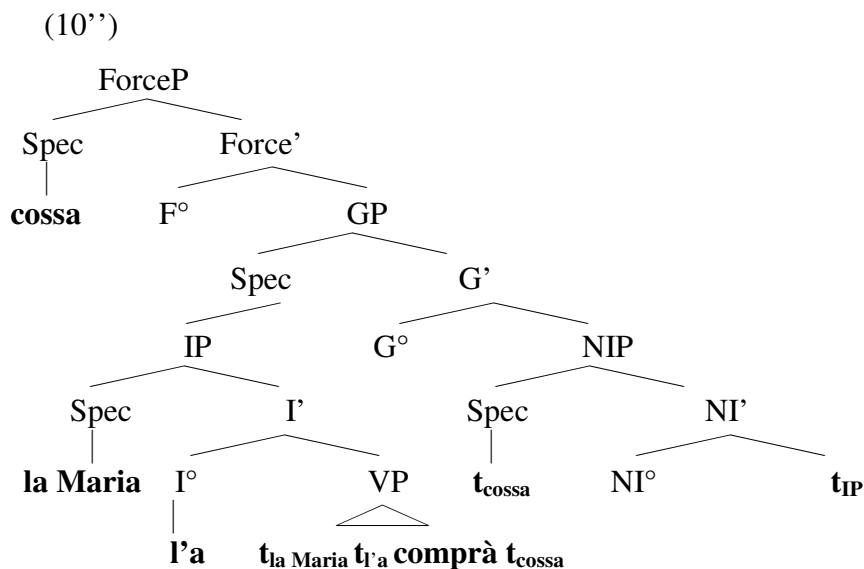
[GP [IP la Maria l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ] [NIP COSSA [t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine Force com GP e mova o *wh*

[ForceP COSSA [GP [IP la Maria l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ] [NIP t<sub>COSSA</sub> [t<sub>IP</sub>]]]]

Se compararmos (10') com ((45')-capítulo 4), veremos que os passos (a) e (b) são os mesmos nas duas derivações; o que as diferencia é o passo (c), executado em (10'), mas não em (45'). A árvore abaixo mostra os de passos de (10'):

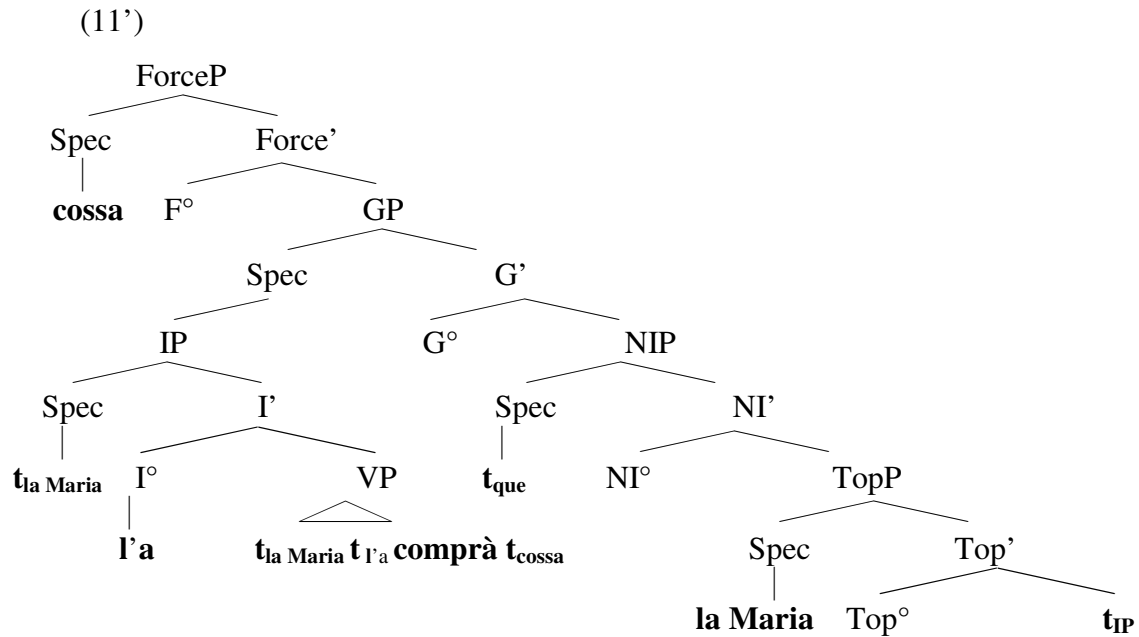




Nesta, *cossa* é movido de IP para Spec,ForceP passando pelo especificador de NIP, enquanto em (45'), *cossa* se move somente para Spec,NIP.

Se o sujeito *la Maria* aparece deslocado à direita (11) e nenhuma ISC ocorre, a combinação de passos será: movimento de *la Maria* de Spec,IP para Spec,TopP, movimento do *wh* para Spec, NIP, e do resto do IP para Spec,GP; como *cossa* tem que checar o traço [+force], vai se mover de Spec,NIP para Spec,ForceP, conforme ilustra a árvore em (11'):

- (11) Cossa l'a comprà, la Maria ?  
 O que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comprado, a Maria  
 'O que ela comprou, a Maria?'



Caso *la Maria* apareça deslocado à esquerda (12), a derivação será como em (12'):

- (12) La Maria, cossa l'a comprà?  
 A Maria, o que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comprado?  
 'A Maria, o que ela comprou?'

Input: [IP pro l'a comprà cossa ]

- (12') a) Combine NI com IP e mova e mova o *wh*

[NIP COSSA [IP pro l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ]]

- b) Combine Ground e mova o resto do IP

[GP [IP pro l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ] [NIP COSSA [t<sub>IP</sub>]]]

- c) Combine Force com GP e mova o *wh*

[ForceP COSSA [GP [IP pro l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ] [NIP t<sub>COSSA</sub> [t<sub>IP</sub>]]]]

- d) Combine *la Maria* em Spec,TopP com ForceP

[TopP la Maria [ForceP COSSA [GP [IP l'a comprà t<sub>COSSA</sub> ] [NIP t<sub>COSSA</sub> ] [t<sub>IP</sub>]]]]]

A combinação de passos em (12), em que o sujeito se encontra deslocado à esquerda, difere de (11), em que o sujeito se encontra deslocado à direita. Em (12), *la Maria* é combinado no último passo da derivação em um TopP mais alto, enquanto em (11), ele é movido de Spec,IP para o especificador de um TopP mais baixo.

Se ISC acontece (13), o sujeito não pode ocupar a posição de Spec,IP e a derivação acontece como em (13’):

- (13) La Maria, cossa ala magnà?  
A Maria, o que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg. comido  
‘A Maria, o que ela comeu?’

(13’) Input: [IP *pro* ala comprà cossa]

a) Combine NI com IP e mova o *wh*

[NIP cossa [IP *pro* ala comprà t<sub>cossa</sub>]]

b) Combine Ground e mova o resto do IP

[GP [IP *pro* ala comprà t<sub>cossa</sub>] [NIP cossa [t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine Force com GP e mova o *wh*

[ForceP cossa [GP [IP *pro* ala comprà t<sub>cossa</sub>] [NIP t<sub>cossa</sub> [t<sub>IP</sub>]]]]

d) Combine *la Maria* em Spec,TopicP com ForceP

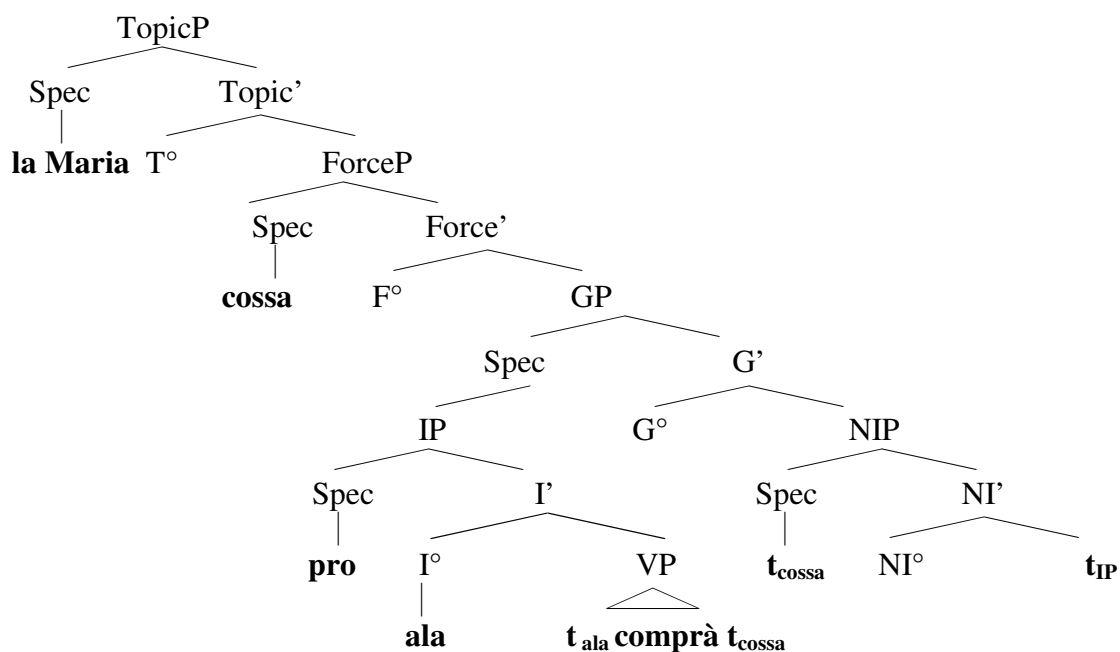
[TopP *la Maria* [ForceP cossa [GP [IP *pro* ala comprà t<sub>cossa</sub>] [NIP t<sub>cossa</sub>] [t<sub>IP</sub>]]]]]

Em (13’) é necessário postular o passo (d), pois se combinássemos TopP com ForceP e postulássemos o movimento de *la Maria* para esta posição, não teríamos como dar conta do fato de que este tópico pode ser retomado por um pronome em uma ilha relativa do tipo (i):

- (i) La Maria, chi cognosse el matelòt che l’a dat un fior a ela?  
A Maria, quem conhece o menino que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem dado umna flor para ela?  
‘A Maria, quem conhece o menino que deu uma flor para ela?’

A derivação com ISC e sujeito deslocado à esquerda é mostrada em (13''):

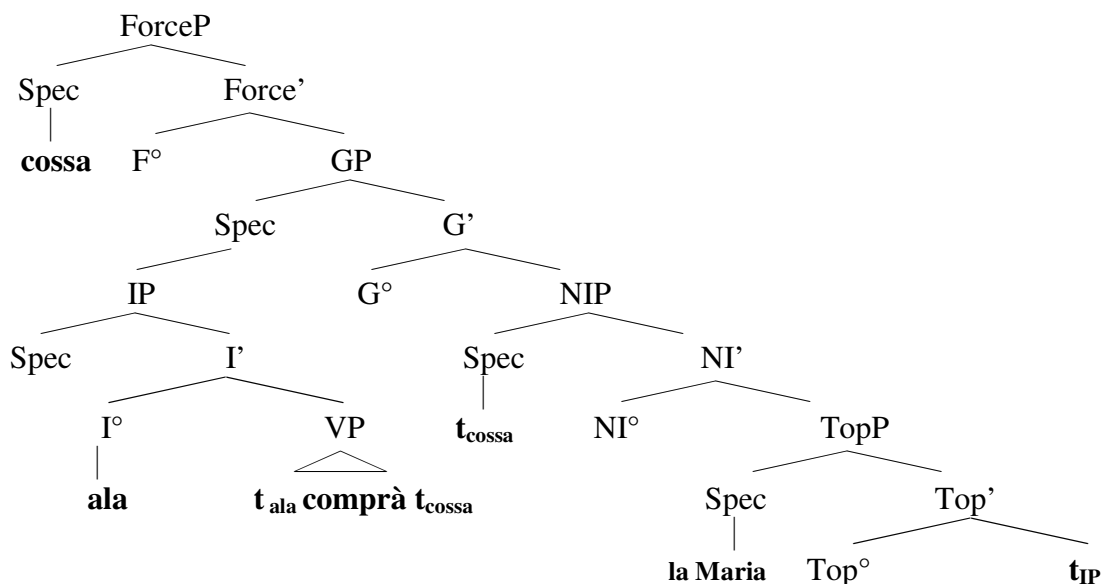
(13'')



Com ISC, o sujeito *la Maria* também pode estar deslocado à direita (14). O primeiro passo da derivação será combinar *la Maria* em Spec,TopP; a seguir mover o *wh* de Spec,IP para Spec,NIP e, depois de mover o resto do IP para o nível GroundP, mover o *wh* para Spec,ForceP. Estes passos estão na árvore em (14'):

- (14) Cossa ala comprà, la Maria?  
 O que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem comprado, a Maria  
 'O que comprou, a Maria?'

(14')



Novamente aqui vale uma comparação com (46'-seção 4.4.2.1), sentença com as mesmas propriedades (ou seja, ISC e sujeito deslocado à direita), exceto por conter um *wh in situ*. Em ambas, *la Maria* não pode estar em Spec,IP por conta da ISC, e è combinada no nível TopP.

### 5.5.2 *Wh*-sujeito

Aparentemente *chi* em (15) parece estar *in situ*, em sua posição Spec,IP:

- (15) Chi l'è rivà?  
 Quem cl+é chegado  
 'Quem chegou?'

O fato de não ocorrer ISC nesta sentença indicaria que *chi* poderia estar no IP. Entretanto, há passos que têm que ser realizados na derivação: o *wh* tem que se mover para Spec,NIP para checar o traço desta categoria e para ForceP para checar [+force], se não se recorre à estratégia de inserir um morfema interrogativo à *la* Cheng & Roorick (2003). A derivação é como em (15'')

(15'') Input: [IP l'è rivà chi]<sup>70</sup>

a) Combine NI com IP e mova o *wh*

[NIP chi [IP t<sub>chi</sub> l'è rivà ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP t<sub>chi</sub> l'è rivà ] [NIP chi [ t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine Force com GP e mova o *wh*

[ForceP chi [GP [IP t<sub>chi</sub> l'è rivà ] [NIP t<sub>chi</sub> [ t<sub>IP</sub>]]]]

Como o passo (c) indica, *chi* não se encontra em Spec,IP, mas em Spec,ForceP, para onde foi movido depois de passar pelo especificador de NIP. O fato de que *chi* deve estar movido é também deduzido do fato de que ele é compatível com ISC, conforme a sentença abaixo:

(16) Chi èl rivà?  
Quem é+cl chegado  
'Quem chegou ?'

(16') Input: [IP èl rivà chi ]

a) Combine NI com IP e mova o *wh*

[NIP chi [IP èl rivà t<sub>chi</sub> ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP èl rivà t<sub>chi</sub>] [NIP chi [ t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine Force com GP e mova o *wh*

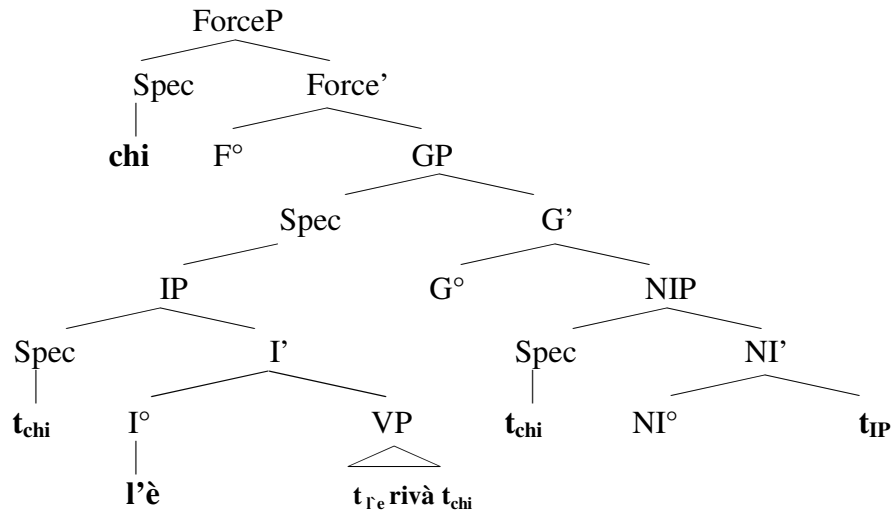
[ForceP chi [GP [IP èl rivà t<sub>chi</sub>] [NIP t<sub>chi</sub> [ t<sub>IP</sub>]]]]

---

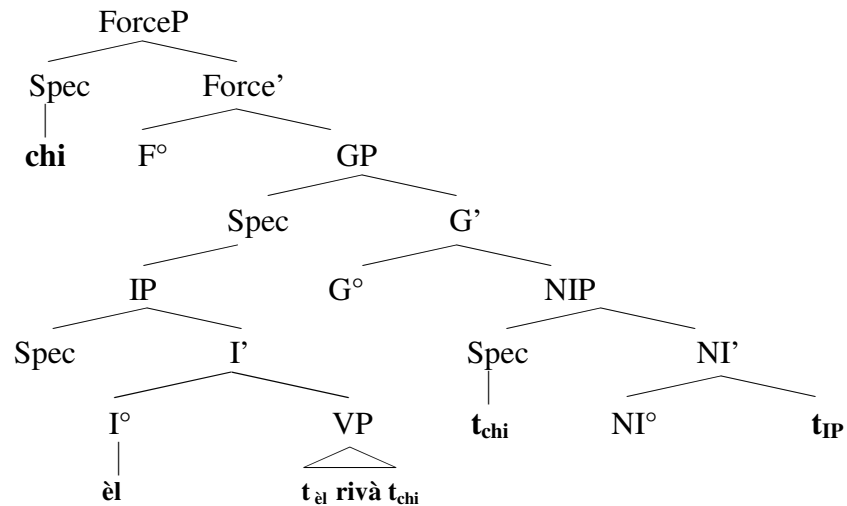
<sup>70</sup> Como não há ISC, a qual repele o sujeito da posição de especificador de IP, o *input* desta sentença tanto pode conter *chi* em posição pós-verbal, quanto em posição pré-verbal. Se ISC ocorre, o *input* conterá obrigatoriamente o sujeito em posição pós-verbal.

As árvores abaixo, mostram as derivações em (15') e (16'), respectivamente sem e com ISC:

(15'')



(16'')



Se o proclítico aparece junto ao auxiliar, a diferença será apenas de *input*, o qual conterà o clítico [*chi l'è rivà*]. No entanto, se um enclítico aparece em (16), o *input* não poderá ter *chi* na posição Spec,IP, como mostram os passos da derivação(16'')(ver também nota 70).

A derivação de uma sentença com verbos transitivos e intransitivos segue os mesmos passos das derivações acima com um verbo inacusativo. Com estes verbos, entretanto, o sujeito clítico neutro é incompatível.

Interrogativas com *wh* adjuntos deslocados se comportam como as sentenças contendo *wh*-objetos. Abaixo segue um exemplo em que ISC ocorre em uma interrogativa com o *wh come*:

- (17) Come èl susedest questo ?  
 Como è+cl-3<sup>a</sup>p.sg. acontecido isto  
 ‘Como isso aconteceu ?’

(17’) Input: [IP èl susedest questo come ]

a) Combine NI com IP e mova *wh*

[NIP come [IP èl susedest questo t<sub>come</sub> ]]

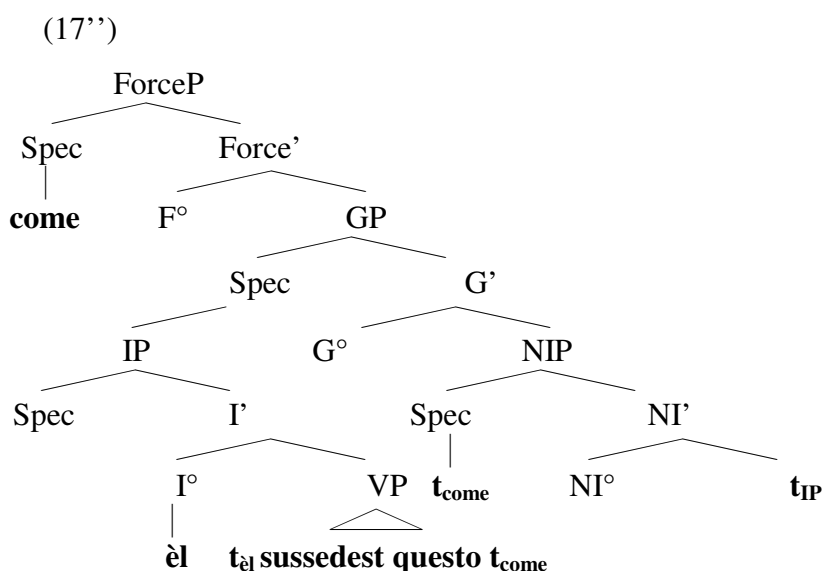
b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP èl susedest questo t<sub>come</sub> ] [NIP come ] [t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine Force com GP e mova o *wh*

[ForceP come [GP [IP èl susedest questo t<sub>come</sub> ] [NIP t<sub>come</sub> [t<sub>IP</sub>]]]]]

Em (17’'), vemos o resultado da derivação acima :





Esta derivação envolve movimento do *wh* de IP para Spec,ForceP, passando pelo Spec,NIP e subsequente movimento do resto do IP.

### 5.5.3 *Análise wh seguido por 'che'*

A estrutura assumida para derivar sentenças com *wh* deslocado será aqui utilizada para derivar estruturas em que o *wh* é seguido por *che*, como em (18):

- (18) *Cossa che la Maria l'a fat?*  
 O que que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem feito  
 'O que que a Maria fez?'

(18') Input: [IP *la Maria l'a fat* *coffa* ]

a) Combine NI com IP e mova *wh*

[NIP *coffa* [IP *la Maria l'a fat* *t<sub>coffa</sub>* ]]

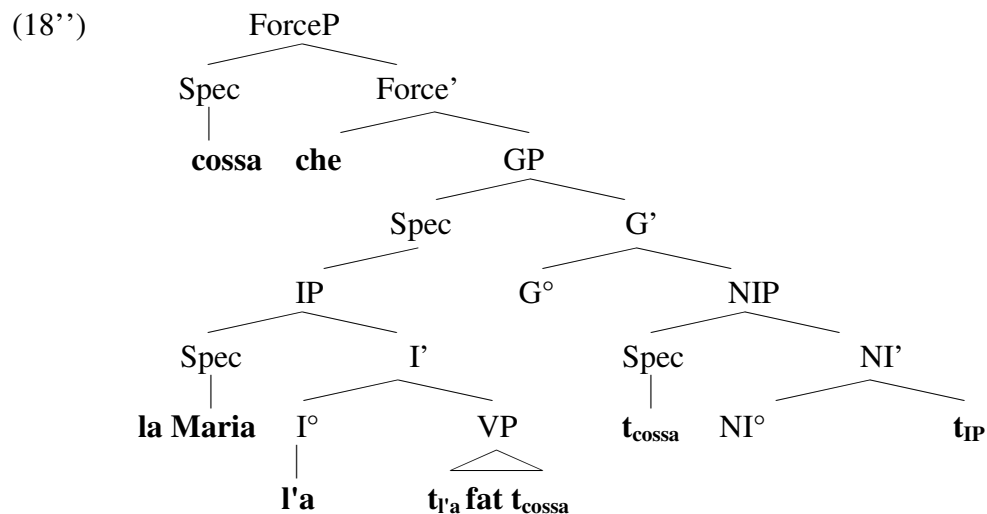
b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP *la Maria l'a fat* *t<sub>coffa</sub>* ] [NIP *coffa* ] [t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine *che* em Force com GP e mova o *wh*

[ForceP *coffa che* [GP [IP *la Maria l'a fat* *t<sub>coffa</sub>* ] [NIP *t<sub>coffa</sub>* [t<sub>IP</sub>]]]]]

Os passos em (18') são vistos em (18''):



Observe que o complementizador *che* é inserido em Force<sup>o</sup> no último passo da derivação, seguido pelo movimento do *wh* para a posição de especificador de ForceP. A pergunta que surge é: por que *che* não é combinado em NIP, no primeiro passo da derivação? Se *che* é combinado no núcleo de NIP e permanece nesta posição, a sentença resulta agramatical:.

- (19) \*Cossa la Maria l'a fat che ?  
O que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ tem feito que

*Che* em (19) tem que se mover para Force para que a sentença se torne gramatical. E só pode fazer isso ciclicamente passando pelo núcleo de GroundP. Este passo, embora possível, é mais custoso. Por essa razão, assumimos combiná-lo em Force<sup>o</sup>. Outra pergunta que surge é: por que, uma vez que *che* é combinado em Force, o recurso ao operador nulo não está mais disponível? Essa pergunta, entretanto, fica em aberto.

Sentenças com *che* seguindo o *wh* são compatíveis com ISC. Nestas, o sujeito aparece sempre deslocado. No exemplo abaixo, ele está deslocado à direita:

- (20) a. 'Ndo che èlo, l'ospital ?  
Onde que é+cl-3<sup>a</sup>p.sg., o hospital  
'Onde que ele fica, o hospital ?'  
  
b. 'Ndo che èl+la, la geladeira ?  
Onde que é+cl-3<sup>a</sup>p.sg., a geladeira  
'Onde que está a geladeira ?'

As sentenças em (20) também mostram que não há movimento de I<sup>o</sup> para Comp porque C<sup>o</sup> já está preenchido pelo complementizador *che*. A derivação de (20a), contendo ISC, é como em (20a')

- (20a') Input: [IP *pro* èlo 'ndo]  
a) Combine *l'ospital* em Spec,TopP com IP  
[TopP *l'ospital* [IP *pro* èlo 'ndo]]  
  
b) Combine NI com TopP e mova *wh*  
[NIP 'ndo [TopP *l'ospital* [IP *pro* èlo t<sub>'ndo</sub> ]]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

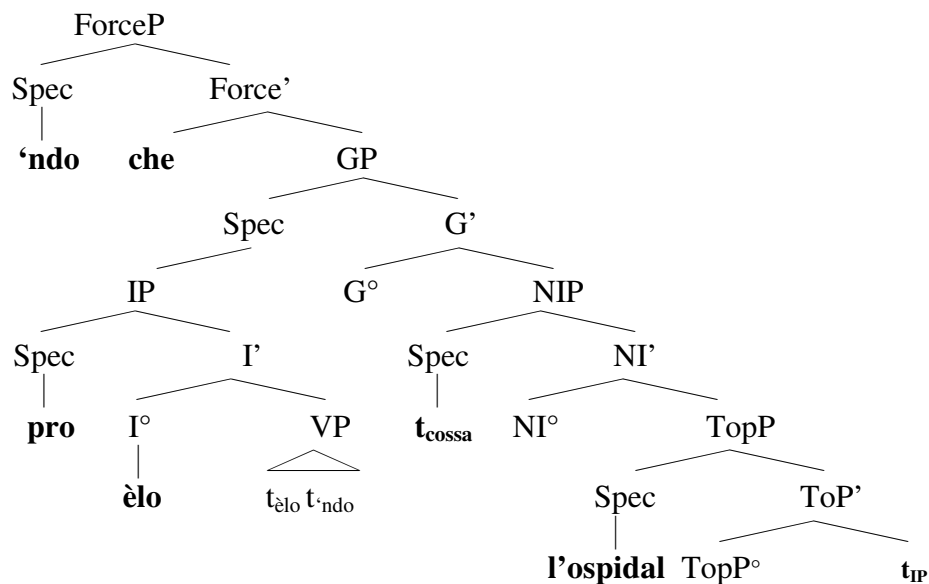
[<sub>GP</sub> [<sub>IP</sub> *pro* *èlo* *t*<sub>'ndo</sub> ] [<sub>NIP</sub> 'ndo [<sub>TopP</sub> *l'ospidal* [<sub>t<sub>IP</sub>]]]]</sub>

c) Combine *che* em Force com GP e mova o *wh*

[<sub>ForceP</sub> 'ndo *che* [<sub>GP</sub> [<sub>IP</sub> *pro* *èlo* *t*<sub>'ndo</sub> ] [<sub>NIP</sub> *t*<sub>'ndo</sub> [<sub>TopP</sub> *l'ospidal* [<sub>t<sub>IP</sub>]]]]]]</sub>

Os passos em (20a') são vistos em (20a''):

(20a'')



A ISC, vista em (20a''), não é obrigatória e nesse caso o sujeito não vai estar deslocado, mas contido no IP.

#### 5.5.4 *Análise wh seguido por 'è che'*

Se o *wh* é seguido por *è che* (21), a combinação de passos vai ser como em (21') :

- (21) Coss 'è che la Maria l'a fat ?  
 O que é que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem feito  
 'O que é que a Maria fez ?'

Como aqui a derivação fica muito extensa por causa dos passos envolvidos, vamos usar { } para possibilitar a localização rápida dos IP movidos.

(21') Input: [IP la Maria l'a fat *cozza* ]

a) Combine NI com IP e mova *wh*

[NIP *cozza* [IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP [IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  ] [NIP *cozza* [t<sub>IP</sub>]]]

c) Combine *che* em Force com GP e mova o *wh*

[ForceP *cozza che* [GP [IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  ] [NIP  $t_{cozza}$  [t<sub>IP</sub>]]]]]

d) Combine a cópula no núcleo de IP com ForceP

[IP *è* [ForceP *cozza che* [GP [IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  ] [NIP  $t_{cozza}$  [t<sub>IP</sub>]]]]]

e) Combine NIP com IP e mova o *wh*

[NIP *cozza* { IP *è* [ForceP  $t_{cozza}$  *che* [GP [IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  ] [NIP  $t_{cozza}$  [t<sub>IP</sub>]]]]} ]]

f) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

[GP { IP *è* [ForceP  $t_{cozza}$  *che* [GP { IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  } [NIP  $t_{cozza}$  [t<sub>IP</sub>]]]]} ] [NIP *cozza* [t<sub>IP</sub> ] ]]

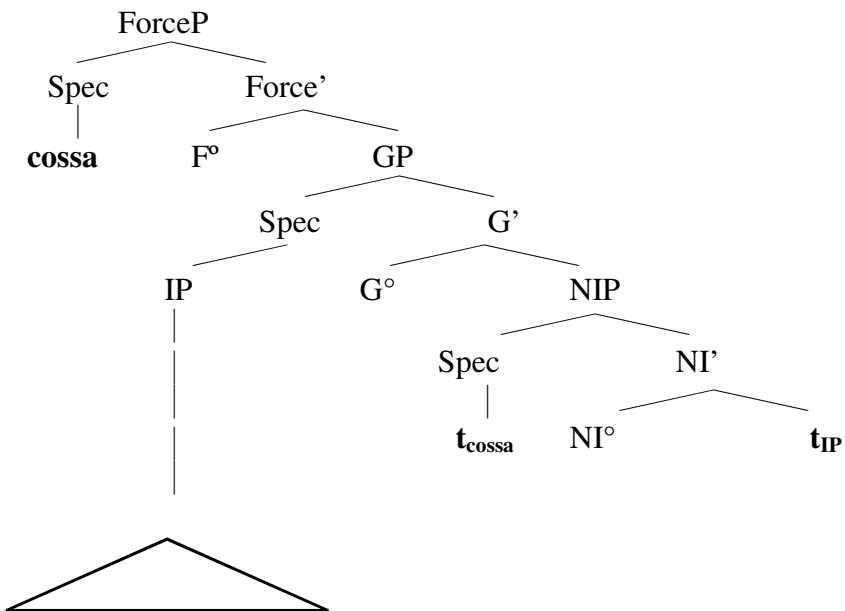
g) Combine Force com GP e mova o *wh*

[ForceP *cozza* [GP { IP *è* [ForceP  $t_{cozza}$  *che* [GP { IP la Maria l'a fat  $t_{cozza}$  } [NIP  $t_{cozza}$  [t<sub>IP</sub>]]]]} ] [NIP  $t_{cozza}$  [t<sub>IP</sub>]]]]]

Uma pergunta que surge com relação a esta derivação é: por que *cozza* não pode ficar no Spec do Force mais baixo (passo d) ? Porque o IP contendo a cópula não indica que a sentença é uma interrogativa e, por isso, é necessário combinar novamente NIP e mover o *wh*.

A árvore em (21'') mostra o resultado da derivação em (21):

(21'')



[IP è [ForceP t<sub>cossa</sub> che [GP [IP la Maria l'a fat t<sub>cossa</sub>] [NIP t<sub>cossa</sub> [t<sub>IP</sub>]]]]]

Junto à cópula da clivada, o clítico neutro poderá ocorrer, enclítico (22a) ou proclítico (22b):

- (22) a. Coss'èl che t'ai piantà ?  
 O que é+cl que cl-2<sup>a</sup>p.sg.+tem plantado  
 'O que é que tu plantaste?'
- b. Cossa l'è che t'ai piantà ?  
 O que cl+é que cl-2<sup>a</sup>p.sg.+tem plantado  
 'O que é que tu plantaste?'

A derivação da sentença em (22a) é como em (22'):

(22') Input: [IP *pro* t'ai piantà *cossa* ]

a) Combine NI com IP e mova *wh*

[NIP *COSSA* [IP *pro* t'ai piantà t<sub>cossa</sub> ]]

b) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

$$[_{GP} [_{IP} \textit{pro} \textit{t}'\textit{ai} \textit{piantà} \textit{t}_{\textit{cossa}}] [_{NIP} \textit{cossa} [_{t_{IP}}]]]]$$

c) Combine *che* em Force com GP e mova o *wh*

$$[_{\textit{ForceP}} \textit{cossa} \textit{che} [_{GP} [_{IP} \textit{pro} \textit{t}'\textit{ai} \textit{piantà} \textit{t}_{\textit{cossa}}] [_{NIP} \textit{t}_{\textit{cossa}} [_{t_{IP}}]]]]]]$$

d) Combine a cópula com o clítico neutro no núcleo de IP com ForceP

$$[_{IP} \textit{èl} [_{\textit{ForceP}} \textit{cossa} \textit{che} [_{GP} [_{IP} \textit{pro} \textit{t}'\textit{ai} \textit{piantà} \textit{t}_{\textit{cossa}}] [_{NIP} \textit{t}_{\textit{cossa}} [_{t_{IP}}]]]]]]]]$$

e) Combine NIP com IP e mova o *wh*

$$[_{NIP} \textit{cossa} \{ [_{IP} \textit{èl} [_{\textit{ForceP}} \textit{t}_{\textit{cossa}} \textit{che} [_{GP} [_{IP} \textit{pro} \textit{t}'\textit{ai} \textit{piantà} \textit{t}_{\textit{cossa}}] [_{NIP} \textit{t}_{\textit{cossa}} [_{t_{IP}}]]]]]]] \} ]$$

f) Combine Ground com NIP e mova o resto do IP

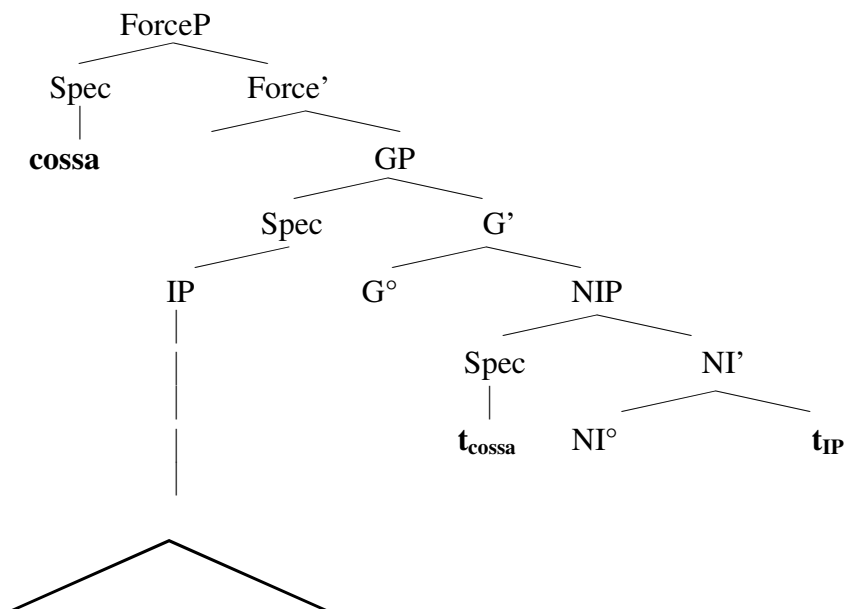
$$[_{GP} \{ [_{IP} \textit{èl} [_{\textit{ForceP}} \textit{t}_{\textit{cossa}} \textit{che} [_{GP} \{ [_{IP} \textit{pro} \textit{t}'\textit{ai} \textit{piantà} \textit{t}_{\textit{cossa}}] \} [_{NIP} \textit{t}_{\textit{cossa}} [_{t_{IP}}]]]]] \} ]$$

g) Combine Force com GP e mova o *wh*

$$[_{\textit{ForceP}} \textit{cossa} [_{GP} \{ [_{IP} \textit{èl} [_{\textit{ForceP}} \textit{t}_{\textit{cossa}} \textit{che} [_{GP} \{ [_{IP} \textit{pro} \textit{t}'\textit{ai} \textit{piantà} \textit{t}_{\textit{cossa}}] \} [_{NIP} \textit{t}_{\textit{cossa}} [_{t_{IP}}]]]]] \} ]$$

A árvore em (22'') mostra o resultado desta derivação:

(22'')



[IP èl [ForceP t<sub>cozza</sub> che [GP [IP IP pro t'ai piantà t<sub>cozza</sub>] [NIP t<sub>cozza</sub> [t<sub>IP</sub>]]]]]

Esta árvore mostra uma derivação em que o clítico neutro é combinado junto à cópula. No, entanto, em sentenças clivadas, este clítico também poderá ocorrer na sentença encaixada, dependendo do tipo de sujeito, como mostra (23):

- (23) a. Che veci è che l'è mort a Rodeio?  
 Que velhos é que é+cl morto em Rodeio  
 'Que velhos é que morreram em Rodeio?'
- b. Che veci l'è che l'è mort a Rodeio?  
 Que velhos cl+é que é+cl morto em Rodeio  
 'Que velhos é que morreram em Rodeio?'

Em (23a), vemos um sujeito-*wh* plural *che veci* e o clítico neutro encontra-se junto ao auxiliar *esser* (ser) da encaixada; já em (23b), além de ocorrer junto ao auxiliar *esser* da encaixada, ele ocorre junto à cópula da clivada. Estas sentenças vão ter em seus *inputs* o clítico neutro [*l'è mort che veci a Rodeio*], e seguirão os passos das derivações em (21) e (22) realizando o passo (d) de maneira diversa: (23a) vai combinar a cópula sem nenhum clítico, enquanto (23b) vai combinar a cópula com o clítico neutro.

### 5.5.5 *Para fechar*

Nesta seção reassumimos a proposta de M,P&P (2001) para derivar as sentenças com *wh* deslocado na periferia esquerda. Vimos que estas construções exibem a ordem [*wh* S (cl) V], mas podem exibir a ordem [*wh* (cl)V S] com verbos inacusativos. Tais ordens são também atestadas quando o elemento-*wh* é seguido por *che* ou *è che*.

Quanto às interrogativas com *wh che*, mostramos que a inserção do complementizador *che* ocorre em Force°, no último passo da derivação, seguido pelo movimento do *wh* para o especificador de ForceP. Mostramos também que a possibilidade de inserir *che* em NI°, e depois movê-lo para Force°, embora esteja disponível, é uma derivação menos econômica e, por esse motivo, não foi assumida.

Ainda em relação às interrogativas com *wh che*, vimos que elas são compatíveis com ISC. Nestas construções ISC também provoca o deslocamento do sujeito lexical, caso haja algum. A compatibilidade da ISC com o complementizador mostra que o verbo não sobe para Comp porque a posição C° já está preenchida pelo *che* e que, portanto, ISC acontece em outros níveis, em nossa assunção, em AgrS.

Quanto às interrogativas *wh è che*, destacamos a presença do clítico neutro junto à cópula da clivada. Tal clítico pode aparecer enclítico ou proclítico e, pode, ainda, comparecer na encaixada, dependendo do tipo de sujeito que a sentença apresenta.

## 5.6 *Ordenação dos constituintes nas interrogativas-wh*

A ordem dos constituintes - sujeito e verbo - em interrogativas tem sido discutida por muitos autores, dentre esses Poletto (1993a), Antinucci & Cinque (1997) Rizzi (1996), Ambar & Veloso (1999), Barbosa (1999), Cardinaletti (2001). Esses autores têm mostrado que em muitas línguas não é possível um sujeito em posição pré-verbal em sentenças interrogativas.

No DT, sentenças interrogativas com ISC são incompatíveis com um sujeito (nominal ou pronominal) em posição pré-verbal:



- (24) a. Stale 'ndove, lore ?  
Estão+cl-3<sup>a</sup>p.pl. onde, elas  
'Estão onde, elas?'
- b.\* Lore stale 'ndove  
Elas estão+cl-3<sup>a</sup>p.pl. onde
- (25) a. Cossa ala magnà, la Maria  
O que tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg.. comido, a Maria  
'O que ela comeu, a Maria?'
- b.\*Cossa la Maria ala magnà  
O que a Maria tem+cl-3<sup>a</sup>p.sg.. comido

Note que as sentenças gramaticais em (24) e (25) são aquelas em que o sujeito está deslocado à direita (cf. (24a) e (25a)). A incompatibilidade da ISC com um sujeito em posição pré-verbal se estende às sentenças em que o *wh* é seguido por *che* e *è che*.

Interrogativas com *wh in situ*, sem ISC, apresentam preferencialmente a ordem [**S** (cl) **V wh**]:

- (26) a. La Maria l'èi vegnuda come?  
La Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ è vegnuda como  
'Maria veio como?'
- b. Mi dormo 'ndove ?  
Eu durmo onde

Em (26a), vemos uma construção inacusativa em que o sujeito *la Maria* aparece pré-posto ao verbo; e, em (26b), vemos o pronome tônico *mi* anteposto ao verbo.

Interrogativas com *wh* deslocado exibem a ordem [**wh S** (cl) **V**], mas podem exibir a ordem [**wh** (cl) **V S**] com sujeito pronominais e em construções com verbos inacusativos:

- (27) a. Cossa i matelòti i a deti ?  
O que as crianças cl-3<sup>a</sup>p.pl. tem dito  
'O que as crianças disseram?'
- b. Com'è sussedest questo ?  
Como é acontecido isso  
'Como isso aconteceu ?'

- c. Cossa avé fumà voaltri ?  
 O que tem fumado vocês  
 ‘O que vocês fumaram ?’

Em (27a), o sujeito nominal *i matelòti* encontra-se em posição pré-verbal; em (27b), o sujeito *questo* ocupa a posição pós-verbal em uma sentença com o verbo inacusativo (*susseder* = acontecer); e, em (27c), o pronome tônico *voaltri* encontra-se posposto ao verbo *fumar*.

Em interrogativas com *wh* seguido por *che* e *è che*, o sujeito também pode estar posposto ou anteposto ao verbo, exibindo respectivamente as ordens [**wh che/è che S (cl) V**] e [**wh che/è che (cl) V S**]:

- (28) a. Cossa che magnevem voialtri ?  
 O que que comiam vocês  
 ‘O que que vocês comiam ?’
- b. Quande che l’è rivà el Giusepe ?  
 Quando che cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ è chegado o José  
 ‘Quando que o José chegou ?’
- c. Che bugia che la Maria l’a contà ?  
 Que mentira que a Maria cl-3<sup>a</sup>p.sg.+tem contado ?  
 ‘Que mentira que a Maria contou ?’
- (29) a. Coss’è che feve voialtri  
 O que é que fizeram vocês  
 ‘O que é que vocês fizeram ?’
- b. Nd’è che l’è nassest el Giusepe  
 Onde é que cl-3<sup>a</sup>p.sg.+ é nascido o José  
 ‘Onde é que o José nasceu ?’
- c. Coss’è che el Giusepe el t’a domandà  
 O que é que o José cl-3<sup>a</sup>p.sg. te tem perguntado  
 ‘O que é que o José te perguntou ?’

Nas sentenças em (28a) e (29a), vemos o pronome tônico *voaltri* posposto ao verbo; nas sentenças em (28b) e (29b), as quais contém verbos inacusativos (*rivar* em (28b) e *nascere*

(29b)), vemos o sujeito *el Giusepe* na posição pós-verbal; nas sentenças em (28c) e (29c), os sujeitos *la Maria* e *el Giusepe* se encontram antepostos ao verbo.

Vale ressaltar que a ordenação dos constituintes em sentenças contendo o elemento-*wh perché/parcossa* difere de sentenças contendo os demais elementos-*wh*. Com *perché/parcossa*, o sujeito sempre aparece em posição pré-verbal, seja ele tônico ou nominal:

- (30) b. Perché la tua fiola dorme de massa?  
 Por que a tua filha dorme tanto  
 ‘Por que a tua filha dorme tanto?’
- b.. Perché noi lavorem?  
 Por que nós trabalhamos  
 ‘Por que nós trabalhamos?’

Em (30a), temos o sujeito nominal *la tua fiola*; e, em (30b), o pronome tônico *noi*.

Feitas estas observações, podemos concluir que a ordem nas interrogativas do DT pode ser VS ou SV. A ordem VS, contudo, só poderá ocorrer se o sujeito for um pronome tônico ou um sujeito nominal em uma construção inacusativa.

### 5.7 Para fechar

Nesta seção, mostramos a ordem dos constituintes sujeito e verbo nas sentenças interrogativas do DT. Constatamos que, em interrogativas com ISC, o sujeito deve estar sempre deslocado, à direita, ou à esquerda; em interrogativas com *wh in situ*, o sujeito aparece preferencialmente em posição pré-verbal; já em interrogativas com *wh* deslocado, seguido ou não por *che* e *è che*, o sujeito pode estar posposto ou anteposto ao verbo. Pospostos ao verbo aparecem os sujeitos pronominais e sujeitos nominais em construções inacusativas. Constatamos, ainda, que a regra de ordenação dos constituintes sujeito e verbo em sentenças contendo o elemento-*wh perché/parcossa* não é a mesma que para os demais. Com *perché/parcossa*, o sujeito sempre aparece em posição pré-verbal, seja ele tônico ou nominal.

## *Considerações finais*

Este trabalho teve por objetivo central descrever e analisar interrogativas-*wh* matrizes no dialeto trentino de Rodeio. O estudo contemplou três fenômenos: a ISC, a possibilidade de o elemento-*wh* permanecer *in situ* e a ocorrência do *wh* no início da sentença, seguido ou não por *che* e *è che*. O estudo também focalizou a ocorrência dos sujeitos clíticos no DT, uma vez que a presença destes elementos estava diretamente relacionada aos fenômenos analisados.

Quanto aos sujeitos clíticos, mostramos que o DT apresenta um paradigma defectivo, dispondo de formas apenas para três pessoas do verbo: *te* para a 2<sup>a</sup>p.sg., *lo* e *la*, respectivamente masculino e feminino para a 3<sup>a</sup> p.sg., e *i* e *le* para as 3<sup>as</sup>ps.pl., masculino e feminino. Quanto ao comportamento destes clíticos, apontamos que somente o da 3<sup>a</sup>p.pl. é obrigatório quando não há nenhum outro sujeito (nominal ou pronominal) na sentença. Traçamos também o comportamento dos sujeitos clíticos quando a posição de sujeito está lexicalmente preenchida, e constatamos que eles são compatíveis com definidos, indefinidos e QPs em posição pré-verbal; comparecem opcionalmente quando há definidos e QPs em posição pós-verbal, mas nunca comparecem com indefinidos nesta posição. Em relação à posição, constatamos que os sujeitos clíticos em declarativas são sempre proclíticos, enquanto em interrogativas tanto podem aparecer enclíticos quanto proclíticos. Quando enclíticos podem alterar a forma. Além dos sujeitos clíticos variáveis, os quais compartilham traços com o sujeito das sentenças, junto ao verbo *esser* pode aparecer um clítico neutro, o qual se apresenta na forma não-marcada da 3<sup>a</sup>p.sg.

Para tratar os clíticos do DT, adotamos Poletto (2000) e propomos que não é necessário assumir a implosão total de *AgrS* para alojá-los. Assumimos que os clíticos nascem na posição HearerP: os de pessoa permanecem ali enquanto os de número se movem para NumberP para checar seus traços de gênero e de número. Propomos que é possível acomodar o clítico neutro do DT, não previsto na classificação de Poletto, na posição HearerP, considerando que o seu traço distintivo é [-ouvinte].

É válido comentar que o dialeto trentino de Rodeio não se comporta como a maioria dos dialetos do norte da Itália: das vinte e sete variantes dialetais analisadas por Renzi & Vanelli (1983), dez apresentam sujeitos clíticos da 2ªp.sg e 3ªp.sg e pl. obrigatórios, inclusive o dialeto trentino. A não-obrigatoriedade dos sujeitos clíticos é observada no dialeto de *Gorizia*, em que os falantes são bilíngües. Neste dialeto, a não-obrigatoriedade é permitida somente para a parte da população que é bilíngüe. Estes fatos lançam a seguinte pergunta: dado que os falantes são, na sua maioria, bilíngües, estaria o português, língua que não apresenta sujeitos clíticos, interferindo na gramática do DT ? Como esse não foi um dos objetivos de nossa pesquisa, fica como sugestão para trabalhos futuros.

Quanto à ordenação dos constituintes, constatamos que nas declarativas o sujeito lexical normalmente aparece anteposto ao verbo, exibindo a ordem S (cl)V, embora, em contextos específicos, possa ocorrer em posição pós-verbal. Também nas interrogativas estas duas ordens são possíveis, sendo que (cl) VS é favorecida sempre que sujeitos pronominais aparecem ou as sentenças contêm verbos inacusativos.

Ao analisarmos o comportamento de interrogativas contendo ISC, constatamos que sua ocorrência é incompatível com a presença de um sujeito lexical em Spec, IP. Se ISC ocorre, o sujeito deve estar deslocado à direita ou à esquerda. Isso se deve ao fato de que [V+encl] checam EPP e, por isso, o sujeito não pode estar em tal posição. Mostramos que ISC, sendo compatível com complementizador, não envolve movimento do verbo para C°, e propomos que ela ocorre em AgrS, na posição HearerP, onde o traço [+/- ouvinte] é codificado. Como ISC é opcional no DT, propomos também que a escolha em realizá-la está relacionada à decisão do falante em envolver ou não o ouvinte na pergunta.

Ao tratarmos das interrogativas contendo o elemento-*wh in situ*, adotamos a proposta de Munaro, Poletto & Pollock (2001). De acordo com esta análise, só aparentemente o *wh* se mantém *in situ*, pois ele é sempre movido para a NIP, onde é o traço [+NI] (=foco) é checado. Assumimos, à la Cheng & Roorych (2003), que um morfema interrogativo se encontra em ForceP em estruturas com *wh in situ*. A descrição dos dados revelou que todos os elementos-*wh* do DT podem ficar (aparentemente) *in situ*, sejam eles nus ou complexos. Também revelou a ocorrência do fenômeno em sentenças encaixadas, embora essas não tenham sido alvo da pesquisa. Ao procedermos a análise, nos moldes de M,P&P (2001), constatamos que os objetos, quando topicalizados, podem ser retomados por um clítico objeto. Todavia, objetos em posição A (dentro do IP) são incompatíveis com

clítico objeto. Os sujeitos, ao contrário, quando topicalizados, podem ser retomados por sujeitos enclíticos e proclíticos. Contudo, ressaltamos que os proclíticos são compatíveis com sujeito em posição A (Spec,IP ou dentro do VP), enquanto os enclíticos são incompatíveis com sujeito em posição A (Spec,IP).

Analisamos as sentenças com elementos-*wh* deslocados nos mesmos moldes em que a realizamos para o *wh in situ*. Vimos que os passos derivacionais nestas sentenças são idênticos aos realizados em interrogativas com *wh in situ*. A única diferença é o passo obrigatório que o *wh* deve realizar quando está deslocado, ou seja, o movimento para a checagem do traço [+force] em Spec,ForceP. Constatamos que a inserção de *che* e *è che* na derivação impossibilita o *wh* de permanecer em Spec,NIP. Ainda, quanto às interrogativas *wh è che*, destacamos a presença do clítico neutro junto à cópula da clivada. Tal clítico pode aparecer enclítico ou proclítico e sua inserção na derivação se dá no mesmo momento da inserção da cópula.

Por fim, gostaríamos de abordar alguns aspectos da relação do DT com o TR, embora nosso objetivo nesta pesquisa tenha sido analisar somente o DT e suas propriedades em interrogativas-*wh*. Da mesma forma que no DT, ISC é atestada no TR e seu uso não é obrigatório, embora mais freqüente entre os informantes do que no dialeto falado em Rodeio. Outros dialetos italianos, como o *padovano*, são mais conservadores em relação a esse fenômeno e apresentam ISC obrigatória em todas as perguntas diretas. Já o *triestino* não apresenta nenhum tipo de inversão, enquanto o se *veneziano* configura como um dialeto intermediário, pois ISC é uma estratégia disponível, porém restrita a um grupo de verbos atemáticos.

Também a possibilidade de o *wh* permanecer *in situ* é atestada em dialetos italianos. Conforme vimos, o *bellunese* é um dialeto que combina *wh in situ* com inversão obrigatória do sujeito clítico. O TR, por sua vez, não realiza seus elementos-*wh in situ*, deslocando-os obrigatoriamente para a periferia esquerda da sentença.

Sentenças com *wh* seguido por *che* e *è che* também são usadas em interrogativas do TR. Neste dialeto, os sujeitos nominais e pronominais aparecem sempre em posição pós-verbal. No DT, ao contrário, os sujeitos aparecem em posição pré-verbal, com exceção das construções inacusativas, as quais favorecem a ordem VS.

Os dados do TR falado na Itália nos permitem postular que certos aspectos nas interrogativas do DT, tais como a clivagem, a ISC e a presença do clítico neutro podem ser

traços de conservação da sintaxe do dialeto trentino transplantado para o Brasil. Entretanto, outros aspectos, tais como a possibilidade de deixar o *wh in situ*, a qual não é atestada no TR, podem indicar que o DT sofra uma possível interferência da gramática do português. Passados quase 130 anos da imigração, o dialeto trentino se mantém em paralelo com o português brasileiro, embora em uma situação de bilingüismo instável, porque as novas gerações se relacionam passivamente com o dialeto e falam exclusivamente o PB.

Esperamos com a descrição das interrogativas-*wh* ter contribuído para pesquisas futuras que tenham por objetivo não só estudar estas construções, mas também para trabalhos que forneçam uma visão detalhada da gramática do DT. Dessa forma, este estudo se configura como uma vírgula e não um ponto final.

## *Referências bibliográficas*

- AMBAR, M. & VELOSO, R. (1999). *On the nature of wh phrases – extraction, wh in situ and word order – Evidence from Portuguese, French, Hungarian and Tetum*. ms. Universidade de Lisboa.
- ANTINUCCI, F. & CINQUE, G. (1977) “Sull’ordine delle parole in Italiano: l’emarginazione”. In: *Studi di Grammatica Italiana*. pp.121-146.
- AOUN, J. & LI, Y.A (1993) “Wh-Elements in Situ: Syntax or LF?” In: *Linguistic Inquiry*. 24. n.2. pp.199-238.
- BARBOSA, P. (1999) *On Inversion in Wh-questions in Romance*. Ms. Universidade do Minho, Lisboa.
- BELLETTI, A.(1990). *Generalized Verb Movement*. Turim: Rosenberg and Sellier.
- BENINCÀ, P.& VANELLI, L. (1982) “Appunti di sintassi veneta”. In: M. Cortelazzo (ed) *Guida ai dialetti veneti IV*. CLEUP Padova. pp. 7-38.
- BENINCÀ, P. (1987) “Qualcosa ancora sulla Koinè medievale alto-italiana”. In: *Koinè in Italia dalle origini al cinquecento – Atti del convegno di Milano e Pavia*. pp. 319-329.
- \_\_\_\_\_ (1988) “L’ordine degli elementi della frase e le costruzioni marcate”. In: *Grande Grammatica di Consultazione*. L. Renzi (org) V-2. pp.115-225.
- \_\_\_\_\_ (1989) “Friaulish: Interne Sprachgeschichte I. Grammatik”. In: G.Holtus, M. Metzeltin & C.Schimit(eds).*Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Niemeyer. V-III. pp.563-585.
- \_\_\_\_\_ (1994) *La Variazione Sintattica*. Bologna: Mulino.



- \_\_\_\_\_ (1997) “Gli elementi interrogativi nel dialetto di Monno.” In: *Quaderni di Lavoro dell’ASIS*. Padova. pp.13-28.
- \_\_\_\_\_ (2001) “ ‘Lingua’ e ‘dialetto’ ” alla luce della teoria linguistica. In: *Quaderni di dialettologia* 5. G. Marcato (org). Padova: Unipress. pp. 13-24.
- BENINCÀ, P. & POLETTI, C. (1999) “Topic, Focus and V2: defining the CP sublayers”. Ms. University of Padova, CNR.
- BERTOLUZZA, A. (1996) *Dizionario dell’ antico dialetto trentino*. Trento: L’Adige
- BIASETTO, A. (1996) *Dizionario tesino - Dialèto e dèrgo de Castèl Tasin*. Rovereto: Osiride.
- BONATTI, M. (1978). *Acculturazione Linguistica-Il dialetto delle colonie trentine in Brasile*. S.Michele all’Adige: Museo degli usi e costumi della gente trentina.
- BOSO, I.M. (1992) *Entre passado e futuro- bilingüismo em uma comunidade trentino-brasileira*. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- \_\_\_\_\_ (2002) *Noialtri chi parlen tuti en talian – dialetti trentini in Brasile*. Trento: Museo storico, Archivio della scrittura popolare. Testi 12.
- BRANDI, L. & CORDIN, P. (1981) “Dialetti e italiano: un confronto sul parametro del soggetto nullo”. In: *Rivista di Grammatica Generativa* 6. pp. 33-87.
- \_\_\_\_\_ (1989) “Two Italian dialects and the null subject parameter” In: O. Jaeggli & K.J. Safir (eds) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. pp.111-142.
- CANI, I. M (1997) *Rodeio - “Vale dos Trentinos”*. Rodeio, Prefeitura Municipal
- CARDINALETTI, A. (1988) “A second thought on Emarginazione: Destressing vs. Right Dislocation”. In: *Working Papers in Linguistica*. V 8, n°2.

- \_\_\_\_\_ (2001) *Subjects and Wh-questions*. Ms. University of Venice.
- CHENG, L. & ROORICK, J. (2003). “Types of Wh in situ”. Ms. Leiden University.
- CHOMSKY, N. (1995) *Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CINQUE, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press.
- CORDIN, P. (1993) “Dative Clitics and Doubling in Trentino”. In: A. Belletti (ed) *Syntactic Theory and The Dialects of Italy*. Turin: Rosenberg & Sellier. pp.130-154.
- CARDONA, G.R. (1987) “Il Concetto di Koinè”. In: *Koinè in Italia dalle origini al cinquecento – Atti del convegno di Milano e Pavia*. pp. 25-34.
- CORRÀ, L. (2001) “ I Veneti in Brasile. Koinè dialettale come superamento dei confini?”. In: *Quaderni di dialettologia 5*. G. Marcato(org). Padova:Unipress. pp. 279-288.
- DEVOTO, G. & GIACOMELLI, G. (1975) “Trentino-Alto Adige”. In: *I dialetti delle regioni d’Italia*. Firenze: Sansoni. pp.41-47.
- FIENGO, R. et al (1988) “The Syntax of wh-in-situ”. In: *Proceedings of the Seventh West Coast Conference on Formal Linguistic*. pp.81-99.
- FROSI, V. (2001) “L’italiano standard e dialetti italiani in Brasile”. In: *Quaderni di dialettologia 5*. G.Marcato (org). Padova: Unipress. pp. 253-264.
- GARZONIO, J. (2003). “Sintassi delle interrogative non canoniche in fiorentino: un esempio di microvariazione”. In: *IX Giornata di Dialettologia. Padova*.

- GRIGNANI, M.A. (1987) “Koinè nell’Italia Settentrionale-note sui volgari scritti settentrionali”. In: *Koinè in Italia dalle origini al cinquecento – Atti del convegno di Milano e Pavia*. pp. 36-53.
- GROFF, L. (1982) *Dizionario Trentino-Italiano*. Trento: Casa Editrice G.B. Monanni.
- HUANG, J. (1982) *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. Doctoral dissertation, MIT. Cambridge, Mass.
- HUDDLESTON, R. (1994) “The contrast between interrogatives and questions”. In: *J.Linguistics* 30. Cambridge University Press. pp. 411-439.
- JAEGGLI, O. (1982) *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris.
- KATO, M.A. (2000) “The Partial Pro-Drop Nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese”. In: M. Kato & E. Negrão(eds) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana. pp.207-240.
- KATO, M.A. & MIOTO, C. (2002). “ Interrogativas encaixadas no português europeu e no português brasileiro”. Ms. UFSC, UNICAMP.
- KAYNE, R. (1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- LENARD, A. (1976) *Lealdade Lingüística em Rodeio*. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- LOPES ROSSI, M.A.G.(1996) *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- MENGARDA, E.J. (1996) *Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense*. Dissertação de Mestrado, UFSC.

- MIOTO, C. (1994) “As Interrogativas no Português Brasileiro e o Critério-*wh*.” *Revista Letras de Hoje* 96. pp.19-33.
- \_\_\_\_\_ (2001) “Sobre o sistema CP no Português Brasileiro”. In: *Revista Letras* 56. pp. 97-139.
- MIOTO, C.& FIGUEIREDO SILVA, M.C.(1995) “Wh que +Wh é que?”. In: *D.E.L.T.A* 11. pp. 301-311.
- MONTERIO, M.S. (1990) *Aspectos lingüísticos do distrito de Invernada-Grão-Pará – Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- MUNARO, N.(1999) *Sintagmi interrogativi nei dialetti italiani settentrionali*. Padova: Unipress.
- MUNARO, N. (2002) “Splitting up subject clitic-verb inversion”. In: C.Beyssade,R.Bok-Bennema, F. Drykongingem & P. Monachesi (eds) *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdam/Philadelphia:John Benjamins. pp. 233-252.
- MUNARO, N. & OBENAUER, H-G. (2001) “On the semantic widening of underspecified *wh*-elements”. In: M.Leonetti, O.Fernández Soriano & V.E. Vidal (eds) *Current Issues in Generative Grammar*. Universidad de Alcalà, Universidad Nacional de Educacion a Distancia, Universidad Autònomade Madrid. pp. 165-194.
- MUNARO, N., POLETTTO,C. & POLLOCK,J-Y.(2001). “Eppur si muove! On Comparing French and Bellunese Wh-Movement”. In: P.Pica & J. Rooryck (eds) *Yearbook of Comparative Linguistics*. Elsevier.
- MUNARO, N. & POLLOCK, J. Y. (2000) “Qu’est-ce que (*qu*)-est-ce que ? A Case Study in Comparative Romance Interrogative Syntax”. In: G.Cinque & R. Kayne (eds) *Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press.

- OBENAUER, H-G. (2003) “Non standard *wh*-questions and alternative checkers”. Ms.
- PELLEGRINI, G.B. (1990) “Tra italiano regionale e coinè dialettale”. In: *Società di linguistica* 25. Roma: Bulzoni. pp.5-26.
- PESETSKY, D. (1987) “Wh *in situ*: movement and unselective binding”. In: E.J. Reuland & A.G.B. Ter Meulen(eds).*The representation of (In) definiteness*. Cambridge Mass: MIT Press. pp.99-129.
- POLETTI, C. (1993a) *La Sintassi del Soggetto nei Dialetti Italiani Settentrionali*. Padova Unipress.
- \_\_\_\_\_ (1993b) “Subject Clitic/Verb Inversion in North Eastern Italian Dialects”. In: A. Belletti (ed) *Syntactic Theory and the dialects of Italy*. Torino: Rosenberg & Sellier. pp.204-251
- POLETTI, C.(2000)*The Higher Functional Field-Evidence from Northern Italian Dialects*. New York: Oxford University Press
- POLETTI, C. (2001) “Confini all’interno del parlante: l’interferenza tra grammatica dialettale e quella italiana”. In: *Quaderni di dialettologia* 5. G. Marcato (org). Padova: Unipress. pp. 159-165.
- POLLETO, I.G. (1987) *Italianos em Joaçaba: estudo histórico e sociológico do núcleo italiano da micro-região do meio-oeste catarinense*. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- POLETTI, C. & POLLOCK, J-Y. (2002) “On Wh clitics, Wh doubling and Apparent Wh *in situ* in French and some North Eastern Italian Dialects”. Ms. Università di Padova – Université de Picardie à Amiens.
- POLETTI, C.&VANELLI, L. (1993) “Gli introduttori di frasi interrogative nei dialetti settentrionali.” In: *Atti del convegno internazionale di studi*. Trento.

RENZI, L. & VANELLI, L. (1983) "I pronomi soggetto in alcune varietà romanze". In: *Scritti Linguistici in onore di Giovan Battista Pellegrini*. Pisa: Pacini. pp.121-145.

RIZZI, L. (1986) "On the Status of Subject Clitics in Romance" In: O. Jaeggli & C. Silva-Corvolán, (eds) *Studies in Romance Linguistic*. Dordrecht-Holland/Riverton- Riverton-USA: Foris. pp.391-419.

RIZZI, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.

\_\_\_\_\_ (1996) "Residual V-Second and the Wh-Criterion". In: A. Belletti & L. Rizzi (eds.) *Parameters and Functional Heads*. Oxford University Press. pp.63-90.

\_\_\_\_\_ (1997) "The Fine Structure of the Left Periphery". In: L. Haegeman, *Elements of Grammar*. Kluwer, Dordrecht. pp.281-337.

RIZZI, L. & ROBERTS, I. (1989) "Complex Inversion in French". In: *Probus 1* Vol. 1 pp.1-30.

ROHLFS, G. (1969) "La frase interrogativa". In: *Grammatica Storica della lingua italiana e dei suoi dialetti. Sintassi e formazione delle parole*. Torino: Einaudi. pp. 155- 160.

ROBERTS, I (1993) "The nature of Subject Clitics in Franco-Provençal Valdostain". In: A. Belletti & Rizzi, L. (eds) *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University press. pp. 319-353.

\_\_\_\_\_ (1991) *Verbs and Diachronic Syntax*. Studies in Natural Language e Linguistic Theory. Dordrecht: Kluwer.

SHI, D. (1994) "The nature of Chinese *wh*-questions". In: *Natural Language and Linguistic Theory 12*. pp.301-333.

SIEGEL, J. (1985) "Koinés and Koineization". In: *Language and Society 14*. Cambridge University Press. pp357-378.

ŠEBESTA, G. (1980) *Fiaba-Leggenda dell'Alta Valle Fèrsina*. S.Michele all'Adige. Museo degli usi e costumi della gente trentina.

SPORTICHE, D (1997) "Subject Clitics in French and Romance". In: K, Johnson & I, Roberts(eds) *Complex inversion and clitic doubling. Studies in Comparative Syntax*.: Dordrecht: Kluwer. pp. 1-39

ZANELLA, F. (1985) *A Mortalidade lingüística do dialeto italiano em Taió-SC*. Dissertação de Mestrado, UFSC.

ZÖRNER, L. (1989) "Il dialetto di Cembra e dei suoi dintorni. Descrizione fonológica, storico-fonetica e morfosintattica. In: *Annali di S.Michele n° 2*. Trento: Museo degli usi e costumi della gente trentina. pp. 193-296.